



Centro Universitário de Brasília (UniCEUB)

Faculdade de Ciências da Educação e Saúde (FACES)

CAMILA DE OLIVEIRA BICALHO

**A VIVÊNCIA ATIVA DA PATERNIDADE E SUA INFLUÊNCIA NOS SENTIDOS  
EMPREGADOS PELOS PAIS SOBRE MASCULINIDADES**

Brasília

2021

CAMILA DE OLIVEIRA BICALHO

**A VIVÊNCIA ATIVA DA PATERNIDADE E SUA INFLUÊNCIA NOS SENTIDOS  
EMPREGADOS PELOS PAIS SOBRE MASCULINIDADES**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde (FACES), do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) como requisito parcial para conclusão do curso de graduação em Psicologia

Professor-Orientador: Doutor Lucas Alves Amaral

Brasília

2021

## **Agradecimentos**

Queria agradecer:

Primeiramente a minha família, por todo apoio em fazer essa pesquisa, ouvirem meus medos, revisarem meus textos, olharem a formatação, não foi fácil, mas ter vocês ao meu lado tornou tudo mais tranquilo.

Ao Junior, Tobias e Jolie, por serem tão companheiros e ficarem ao meu lado na construção dessa pesquisa.

Aos meus amigos de João Pessoa, por me acolherem ao longo da vida e aceitarem ser meu público teste na aplicação de dinâmicas. Um agradecimento especial para Raphaella e Sebastião, vocês foram os primeiros a compartilharem meu desespero e estarem sempre disponíveis a me ajudar.

Aos amigos que fiz ao longo do curso, pelo suporte emocional, com a ajuda nos trabalhos, você são incríveis e fico feliz de poder compartilhar essa história com vocês. Em especial a Célia e Pedro, melhor dupla para tudo, trabalhos e conversas.

A Bárbara, suas ideias, leituras e percepções ajudaram essa pesquisa a ter muito mais qualidade, e seu acolhimento a tornou possível de ser feita.

Aos professores e professoras que tive ao longo da graduação, cada um de vocês permitiu que eu me tornasse uma profissional e uma pessoa melhor.

Ao meu orientador, Lucas Amaral, que aceitou fazer essa pesquisa com um tema tão pouco falado, pelos ensinamentos e pela compreensão ao longo do caminho.

Aos participantes dessa pesquisa, foi um prazer tê-los conhecido e por terem compartilhado suas histórias comigo, obrigada por fazerem parte dessa jornada e por contribuírem com a pesquisa brasileira.

A mim mesma por não ter desistido da pesquisa, além de ter buscado ser mais respeitosa e acolhedora aos meus processos.

## **RESUMO**

A masculinidade hegemônica demanda aos homens que sejam emocionalmente distantes com os outros e tenham como foco o sucesso no trabalho, o que os leva a desenvolverem uma relação emocionalmente distante e serem pouco presentes com os filhos. O que vai de encontro com a paternidade ativa, quando o homem, além de ser presente, busca ter uma conexão afetiva com seus filhos, por isso essa pesquisa busca compreender como a vivência da paternidade ativa pode influenciar nos sentidos empregados pelos pais sobre a sua masculinidade. Para isso foram entrevistados nove homens diversos que exerciam paternidade ativa e usavam as redes sociais para abordar assuntos voltados para masculinidades e paternidades. Foi utilizada para análise de conteúdo a revisão bibliográfica com subsídio de alguns aspectos da teoria da subjetividade. Por fim, conclui-se que os homens que exerciam uma paternidade ativa buscavam uma divisão mais equânime de atividades domésticas, serem figuras presentes nas vidas dos filhos, serem emocionalmente vulneráveis com eles e outras pessoas ao seu redor.

Palavras-chave: masculinidade, paternidade, gênero, relacionamento familiar.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
OBJETIVOS.....	11
Objetivo Geral .....	11
Objetivos Específicos .....	11
1 GÊNERO E MASCULINIDADES.....	12
2 DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO PÚBLICO E PRIVADO E IMPACTOS NO CUIDADO.....	17
3 PATERNIDADES.....	20
3.1 O NÃO LUGAR NA PATERNIDADE.....	20
3.2 TIPOS DE PATERNIDADE.....	23
4. TEORIA DA SUBJETIVIDADE DO GONZÁLEZ REY .....	27
5 MÉTODO.....	31
5.1 PROCEDIMENTOS.....	32
5.1.1 Etapa 1 .....	32
5.1.2 Etapa 2 .....	32
5.1.2 Etapa 03 .....	33
5.1.4 Etapa 04 .....	34
5.1.6 Etapa 06 .....	36
5.1.7 Cronograma de execução.....	36
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	38
6.1 OS SENTIDOS DE PATERNIDADE ATIVA NA VIVÊNCIA DE DIFERENTES HOMENS PAIS PLURAIIS;.....	38
6.1.1 Como se percebeu pai .....	41
6.1.2 Rotinas práticas em relação aos diferentes perfis de pais entrevistados.....	44

6.1.3	Crítica à idealização da paternidade e críticas aos modelos de paternidades falhas..	47
6.1.4	Ativismo da paternidade ativa: trabalho com grupos de homens, nas redes sociais, etc	50
6.2	O IMPACTO DA PATERNIDADE NA AUTOPERCEPÇÃO DA MASCULINIDADE.....	52
6.2.1	As ausências masculinas e referências negativas na vida do sujeito como homem ..	54
6.2.2	Mudanças na relação com os outros .....	58
6.2.3	Mudanças no processo de autocuidado.....	60
6.3	DESAFIOS DE PATERNIDADES PLURAIS .....	64
6.3.1	Não se sentir pertencente dentro de um espaço .....	65
6.3.2	A questão da identidade do pai e os efeitos das estruturas de discriminação social..	69
6.3.3	Preconceito e falta de espaço em grupos de apoio para pais .....	74
	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	78

## INTRODUÇÃO

Segundo Connell e Messerschmidt (2013), a masculinidade hegemônica consiste em um conjunto de práticas e expectativas impostas que permitem a dominação de homens sobre as mulheres. Dentro dessa masculinidade há uma delimitação clara quanto à divisão de tarefas para os cuidados dos filhos. A mulher deve arcar com as demandas domésticas e cuidado com os filhos, enquanto o homem deve prover financeiramente aquele núcleo. É possível perceber essa divisão sendo socialmente construída desde a infância, quando meninas são incentivadas a brincar de boneca, casinha, atividades voltadas ao cuidado e o ambiente dentro do lar, enquanto meninos são incentivados a jogar bola, carrinho e atividades que remetem ao ambiente externo ao domiciliar.

De acordo com Lira, Dominico e Nunes (2019) desde cedo homens e mulheres são socializados de modos distintos em relação aos cuidados domésticos e familiares. Para os autores, os brinquedos carregam um simbolismo do momento cultural e histórico em que os sujeitos foram criados, podendo alterar o desenvolvimento da criança e reforçar papéis rígidos de gênero. Já na vida adulta o Estado reforça essa divisão de papéis ao delimitar, entre outras coisas, cento e vinte dias de licença-maternidade enquanto que a licença-paternidade, atualmente, é de apenas cinco dias<sup>1</sup> - com exceção de alguns casos, como ocorre na adoção unilateral -, tornando o tempo de cuidado integral das crianças muito curto para os pais.

Essa vivência força homens a se submeterem a situações trabalhistas insalubres como forma de arcar com as despesas que uma criança pode gerar e, pela rigidez do papel esperado socialmente a ser desempenhado, os homens, ainda que adoecidos, tendem a não compartilhar suas dores e pedir ajuda, pois isso os tornaria “menos” homens. Como hooks (2004) traz, o ser homem na sociedade patriarcal envolve provar sua masculinidade por meio da solidão, da desconexão com os outros e, conseqüentemente, consigo mesmo. Isso impede muitos de vivenciarem de forma plena suas emoções, levando também a um distanciamento emocional com seus filhos.

A falta de participação masculina e a imposição social de cuidar como sendo unicamente feminina acarreta às mães, de forma geral, uma sobrecarga, levando-as a deixarem de lado a si mesmas para conseguir cuidar do lar e dos filhos (LANGARO;

---

<sup>1</sup> Pela legislação é garantido a todos os trabalhadores o direito de cinco dias de licença a paternidade, mas caso a empresa esteja associada ao Programa Empresa Cidadã a licença pode ser estendida por mais quinze dias aos homens, totalizando vinte dias de licença.

PRETTO, 2015). Uma das consequências desse fenômeno pode ser o uso de medicamentos para "dar conta" das tarefas domésticas e maternas (RABELO; ARAÚJO; 2011).

A paternidade ausente, típica da performance de uma masculinidade hegemônica, afeta profundamente as crianças. Essas podem vir a se tornar carentes pelo amor do pai, visto que as emoções dessa figura paterna tendem a ser pouco expressivas. Além disso, esse pai tende a repreender seus filhos caso estes não correspondam aos padrões de gênero impostos e, caso achem necessário, tais pais, muitas vezes, utilizam-se da violência para que os filhos sigam os seus próprios padrões. Como consequência temos muitos casos de meninas sendo forçadas a se tornarem mulheres submissas e meninos sendo obrigados a virarem homens agressivos e desconexos uns com os outros (hooks, 2004).

A proposta desta pesquisa, no entanto, envolve olharmos para a vivência de paternidades participativas ou ativas - que consiste em uma relação repleta de afetos positivos entre pais e crianças - (GUERRERO NANCUANTE et al, 2020) e que não geram danos emocionais em seus filhos em decorrência da falta de cuidados e presença afetiva. O homem que exerce uma paternidade ativa<sup>2</sup> performa uma parentalidade para além do âmbito financeiro da vida de seus filhos, participando, assim, dos cuidados físicos - alimentação, higiene, por exemplo - e lidando com as necessidades emocionais daquela criança, tal como acolher suas angústias, confortá-la e similares. Esses aspectos questionam o ideal do homem da masculinidade hegemônica, pois o cuidar seria unicamente função da mulher. Percebe-se no exercício de uma paternidade ativa uma outra percepção do que é ser homem e, conseqüentemente, como isso afeta a atuação desse sujeito como pai.

A paternidade ativa possibilita maior conexão do pai para com os filhos, a formação de um vínculo com eles, bem como uma vivência familiar mais afetiva e saudável. Além disso, a paternidade ativa envolve o compartilhamento equânime de atividades domésticas e de cuidado de forma mais justa com outros responsáveis das crianças, evitando que apenas uma das partes fique sobrecarregada. E o próprio pai, por não precisar provar constantemente sua masculinidade, tem uma vivência mais leve com todos ao seu redor. Ou seja, há uma vivência mais tranquila e saudável para todos os envolvidos naquele meio que ele está inserido. Sendo utilizado o termo "vivência" para se referir ao conjunto de eventos que ocorrem na vida da pessoa somada à forma como ela as percebe no campo emocional.

---

<sup>2</sup> Ao longo do texto o termo paternidade ativa será utilizado também como paternidade participativa e paternidade presente, em função da literatura disponível e do discurso dos participantes da pesquisa usarem esses três termos como sinônimos.



Dito isso, a pesquisa aqui proposta tem como objetivo compreender como a vivência ativa da paternidade pode influenciar nos sentidos empregados pelos pais do que seria a masculinidade. Diante do que foi apresentado, considera-se fundamental o estudo dessa temática para se compreender a relação entre a vivência de uma paternidade ativa e como afeta a relação dos pais com os seus filhos. Interessa-nos compreender como essa dinâmica pode auxiliar na relação familiar, na saúde mental tanto dos pais como dos filhos, bem como pode auxiliar na educação das crianças, principalmente, nas escolas.

Consideramos a pesquisa proposta relevante se considerarmos os indicadores brasileiros de ausência paterna. De acordo com dados do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) de 2015 cerca de 5,5 milhões de crianças não apresentam o nome do pai na certidão de nascimento, o que demonstra uma tendência cultural ao abandono parental por parte dos homens, havendo então uma ausência tanto física como emocional daquela pessoa na vida da criança. O presente estudo busca compreender as histórias e vivências que fogem desse padrão.

Outra questão que faz desta pesquisa proposta relevante é a tentativa de contribuir com os estudos de masculinidades no Brasil, principalmente, no âmbito da Psicologia. Diante da pesquisa bibliográfica realizada, percebe-se na literatura um grande aporte teórico e de pesquisa sobre a vivência da maternidade e em como as mães percebem a vivência da paternidade em seus companheiros. No entanto, no aspecto de paternidade, os focos das pesquisas têm sido sobre o assunto relacionado a paternidades ausentes e suas repercussões negativas nos filhos e companheiras, havendo pouco conteúdo referente a como os próprios homens percebem a paternidade e menos ainda sobre as paternidades participativas. Desta forma, a pesquisa também poderá contribuir com os estudos sobre a paternidade.

Espera-se que resultados de pesquisa futura possam ser utilizados para intervenções no campo da Psicologia escolar e familiar, fornecendo subsídios empíricos sobre as percepções que exercem paternidades ativas. Por fim, a pesquisa também se justifica por buscar cumprir o compromisso social da psicologia previsto, inclusive, no Código de Ética (2005) da profissão, que aborda a importância de analisar de forma crítica a realidade social e cultural, sendo ela um possível fator de sofrimento para os sujeitos.

Para realizar a análise adequada do conteúdo da pesquisa, foi feita revisão bibliográfica quantos aos aspectos de gênero, masculinidades, divisão de trabalho, paternidades, buscando compreender de que forma ocorrem essas construções, quais suas

implicações sociais tanto no campo individual como no campo das políticas públicas, e quais mudanças podem ser feitas. E para subsidiar a análise da fala dos participantes da pesquisa se utilizará alguns aspectos da teoria da subjetividade, por isso, na revisão bibliográfica também foi contemplada a teoria de González Rey relacionando-a na dimensão de masculinidades e paternidades.

## **OBJETIVOS**

### **Objetivo Geral**

- Compreender como a vivência da paternidade ativa pode influenciar nos sentidos empregados pelos pais sobre a sua masculinidade.

### **Objetivos Específicos**

- Analisar as mudanças na subjetividade sobre a masculinidade vivenciada por homens pais após a chegada e desenvolvimento de seus filhos;
- Analisar desafios da paternidade na vivência de homens pais com seus filhos;
- Conhecer desafios e potencialidades de paternidades ativas em diferentes perfis identitários dos pais: pais brancos e pretos heterossexuais, casados ou não, pais transgêneros e pais com deficiência.

## 1 GÊNERO E MASCULINIDADES

Piscitelli (2009) aborda como os aspectos de gênero não ocorrem de forma natural e, sim, de forma culturalmente construída, podendo então ser alterados de acordo com o contexto histórico-cultural em que os sujeitos estão inseridos. Essa perspectiva possibilita compreender aspectos como a violência masculina e a submissão feminina não sendo inerentes aos sujeitos e, sim, como algo construído de uma sociedade que buscou moldá-los de tal forma. Visão essa que possibilita compreender os comportamentos que adoecem as pessoas, por exemplo, todas as demandas domésticas serem das mulheres e a distância emocional de homens, como passíveis de mudanças, de melhoras para uma vivência mais saudável dos gêneros.

Há também uma ideia de binaridade, homem-mulher, em que o gênero do sujeito está diretamente relacionado com o sexo biológico, como traz o conceito de linearidade entre sexo e gênero de Judith Butler. Para exemplificar, no "chá de revelação", a cor rosa representando que o bebê tem vagina então será menina e a cor azul representa a presença do pênis então será menino, já dando início ao processo de definição papéis de gêneros que essas crianças vão passar (HADDAD; HADDAD, 2019).

A ideia de gênero como sendo algo construído é reforçado por Zanello (2018), que relata que existem roteiros/normas pré-estabelecidos socialmente do que os sujeitos devem seguir/fazer para serem considerados como homens ou mulheres. Essas normas de gênero acabam desconsiderando os processos individuais que cada sujeito pode ter, gerando conseqüentemente um mal-estar por se sentirem obrigados a se encaixar dentro de um padrão que não os representa (SILVA, 2006). No caso do contexto sociocultural brasileiro, essa organização se dá pela restrição do feminino dentro do lar, enquanto o homem deve ocupar obrigatoriamente o espaço público.

Além disso, o gênero influencia na maneira que o sujeito se expressa visualmente/verbalmente para os outros, sendo isso conhecido como "performance de gênero". Haddad e Haddad (2019) apresentam a "performance de gênero", a partir dos trabalhos de Judith Butler, como sendo um processo de repetição de atos e discursos culturalmente construídos com base no contexto histórico. Não há uma regra que obrigue o sujeito a incorporar esses atos culturais construídos, mas não seguir pode levar a pessoa a pagar alguns custos, como sofrer preconceito, agressão, maus olhares e etc., diante disso,

muitas vezes, as pessoas se sentem pressionadas a praticar tais performances como forma de não sofrer tais consequências.

Ou seja, a performance refere-se a como o sujeito atua com relação ao gênero que ele se percebe, espera-se que sua performance possa refletir o que foi socialmente construído do conceito binário atual, masculino-feminino heteronormativo. No caso das mulheres, suas performances devem ser voltadas para a fragilidade, beleza (maquiagem, vestidos, etc.), o comportamento atencioso, o exercício do cuidado e o temperamento da amabilidade. Enquanto para os homens consistem em ser forte, protetor, agressivo, provedor. Entretanto, a performatividade não é algo rígido, com regras que precisam ser seguidas, as pessoas são livres para não seguir a normatividade e optar por uma performance que se encaixe melhor dentro da sua subjetividade. Infelizmente, as pessoas que não têm uma performance de seu gênero dentro desses padrões entram em zonas “inabitáveis” da vida social, são vistas como inferiores e impedidas de participarem de atividades do cotidiano, como ocorre com a população LGBTQIA+, por exemplo (BUTLER, 2001 por VALENTE, SORDI e LIMA, 2018).

Dito isso, compreende-se que as masculinidades são uma construção social pela mídia, comunidade, igreja, Estado e outros, construindo modelos masculinos a serem seguidos. Havendo então diversos tipos de masculinidades que se adequam ao contexto em que esteja inserido (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Dentre essas masculinidades existe a hegemônica, que se baseia na prática de dominação de homens sobre as mulheres, tendo como modelo de homem um sujeito que não expressa suas emoções, independente, não cuidador, que se comunica com agressividade – podendo se utilizar disso como forma de fazer a manutenção de poder sobre os outros. Além disso, a masculinidade hegemônica se baseia nas expectativas de que homens devem exercer competitividade, racionalidade e dedicação total ao trabalho para serem "homens de verdade". Esses aspectos tornam a masculinidade hegemônica como modos de ser e agir culturais com consequências tóxicas para as mulheres, para os outros e para os próprios homens que são oprimidos por eles. Entretanto, existem aspectos que podem servir de interesse para eles e para os outros, como sustentar uma relação sexual, ser o provedor financeiro do ambiente, ser alguém de autoridade dentro do lar que traz a ordem, determinado, incansável, resistente ao estresse e alguém de atitude. A masculinidade hegemônica não é um conceito fixo em todo lugar, ele pode sofrer alterações de acordo com cada contexto (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013; ZANELLO, 2018b).

O sucesso para homens, dentro da masculinidade hegemônica, está ligado ao processo laborativo, ter um trabalho de sucesso e uma vida sexual ativa com frequência, enquanto os campos da afetividade e desenvolvimento da relação com as pessoas são deixados de lado (ZANELLO, 2018b).

Albuquerque (2020) trouxe em sua tese de doutorado uma revisão bibliográfica como a masculinidade hegemônica influencia a saúde tanto de homens como de mulheres. No caso das mulheres, como cuidar foi uma tarefa socialmente imposta a elas e acaba gerando uma sobrecarga, visto que além de terem as atividades cotidianas, trabalho, têm que cuidar de outros, sobrando pouco tempo para se dedicar a si mesma. Gerando a elas transtornos, sendo os mais comuns ansiedade, depressão e anorexia nervosa.

Como a masculinidade hegemônica busca o distanciamento do feminino e seus aspectos, não há incentivos para o homem, que a incorpora e performa esse tipo de masculinidade, para o cuidar, tanto de si como de outros, levando a um afastamento do autocuidado e a ausência de prevenção na saúde. Em geral, muitos homens não recorrem a centros de saúde e exames periódicos, cuidando-se em casos de agravo do estado de bem-estar. Além disso, a masculinidade hegemônica também está ligada ao distanciamento afetivo e à dominação do outro, uma competição constante com os outros para se provar homem. Não é à toa que os transtornos mais comuns em homens têm como origem o consumo danoso de substâncias psicoativas ou distúrbios antissociais (ALBUQUERQUE, 2020).

Como abordado anteriormente, existem diversos tipos de masculinidades, a hegemônica é apenas uma delas, a masculinidade cúmplice, subordinada e marginalizada são outros tipos, podendo haver ramificações dentro delas, como a masculinidade preta marginalizada. E entre essas masculinidades há uma luta para determinar qual delas será a dominante, para subjugar as outras masculinidades, no caso, a masculinidade hegemônica se impõe perante as outras, tornando-as masculinidades subalternas. Atualmente a masculinidade hegemônica envolve a expectativa de exercício de poder e status por parte do homem branco, heterossexual e cisgênero, conferindo-lhe domínio em relação aos outros. Os homens que não se encaixam nesse modelo de masculinidade hegemônica, como os que apresentam outra raça, orientação sexual e etc., exercem modos de ser homens próprios de masculinidades marginalizadas/subalternas socialmente. Eles podem adotar um comportamento de “política transformativa” que busca transformar os padrões de comportamento sexista, LGBTQIA+fóbicos, racistas e promover uma mudança social que torna sua vivência mais leve, sem haver uma opressão de alguém sobre o outro (PASSOS, PUCCINELLI e ROSA,

2019).

A masculinidade cúmplice se caracteriza por homens que, mesmo não exercendo um padrão de dominação da masculinidade hegemônica, são beneficiados pela estrutura patriarcal por se encaixarem no modelo do que é “ser homem” (GRUNNAGEL; WIESER, 2015). Como ser mais valorizado no trabalho, ter mais poder de fala em um ambiente composto por mulheres, por exemplo.

No caso das masculinidades subordinadas, aqueles que não se encontram na masculinidade hegemônica adotam atitudes de opressão com os outros para haver a ilusão de que estão se aproximando do lugar de status de poder. É uma ilusão pois, apesar de ganharem alguma forma de benefício, eles ainda vão permanecer como inferiores em relação ao hegemônico e ainda fazem uma manutenção de poder deles. Um exemplo seria dentro da própria comunidade LGBTQIA+ quando um gay que apresenta características ditas mais masculinas ridiculariza um gay afeminado. Há um imaginário que estaria aumentando seu poder ao oprimir o outro, mas, no fim, continua sofrendo opressão da mesma forma que antes (PASSOS, PUCCINELLI E ROSA, 2019; OLIVEIRA, 1998).

Essas masculinidades apresentadas são interdependentes, visto que a masculinidade hegemônica exerce domínio sobre as outras, mantendo-as como subalternas, e as outras masculinidades podem auxiliar a manter o status de poder da hegemonia.

Hooks (2004) trouxe em seu livro sobre masculinidades como homens ao seu redor, família, amigos e conhecidos, performaram seu gênero, quais foram suas influências e como isso os afetava. Primeiro deles, seu pai era um homem dominador e se utilizava da violência para com os filhos, para educá-los, torná-los o melhor possível. Quando criança a autora almejava o contato do pai, afeto, que ele a acolhesse, porém, a barreira emocional que ele havia erguido o impedia de ter tal contato com ela e seus outros filhos (Hooks, 2004).

O irmão de Hooks quando criança era amoroso, expressava suas emoções livremente, mas ao atingir a adolescência passou a ter um comportamento antissocial, perdendo a conexão com suas irmãs por medo de que, ao se relacionar com elas, isso o tornaria “menos homem”. Quando criança, por estar inserida mais em casa do que no ambiente externo, a família tendeu a ter mais influência em seu comportamento, no caso, as irmãs reforçaram o comportamento amoroso do irmão. Mas quanto maior a relação do sujeito com o mundo externo para além de sua casa maior será a influência que terá em cima dele, no caso, adolescente, interagindo com mais pessoas fora de sua família, deve ter sido punido por seu comportamento de expressar

emoções e reforçado a ter comportamentos mais distante, podendo a influência ter vindo de amigos, colegas, bullying, filmes, etc. (Hooks, 2004).

O avô de Hooks, Gus, - pai de sua mãe - por outro lado, expressava uma masculinidade amorosa, sendo emocionalmente presente e carinhoso para aqueles ao seu redor e sua esposa, com quem se relacionou por 60 anos, tendo o lado dominador do relacionamento. O pai de Hooks, que tinha dificuldade de se conectar emocionalmente com seus filhos e se utilizava da raiva como única forma possível de se expressar, chamava Gus de fraco. O que poderia demonstrar inveja da conexão que Gus tinha com os outros, como também oprimi-lo como forma de alavancar sua performance de masculinidade (Hooks, 2004).

Bola (2020) compartilha suas vivências de performance de masculinidade ao longo de sua vida, não apenas como um homem preto, mas também imigrante, tendo nascido no Congo e crescido em Londres havia uma dualidade das masculinidades exercida pela comunidade congoleza e londrina. Por exemplo, em um momento Bola relata que uma vez caminhava de mãos dadas com seus tios, algo comum na cultura do Congo, uma forma de demonstrarem união e carinho entre homens, algo muito corriqueiro na comunidade em que ele vivia e que cresceu vendo homens ao seu redor fazerem isso. Porém, ao ser pego por pessoas de fora de sua cultura, foi recebido com olhares de nojo e confusão, sendo inclusive debochado por simplesmente andar de mãos dadas com outro homem, naquele instante, questionou sua masculinidade. Esses dois pontos de vista sobre um mesmo fenômeno, andar de mãos dadas com um homem, retoma o fato da masculinidade não ser um aspecto fixo no mundo e, sim, sujeito à alteração de acordo com os aspectos socioculturais de cada lugar.

Assim como o irmão de Hooks, Bola (2020) era uma criança expressiva, chorava pelo motivo que fosse, por alegria, tristeza ou raiva, vivenciava suas emoções com o máximo de intensidade possível. Entretanto, enquanto crescia passou a ter um comportamento mais reservado, vivendo um constante sentimento de raiva que não expressava aos outros, exceto em seus momentos de crise de raiva. Com o tempo a masculinidade hegemônica moldou seu comportamento, levando-o a reduzir sua expressão à raiva e violência.

O basquete para Bola (2020) foi uma forma de se aproximar de outros homens, ter relações profundas, descobrir-se, perceber o que gostaria de fazer de sua vida, porém havia aspectos negativos, levando surras nos vestiários, ofensas e sendo forçado pelos companheiros a se enquadrar em um molde social. Seus colegas exerciam a masculinidade subordinada,



utilizavam-se da opressão do outro como forma de elevar seu status de poder.

Após anos questionando o que seria ser homem, o que seria masculinidade, Bola (2020) consegue ter uma performance de masculinidade mais expressiva, chora livremente quando sente vontade, expressa-se para além da raiva, mostra-se vulnerável. Enquadrando-se em uma masculinidade de política transformativa.

Ressalta-se que as performances de masculinidade apresentadas são compostas pela população preta, sendo então sua masculinidade colocada como marginalizada, por não se encontrar dentro do padrão branco da masculinidade dominante, suas atitudes de opressão com os outros podem ser compreendidas como uma forma de tentar atingir o status de poder da masculinidade hegemônica, atuando como uma masculinidade subordinada. Pois como traz Zanello (2018b), a rejeição e o repúdio a outros pode ser uma tática de aliança entre a masculinidade subordinada e a hegemônica como forma de afirmação de sua identidade masculina.

Entende-se como se formou a construção de gênero e os tipos de masculinidades, suas influências nas vidas das pessoas, a próxima sessão vai abordar como isso repercute quanto as atividades domésticas e do cuidado com os filhos, e na saúde mental das pessoas envolvidas.

## 2 DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO PÚBLICO E PRIVADO E IMPACTOS NO CUIDADO

O cuidado para as mulheres está ligado no sentido mais literal da palavra, cuidar dos filhos, dos idosos, das demandas domésticas, isso, acompanhado do trabalho fora do lar, gera uma sobrecarga, visto que muitas vezes essas mulheres não compartilham de suas demandas com os companheiros. Tendo como consequência menor participação feminina no espaço laboral ou mulheres que não conseguem atender a todas as demandas de seu meio devido ao cansaço da sobrecarga, podendo isso afetar a vida de todos ao seu redor, inclusive os filhos. Enquanto que o cuidado para os homens está ligado ao quanto eles conseguem prover financeiramente seu lar e fornecer uma vida com conforto para sua família, levando-os a ocupar cada vez mais tempo no espaço público e pouco no privado, não realizando as atividades domésticas tanto quanto suas companheiras e não passando tanto tempo com seus filhos, afetando a relação com eles. Essa divisão desigual das atividades pode gerar uma

tensão dentro da relação do casal e, conseqüentemente, um desgaste da relação (SOUSA; GUEDES, 2016; hooks, 2004).

Essas atividades voltadas para os cuidados da casa, atividades domésticas, cuidar dos filhos, idosos, pessoas com deficiência, é conhecido como sendo economia do cuidado, sendo ela muitas vezes colocada como responsabilidade da mulher (ULRICH, STROHER e PAZ, 2020). Isso ocorre porque a divisão de trabalhos entre gêneros colocou sob a responsabilidade das mulheres o espaço privado enquanto os homens ficaram encarregado do espaço público. Essa divisão acontece por uma suposta naturalização de habilidades associadas ao sexo biológico do sujeito, indicando que mulheres são naturalmente cuidadoras e homens são naturalmente provedores. O que gerou uma relação de interdependência, homens dependem de mulheres para a organização do lar e mulheres dependem dos homens o financeiro para terem uma renda e conseguirem viver (BIROLI, 2015).

A economia do cuidado se faz essencial visto que possibilita pessoas que são incapazes de se cuidar, com ênfase às crianças, tenham um desenvolvimento saudável, cresçam e possam se tornar pessoas que auxiliem no desenvolvimento do país, permitindo manter o lar em funcionamento. Entretanto, não é valorizada socialmente, pois como o cuidar é visto como natural do feminino, supõem que não é preciso habilidade e dedicação para desenvolvê-la, qualquer pessoa nascida biologicamente mulher sabe praticar o cuidado (ZIMMERMANN, VICENTE e MACHADO, 2021)

Essa naturalização de divisão doméstica como responsabilidade das mulheres gera uma sobrecarga a elas desde muito cedo, meninas de 10 a 15 anos fazem atividades domésticas em média 25,1 horas por semana, enquanto que os meninos da mesma faixa etária trabalham apenas 10,2 horas. E não há mudanças quando atingem a vida adulta, homens gastam 10,1 a 11,6 horas, e as mulheres gastam 25,2 horas, aquelas que tiverem um poder financeiro maior e que trabalham fora tendem a contratar alguém que possa arcar com as demandas domésticas e esse alguém geralmente é outra mulher, são elas que exercem o maior percentual de trabalhos domésticos pagos. O que faz o tempo de trabalho formal somado ao trabalho doméstico tenha o total de 47,7 horas para os homens e 55,3 para as mulheres (IPEA, 2011).

Infelizmente esse tempo a mais de trabalho não se reverte em uma maior remuneração para as mulheres, pelo contrário, ainda que as mulheres sejam mais estudadas e trabalhem mais - devido aos trabalhos domésticos - elas recebem 41% a menos do que os homens

(SEMESP, 2020). E os trabalhos não remunerados feitos pelas mulheres, cozinhar, limpar, cuidar dos filhos e dos idosos da casa, atividades que em parte representam uma carência de infraestrutura que o Estado deixa de oferecer a população - como creches e asilos - representam entre 10% a 39% do Produto Interno Bruto (PIB) do país. Ou seja, os trabalhos invisíveis, detém um peso na economia e não recebem por isso (ONU MULHERES, 2017).

Essa dupla/tripla jornada de trabalho das mulheres ficou em maior evidência com a pandemia de 2020, quando foi solicitado que as pessoas entrassem em quarentena, o trabalho se misturou com as demandas domésticas, houve a perda das redes de apoio, já que não poderiam sair ou receber pessoas em casa. Levando a um aumento do estresse, sintomas de depressão, ansiedade, exaustão, insegurança, podendo se intensificar caso a mulher se encontrasse em algum grau de vulnerabilidade, como o desemprego (IDOETA, 2020; FERREIRA, 2021)

A pandemia também afetou os homens, eles que sempre foram incentivados a ocupar o espaço público, agora estavam sendo pedidos a ficar em casa, eles que foram instruídos socialmente a enfrentar de frente os seus problemas e que o cuidado era função das mulheres, agora tinham que ter uma atuação preventiva - usar máscara, álcool em gel, distanciamento - e cuidar dos outros. Foi solicitado a eles atitudes que até então não lhes eram socialmente exigidas, não à toa que os homens têm morrido de COVID mais do que as mulheres (MEDRADO et al, 2021). É necessário pontuar que, em um momento de crise global de saúde, há exigências de como as pessoas devem se portar, agir e até restrição dos espaços que podem ser ocupados, algo novo na vida de homens, especialmente brancos-héteros-cisgêneros, mas que para mulheres, população preta, LGBTQIA+, essas restrições são antigas e não irão acabar com o fim da pandemia.

Sousa et al (2020) trouxe em sua pesquisa com 200 homens que lidam com a pandemia de uma forma cognitiva-comportamental, adaptaram seus comportamentos e atitudes para esse momento. Utilizaram como formas, o fortalecimento de vínculo com família-amigos, formaram redes de apoio, praticaram cuidados para o seu bem-estar, realizaram qualificação profissional, e seguiram as indicações do Ministério da Saúde. Alguns utilizam a supressão de emoções como forma de evitar sentir emoções negativas sobre a pandemia, que pode remeter ao distanciamento emocional que os homens são incentivados a seguir. Não houve menção com relação a atividades domésticas e cuidado com os filhos, ao contrário do que apareceu em reportagens sobre mulheres vivenciando a pandemia.

Diante de tudo que foi visto até então, pode-se ter uma compreensão em como funciona a divisão de atividades entre homens e mulheres. Tendo isso em mente será feito a seguir então, como isso afeta a participação dos homens nas paternidades e em como eles se percebem dentro desse espaço.

### **3 PATERNIDADES**

#### **3.1 O NÃO LUGAR NA PATERNIDADE**

Como vimos, o cuidado não foi algo imposto aos homens, mas, o trabalhar, ocupar os espaços públicos, isso afetou como a sociedade percebe a relação de homens com seus filhos, incentivando-os a se manterem afastados. O afastamento começa desde o momento do nascimento do bebê, enquanto a mãe tem 120 dias de licença e o homem tem apenas 5 dias, tem continuidade na falta de fraldário em banheiros masculinos - o PL 2399/2019, que consiste na obrigatoriedade nacional de espaços para fraldários em ambientes de grande concentração não foi aprovado durante o processo de construção desse trabalho -, essa ausência continua sendo incentivada ao longo do processo de desenvolvimento da criança.

Lyra e Medrado (2000) apontam a ausência de dados estatísticos sobre homens na paternidade, demonstrando como a construção de dados demográficos reproduzem aspectos socioculturais de gênero. Pois os questionários analisados que continham perguntas voltadas para o aspecto reprodutivo acabavam focando nas mães enquanto para os pais não tinham quase nenhuma pergunta, reforçando uma ideia de que o cuidado não seria função dos homens e, sim, apenas das mulheres. A falta de questões sobre a paternidade se torna preocupante ao perceber que isso impede uma coleta de dados adequada, sem poder mensurar a participação, os desejos e os cuidados dos homens de forma adequada.

Vale ressaltar que foi apenas em 2019 que a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) adicionou uma temática sobre paternidade, voltada sobre a participação masculina nos exames pré-natais. Considerando que a PNS tem como função coletar os dados de saúde e o acesso que a população tem dos serviços disponíveis e de continuidade dos cuidados, ter adicionado a temática de paternidade torna possível compreender e ter finalmente dados sobre o tema, como verificar se os homens estão indo aos centros de saúde, têm conseguido dar suporte à mãe do bebê, se está presente desde o início da gestação, etc. De acordo com os resultados da PNS (2019) que saiu em 2021, o nível de participação dos homens no pré-natal variou entre

1,9% a 14,1%, enquanto que a quantidade de homens convidados pela equipe de saúde a participar de grupos de apoio e palestras sobre cuidados ao bebê variou entre 6,9% a 25,7%, não foi feita uma pesquisa referente aos motivos que levaram aos homens a não participarem do pré-natal de seus filhos, ou se chegaram a participar das palestras, então não é possível saber quais foram os impeditivos da participação dos homens e nem de que forma se poderia incentivar sua participação nesses espaços.

Vários aspectos podem influenciar no distanciamento de homens com seus filhos. No caso da gravidez, por não ter a possibilidade de gestar e sentir o bebê nos primeiros meses, geralmente leva muitos homens a não se sentirem pais até o momento do nascimento da criança. Apesar de ser possível iniciar a interação do pai com o bebê a partir do terceiro trimestre, período que o sistema auditivo da criança está formado e consegue captar os sons por meio do líquido amniótico, incentivando que o pai converse/cante para o bebê nesse período e quando nascer, o pai já será uma figura conhecida visto que a criança se recordará da voz que ouvia no útero (SIEGEL; BRYSON, 2015). Quando a criança cresce, pela falta de referência de como ser pai, seja pela sua própria experiência ou falta de referências de pessoas próximas, ele não saberá como agir. Ou por uma dificuldade do casal em compartilhar as atividades dos cuidados e terem muito enrijecidos os papéis de gênero da mulher cuidadora e do homem provedor, não permitindo que ele exerça um papel para além do financeiro (FREITAS, COELHO e SILVA, 2007).

Questiona-se se poderia haver um transtorno por trás do distanciamento de alguns homens com seus filhos e não houve um diagnóstico, nem tratamento para isso, como ocorre com a depressão pós-parto em homens. Não há um acompanhamento e nem acolhimento da equipe médica com os pais como fazem com as mães, não falar sobre o medo de falhar, na ansiedade em receber um recém-nascido, o ciúme pela dominância materna, preocupação com os cuidados do bebê, essa falta de preparo e apoio pode levar o homem a desenvolver sintomas depressivos, distanciamento com o bebê, falta de apoio com a mãe e o recém-nascido. Diante disso, percebe-se como a norma de gênero de homens serem distantes emocionalmente pode afetar a atuação de médicos aos cuidados com os pais ao não enxergar isso como um problema/sintoma (FALCETO, FERNANDES e KERBER, 2012)

Como traz Zanello (2014), os aspectos de gênero influenciam as formas de sofrimento do sujeito, como os sintomas são formados a partir dele, como os transtornos se manifestam, o que significa que os critérios diagnósticos devem levar em consideração perspectiva de gênero, manter-se neutro pode levar a uma ausência ou um diagnóstico inadequado. Por

exemplo, um pai não estar emocionalmente presente para o filho, pode ser um comportamento considerado “normal” para homens, mas também pode ser uma expressão de sofrimento por causa das normas de gênero, usar tanto uma máscara de homem forte a ponto de não conseguir se expressar. O próprio médico por sua vez, ao ter seus próprios valores de gênero, não irá ouvir as queixas de seus pacientes de forma neutra e, sim, passar pelo filtro dele, impossibilitando validar o sofrimento de seus clientes e fornecer o tratamento adequado. Como o caso de uma mulher ao trazer uma queixa sobre a vida sexual não será considerada, mas uma queixa de não conseguir fazer as atividades domésticas será tratada, pois vai de encontro com as normas de gênero. Então é preciso considerar o gênero como tendo papel no processo de sofrimento para que tenha um diagnóstico e um tratamento que vai de fato auxiliar na recuperação do sujeito. Como poderia ocorrer em casos de depressão pós-parto em homens, por exemplo.

Na pesquisa-ação realizada por Rabelo; Araújo (2014) com seis equipes que trabalhavam na Estratégia Saúde da Família em cidades de São Paulo e Goiás demonstrou como os atendimentos feitos pelos funcionários tinham, além do embasamento médico, base em estereótipos de gênero, que gerava um descuido com os usuários. No relato da equipe, foi possível perceber que viam os homens como sendo incapazes de praticar o cuidado, como por exemplo, ao acharem estranho a presença do pai nas consultas dos filhos e que em consultas onde há a presença de um homem e uma mulher, é para a mulher que explicam os cuidados necessários, ainda que esses cuidados sejam para o homem. Incentivando o pensamento que os centros de saúde são para as mulheres e dificultando o processo de atendimento com homens.

No caso das mulheres, a equipe ao se reduzir a ouvir apenas os sintomas (choro, insônia e dores) sem ter a percepção em como as questões de gênero as influenciam, em como é imposto ao sexo feminino arcar com os cuidados de todos ao seu redor e como isso se torna uma sobrecarga, acabam por recomendar o uso de benzodiazepínicos, que apenas torna esse sofrimento algo suportável, levando a uma dependência do medicamento para conseguir realizar as tarefas (RABELO; ARAÚJO, 2014).

A falta de senso crítico em relação aos papéis de gênero impedia a equipe de atuar de forma adequada com a população, dar um atendimento que de fato melhore a qualidade de vida deles ao invés de apenas perpetuar o ciclo de descuido. A equipe do estudo ao refletir sobre a relação de gênero e sofrimento conseguiu compreender de forma mais profunda as demandas trazidas pelos pacientes, recorrendo com mais frequência a ações psicossociais e

com utilização de menos medicamentos para o tratamento (RABELO; ARAÚJO, 2014).

A pesquisa conduzida por Rêgo, Souza, Rocha e Alves (2016) que envolvia casais e amamentação do bebê, demonstrou que quando a equipe médica valoriza a participação dos homens no cuidado e os incentiva a terem iniciativa, como na amamentação, banho do bebê, cuidado com a mãe que está amamentando, há uma maior participação dos mesmos. Muitos se sentiram mais confiantes em realizar tais atividades e prezavam esses momentos de cuidado como uma forma de construir uma relação com seus filhos, além de melhorar a relação deles com suas companheiras. Ou seja, ter uma equipe médica e uma companheira que valoriza e apoia a participação dos homens, torna sua presença mais prazerosa e mais convidativa para eles.

### 3.2 TIPOS DE PATERNIDADE

Assim como as masculinidades, existem diversos tipos de paternidades que podem variar de acordo com o contexto sócio cultural que se encontram. Então será apresentado um recorte de três tipos de paternidade, sendo elas, a ausência total, a ausência parcial e a paternidade ativa.

A ausência total consistente na falta de contato físico entre o pai e o filho, pode ser gerado devido ao processo de separação com outro(a) responsável pelos filhos, morte, trabalho ou abandono da prole, que é o caso das 5,5 milhões de crianças que não tem o nome do pai na certidão de nascimento (CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA, 2015; SGANZERLA; LEVANDOWSKI, 2010). Esse abandono paterno pode influenciar o desenvolvimento da criança de forma negativa, levando-o a desenvolver comportamentos de risco como embriaguez, uso de drogas, conflitos familiares, brigas, por exemplo, além de causar sentimentos de abandono, culpa e pode dificultar formação de novos vínculos (SGANZERLA; LEVANDOWSKI, 2010).

No estudo realizado por Cúnico e Arpini (2014a), cinco homens que haviam optado por se manter ausentes na vida de seus filhos, frutos da relação com a ex-companheira, consideravam-se pais, pois haviam registrado os filhos, alguns após insistência materna e da justiça, pagavam pensão alimentícia, remetendo a ideia de gênero do homem provedor e não cuidador. Houve também na vivência desses homens com seus filhos uma repetição de padrão, alguns deles não tiveram ou passaram a ter uma relação com seus pais depois de

muitos anos, tiveram como referência de paternidade o abandono, vendo como algo natural a ser feito, além de justificar seus afastamentos por não terem mais uma relação com as mães de seus filhos.

A forma como ocorre a ruptura do casal pode afetar a relação dos pais com os filhos, em casos de uma relação conflituosa, o ex-casal pode optar por afastar-se como forma de evitar a presença um do outro e, conseqüentemente, os possíveis desacordos. As mulheres, geralmente, obtêm a guarda integral das crianças, enquanto os homens têm o direito à visita - diga-se de se passagem, o próprio termo dá a entender que é opcional a presença dessa pessoa na vida da criança -, então os homens, como forma de se distanciarem de suas ex-companheiras, preferem não visitar os filhos, havendo não apenas a ruptura conjugal como também parental (CÚNICO e ARPINI, 2014a; CUNICO e ARPINI, 2014b).

No caso da paternidade parcial, são os pais que convivem com seus filhos, mas que não participam dos cuidados deles ou não conseguem desenvolver laços afetivos com eles. Há uma norma social, baseado nos estereótipos de gênero da relação do cuidar, de que se a mulher consegue dar conta das demandas dos filhos, então o pai não precisa participar, não tendo necessidade da sua presença nas atividades de cuidado do dia-a-dia (FALCETO, FERNANDES, BARATOJO e GIUGLIANI, 2008). A dificuldade em ter laços afetivos com os filhos pode ter vários fatores, um deles seria a repreensão emocional que homens são incentivados a desenvolver, levando-os a formar um muro que os distancia emocionalmente de todos, inclusive das crianças. Há também a inveja que os homens têm de seus filhos, crianças, por seu pouco tempo de vida, não passaram pelo longo processo de censura social que os adultos passaram, os filhos conseguem se expressar de forma livre, manifestando suas emoções de forma aberta, isso que aos homens adultos foi negado, não tendo a liberdade de demonstrar emoções. Por fim, tem o aspecto da competitividade de masculinidades que ocorrem também entre pais e filhos, que por medo de sua prole roubar seu poder eles acabam por oprimir suas crianças, buscando manter o status de poder e dominância sobre os outros (hooks, 2004).

O trabalho também pode ser um impeditivo para o desenvolvimento da relação pai-filho, homens, por serem colocados no papel de provedor financeiro, tendem a buscar trabalhos que possam suprir as necessidades de seus filhos, trabalhar em dois empregos ou aceitar longas cargas horárias, se assim for necessário. O longo tempo de trabalho pode impedir que passem mais tempo em casa interagindo com suas crianças (SILVA e SILVA, 2014).



Pode-se pensar que a conexão mãe-bebê seja algo biologicamente natural para as mulheres enquanto que para os homens, não. Porém, pode ser mais fácil para as mães se vincularem com seus filhos do que os pais, porque é socialmente incentivado, as mulheres são muitas vezes forçadas a negar a si mesmas para atender as demandas dos filhos, enquanto que os homens são levados a ficarem fora da casa para financiar o lar, como visto anteriormente. Enquanto os aspectos biológicos, os vínculos formados com o aumento de alguns hormônios, como a ocitocina, ocorre na mesma medida em homens e mulheres que desempenham o papel de cuidador primário do bebê, esse vínculo é formado a partir das atividades feitas com a criança, como cuidado, brincadeiras, ações afetuosas, não tendo relação com o gênero e, sim, com o comportamento do responsável com o bebê (ABRAHAM; FELDMAN, 2017).

Antes, pai era ocupar o papel de autoridade tanto com os filhos como a esposa, se necessário o uso da violência era permitido para impor o que se acreditava ser o melhor para sua família, a ele cabia prover financeiramente e protegê-los do mundo externo (DEL PRIORE, 2013). Papel esse que foi se alterando ao longo dos anos com a entrada da mulher no mercado de trabalho, os debates feministas, a busca de equidade entre os gêneros, pesquisas sobre os papéis de gênero e o surgimento de novas masculinidades para além da hegemônica, mudanças na legislação, sendo solicitado a atuação paterna para além do financeiro, participar do cotidiano da família, cuidados com as crianças, sendo chamada de “nova paternidade” - ou, como aqui será referida, “paternidade ativa” (SILVA, 2006; NUNES, SOUSA e SILVA, 2021). Essa mudança se torna urgente quando se percebe que 80% dos homens se tornarão pais biológicos em algum momento de suas vidas e que a sua participação exerce influência no processo de saúde materno-infantil (LIMA; SANTOS, 2019).

A paternidade ativa consiste em um conjunto de ações de cuidado físico e emocional com o filho, indo para além do financeiro, em busca de ter um papel ativo no desenvolvimento do filho. A presença, apoio e carinho do homem são essenciais desde o início, servindo, por exemplo, como forma da manutenção do vínculo afetivo mãe+bebê+pai no processo de aleitamento. Além de possibilitar uma vivência mais saudável da mãe, visto que há divisão mais igualitária de cuidados e atividades da criança, evitando a sobrecarga das mulheres (GUERRERO NANCUANTE et al, 2020; LIMA; SANTOS, 2019; MINISTÉRIO DE SAÚDE, 2018). Essa participação e a qualidade de tempo do pai com o filho se for contínua apresenta consequências positivas para o desenvolvimento da criança, como melhor habilidade motora, melhor desenvolvimento intelectual, menor problema de comportamento

em sala de aula, melhor desenvolvimento emocional em comparação com crianças que têm pais ausentes ou pouco participativos. Ou seja, o desempenho acadêmico das crianças tem, em certa medida, relação com o seu contexto familiar (CIA, D’AFFONSECA e BARHAM, 2004).

Vivenciar uma paternidade ativa é benéfico para todos os envolvidos, para a criança que cresce com um modelo de homem presente, afetivo, que é responsável e cuidador com os outros, com um amparo e acompanhamento ao longo do desenvolvimento que influenciará seu comportamento no futuro. As mulheres conseguem dividir as responsabilidades e evitar a sobrecarga. E para os homens são apresentados novos arranjos do que é ser pai, sendo incentivados a terem relações mais próximas e carinhosas com seus filhos, saindo da obrigatoriedade de ser provedor para adentrar ao meio do cuidado (NUNES, SOUSA e SILVA, 2021).

Diversos aspectos podem influenciar a atitude de homens em participar mais da vida de seus filhos. Uma delas é a quebra do ciclo de abandono, no estudo de Silva e Silva (2014), alguns homens que tiveram pouca convivência com seus pais optaram por participar ao máximo da vida de seus filhos, para que suas famílias não passassem pela carência emocional e a dor que conheceram quando crianças. Outro aspecto seria o próprio incentivo das companheiras na participação dos pais com seus filhos que, ao dividirem as atividades de cuidado, demonstravam que a presença daquele homem era bem vinda e muito necessária para o bem estar da criança. Além de acolherem suas angústias e caminharem juntos para a solução, como quando o homem sente dificuldade em realizar alguma atividade, trocar a roupa do bebê, por exemplo, e ela o ensina como fazer, supervisiona, até que ele se sinta preparado para fazer sozinho (GONÇALVES et al, 2013).

No estudo de Abade; Romanelli (2018) com pais divorciados que tinham a guarda integral dos filhos e praticavam a paternidade ativa, eles haviam optado por cuidar dos filhos e para isso modificaram seu estilo de vida. Colocaram as carreiras em segundo plano, buscaram moldar seus trabalhos de forma a conciliar com a vida de seus filhos e que pudessem participar o máximo possível, não saíam com frequência com amigos ou atividades de lazer sem os filhos. Eles atuaram ao contrário do que normalmente ocorre com pais divorciados, que se divorciam de seu papel parental com os filhos e retomam a “vida de solteiros”, saindo para festas e com amigos, colocando o peso do cuidado apenas para as ex-companheiras. Entretanto, foi possível perceber que ainda repercutiam alguns estereótipos de gênero, como não pedir pensão alimentícia para as ex-companheiras pois não viam como

papel delas, remetendo à ideia de que cabe ao homem ser o provedor, ainda que lhes fosse um direito ter a pensão.

Pode-se perceber que cada vez mais surgem homens interessados em ter uma participação ativa na vida de seus filhos, mas infelizmente ao longo das leituras e pesquisas foi recorrente o sentimento de homens quanto à naturalização do abandono e o incentivo dos meios, sociais, amigos, família, companheira, de que sua presença era opcional e que, em alguns momentos, só atrapalhava, gerando frustração e levando ainda mais os pais a se distanciarem de seus filhos. É necessário abrir espaços para eles, chamá-los para conversar e acolher as possíveis angústias que podem surgir, tornar sua presença essencial no processo de criação dos filhos, assim como se faz com as mulheres (TRINDADE, CORTEZ, DORNELAS e SANTOS, 2019).

Os homens, por sua parte, precisam rever seu papel, refletir sobre seus valores, reconhecer seus sentimentos e desejos, confrontar o papel reduzido de pai provedor da estrutura patriarcal. Para assim, não adotar uma postura apenas de reagente do não ser distante/frio/ausente e, sim, atuar dentro do que se quer ser, mais afetuoso com os filhos, emocionalmente vulnerável, acolhedor. A partir do momento que se reconhece suas necessidades afetivas é possível haver a transição do pai provedor para o pai ativo (GOMES e RESENDE, 2004).

Diante disso, torna-se de extrema importância realizar pesquisas quanto ao tema da paternidade, como é o caso dessa pesquisa, visto que compreender os aspectos da paternidade, como os homens a percebem, seus entraves e incentivos para participar da vida familiar, possibilita proporcionar melhorias de políticas públicas para que se tenha adesão de homens com a paternidade e entender relações familiares (SOUZA e BENETTI, 2009).

Visto tudo que foi discutido até então, quanto a questão de gênero, masculinidade, divisão de trabalho e paternidades, na última etapa da revisão bibliográfica buscou-se relacionar alguns aspectos da teoria da subjetividade nos campos citados anteriormente.

#### **4. TEORIA DA SUBJETIVIDADE DO GONZÁLEZ REY**

A teoria da subjetividade de González Rey nos permite compreender a subjetividade da pessoa como sendo o resultado do contexto sociocultural em que está inserido, juntamente

com a forma pela qual o indivíduo processa, reflete e age dentro desse ambiente. A seguir será apresentado os principais conceitos que serão utilizados para auxiliar o processo de análise das entrevistas.

Foi abordado como um conceito simples quanto à masculinidade e paternidade, e que ao longo dos anos, diante dos debates sociais e de equidade de gênero, os conceitos foram se expandindo, ganhando um “s” para expressar a pluralidade de performances que podem ocorrer quanto a “ser pai” e “ser homem” perante a sociedade. Esse pensamento dos aspectos como uma construção é reforçado por González Rey ao retratar a subjetividade como sendo um sistema em desenvolvimento permanente. Sendo então, o resultado do contexto histórico cultural em que a pessoa está inserida, no caso, a entrada da mulher no mercado de trabalho, debates feministas sobre equidade de gênero e a forma em que os sujeitos interpretam e agem perante aquilo que ocorre ao seu redor, sendo influenciado também pelos espaços que a pessoa ocupa, suas experiências de vida, havendo então uma rede de eventos complexos para a constituição da subjetividade da pessoa, que são alteradas constantemente tendo em vista que são elementos que sofrem diversas alterações ao longo do dia a dia (GONZÁLEZ-REY, 2007). A própria constituição de sujeito tem como princípio a possibilidade de a pessoa superar o que lhe é fornecido de forma imediata, com novas narrativas para sua vida (GONÇALVES, 2004).

O sentido subjetivo, refere-se aos processos simbólicos e emocionais que a pessoa percebe com relação aos eventos e ações de sua vida, dando a essa vivência a singularização e complexidade de acordo com cada uma, rompendo então com a ideia de uma experiência padronizada, visto que é impossível que duas ou mais pessoas compreendam a mesma história de forma exatamente igual, devido a cada um apresentar uma personalidade, perspectiva, história que tornará o sentido subjetivo diferente entre eles. Por meio desses sentidos subjetivos é possível compreender como a pessoa vive sua vida no campo social e individual, além de percebê-la como algo em constante transformação já que a pessoa se encontra em constante mudança pelo seu contexto e pela forma como o percebe (GONZÁLEZ-REY, 2007).

Configuração subjetiva é a forma pela qual se deu sua organização subjetiva diante de sua vida, o conjunto de sentidos subjetivos do indivíduo, de sua personalidade, a forma como se relaciona, a forma como age perante as situações da vida, mantendo-se mais estável em comparação com os sentidos subjetivos, apesar de haver a possibilidade de mudança, elas tendem a ocorrer com menos frequência e não tão rapidamente. No contexto da pesquisa aqui

colocada pode-se pensar a configuração subjetiva da ação da pessoa em exercer a sua paternidade como sendo constituída por múltiplos sentidos subjetivos associados, como a sua relação com sua masculinidade, suas referências de paternidade, de ser homem, seu contexto social, assim como sentidos subjetivos associados a sua relação sobre o cuidado. A configuração subjetiva pode produzir novos sentidos subjetivos diante de novas experiências de vida, sendo então, algo passível de alteração de acordo com as mudanças do sujeito, se mantendo em constante movimento (ALMEIDA; MARTÍNEZ, 2019).

O “sujeito” aqui nomeado se refere a uma posição crítica perante o contexto em que a pessoa está inserida, detendo uma posição de modificação perante as situações sociais que vivencia, surgindo em momentos de tensão para criar novos caminhos de existir no mundo. O não sujeito então seria a pessoa que se encontra em uma posição passiva diante dos campos da vida, não havendo então o processo de avaliação, seguindo apenas o que lhe é dito que precisa ser feito. Uma pessoa pode atuar como sujeito dentro de um campo, como o afetivo, enquanto que o outro pode ter a posição de não sujeito, como o trabalho (GONZÁLEZ-REY, 2007). No caso da pesquisa, pode-se pensar em “sujeito” aquele homem que assume uma posição de análise ao que foi colocado sobre as paternidades e masculinidades, tendo como postura modificar esses espaços de forma a melhor se encaixar em suas perspectivas.

Na subjetividade individual, a pessoa gera os próprios sentidos subjetivos e configurações perante os espaços que ocupa e o contexto, enquanto que na subjetividade social, se refere às produções de subjetividades e configurações subjetivas produzidas dentro de um espaço social e compartilhada por aqueles que nela vivem, como dentro de um contexto familiar, por exemplo. Essas subjetividades interagem entre si, produzem novos sentidos, havendo então uma influência constante entre eles (SOUZA; TORRES, 2019).

Existem dois níveis de regulação da personalidade, o primeiro sendo denominado como nível de normas, aspecto em que o sujeito está enrijecidos pelas normas sociais e as segue sem refletir; o segundo chamado nível consciente-volitivo, refere-se à pessoa que reflete sobre os aspectos sociais, valores e normas, para então colocá-las no ponto de vista da ação do que se espera atingir (GONZÁLEZ-REY; MARTÍNEZ, 2017). Pode-se pensar no nível de normas dentro do contexto de paternidades e masculinidades, como sendo aquele pai que exerce uma masculinidade dominadora, pouco afetiva e que se mantém apenas no papel de provedor na vida dos filhos, pois é isso o socialmente esperado e imposto a ele, exercendo então uma subjetividade social dominante. Enquanto que no nível consciente-volitivo pode-se pensar em um homem que passou por um processo reflexivo quanto a esses valores impostos

e como isso afetou sua vida e a partir disso buscou uma performance dessa masculinidade e paternidade que fazia sentido para o tipo de homem que gostaria de ser, tanto para si como para seus filhos. Esses conceitos são antigos, porém por fazerem sentido dentro da construção da pesquisa foram utilizados.

É interessante pontuar que essa regulação da personalidade não necessariamente representava todos os campos da vida do sujeito, por exemplo, no campo profissional um homem poderia exercer o nível de normas, tendo atitudes mais rigorosas e dominadoras com os colegas de trabalho, enquanto que no campo afetivo e das relações, esse homem exerceria o consciente-volitivo, com comportamentos afetuosos e demonstrando-se emocionalmente vulnerável aos outros.

Pensar nas discussões que surgem sobre as paternidades e masculinidades, é pensar em um sujeito que tem gerado os próprios sentidos subjetivos diante da ideia hegemônica do que foi construída a figura do “ser pai” e “ser homem”. Dessa forma, proporciona a possibilidade de gerar novas mudanças, seja por meio de pesquisas sobre o assunto, construção de redes de apoio para ressignificar esses espaços das paternidades e masculinidades, demandando novas configurações sociais, como a criação de leis, para que essas alterações ocorram.

## 5 MÉTODO

O tipo de pesquisa escolhido foi o qualitativo. Ela tem como objetivo compreender como as rotinas sociais são afetadas por um determinado fenômeno que está sendo estudado, busca entender como os sujeitos, colocadas no papel de ator social, interpretam os sentidos de sua conduta e dos outros ao seu redor. Esse modelo procura captar como os padrões sociais, regras, hábitos afetam o cotidiano dos indivíduos, seus comportamentos, suas formas de agir perante as situações (ALONSO, 2016).

Por não ter opções de respostas, como as respostas de múltipla escolha das pesquisas quantitativas, por exemplo, o entrevistado tem como possibilidade falar livremente, permitindo que se explore de forma mais profunda suas emoções, opiniões e vivências. Permite entender quais foram os marcos pessoais importantes que agiram na vida do sujeito e quais os sentidos ele atribui aos eventos, possibilita compreender como os aspectos sociais, normas, padrões, culturais, influenciaram a vida da pessoa (ALONSO, 2016).

Por privilegiar a vivência do indivíduo, tem como foco a narrativa que ele traz sobre os fenômenos, o método então se encaixa no que se espera desenvolver ao longo da pesquisa. Visto que se espera colher, por meio dos depoimentos, o ponto de vista dos participantes perante a sua visão sobre a vivência de paternidade e masculinidade, como isso afetou suas vidas, relações com os outros e consigo mesmo.

Na pesquisa do tipo qualitativa aqui proposta, o instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, pois este instrumento nos permite buscar, por meio da fala, das experiências, valores, opiniões, desejos dos entrevistados, entender qual o contexto que essas falas utilizam como foco o interesse da pesquisa investigada, no caso, as masculinidades e paternidades (LIMA, 2016).

Houve um roteiro com as perguntas para condução da entrevista, mas que buscou manter em estilo de “conversa”, algo mais informal e que o entrevistado se sentisse mais à vontade, buscando trazer, inclusive, aspectos do cotidiano dos participantes, frustrações, alegrias, projetos para o futuro, formato inspirado nas dinâmicas conversacionais propostas pelo método construtivo-interpretativo sugerido por González-Rey; Martínez (2017) A organização deste roteiro foi semiestruturada, com perguntas centrais para a investigação, mas com flexibilidade para que novas perguntas surjam ao longo da entrevista se necessário, para que se entenda melhor algo que o entrevistado pode trazer. O roteiro permitiu que o

entrevistador não fugisse do foco de pesquisa e nem se perdesse ao longo da condução, mas se sentisse livre com relação à adição de perguntas permitindo que o responsável pela entrevista conseguisse adaptar a condução para o entrevistado e explorar ainda mais seu discurso (LIMA, 2016).

A entrevista semiestruturada contribuiu para o desenvolvimento da pesquisa visto que permitiu, por meio do discurso do outro, compreender como os aspectos socioculturais, masculinidade e paternidade influenciaram o cotidiano do outro e ainda ter a flexibilidade de adaptar as perguntas para o melhor desenvolvimento das entrevistas.

Foi utilizado para auxiliar a análise do discurso a teoria da subjetividade de González Rey, pois o diálogo entre entrevistador e entrevistado pode favorecer um espaço de reflexão emocional e os processos de subjetivação dos participantes da pesquisa, permitindo que a pessoa, ainda que com suas cristalizações subjetivas, passe a ocupar o lugar de sujeito e repensar as imposições socioculturais a partir das perguntas levantadas ao longo da entrevista (GONZÁLEZ-REY; MARTÍNEZ, 2017).

## 5.1 PROCEDIMENTOS

### 5.1.1 Etapa 1

Em atendimento à Resolução nº. 466/2012, do Conselho de Saúde do Ministério da Saúde, a pesquisa foi submetida ao comitê de Ética junto com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 1), por se tratar de uma pesquisa com seres humanos. Essa pesquisa não ofereceu risco aos pesquisadores e participantes que receberam informações sobre a natureza e a proposta da pesquisa para que pudessem decidir se queriam envolver-se voluntariamente. Foram empregadas as regras de saúde da OMS com relação à pandemia, como o distanciamento social, no caso.

### 5.1.2 Etapa 2

Simultaneamente à primeira etapa foi feito um levantamento bibliográfico para melhor se compreender o fenômeno da paternidade, masculinidade e suas ramificações. Buscou-se



pelas seguintes temáticas: masculinidades e vulnerabilidades; paternidades pretas; pessoas com deficiência; desenvolvimento infantil e a relação com o cuidado; paternidades trans; expectativas de pais de primeira viagem, entre outros temas identificados como pertinentes no momento da pesquisa.

### 5.1.3 Etapa 3

Os participantes foram recrutados por meio de redes sociais e foi utilizada também a estratégia de recrutamento chamada bola de neve, dentro da qual cada participante sugeriu outros de acordo com os perfis solicitados pela pesquisadora. Foram mapeados nas redes sociais perfis de homens que falam sobre paternidades ativas e que condiziam com o objetivo de pesquisa. Após isso, foram enviadas mensagens para os perfis desses homens que abordavam o tema. A pesquisadora explicou os objetivos da pesquisa, como seria o processo de coleta de informações por meio de uma entrevista semiestruturada e pelo *Google Meet*.

Esperava-se entrevistar, no mínimo, seis pessoas para compor a pesquisa, mas ao longo do estudo se buscou abarcar mais pessoas de diferentes perfis, então, ao final, foram realizadas nove entrevistas totais, tendo como critério ter o máximo de diversidade possível de homens: brancos, pretos, heterossexuais, cisgêneros, transgêneros, casados e separados. Além de haver como segundo critério abordarem nas redes sociais questões voltadas sobre paternidades e masculinidades. Os nomes fictícios, idade, profissão, identidades racial, de gênero e orientação sexual, quantidade de filhos, bem como estado civil dos participantes estão expostos na tabela abaixo.

TABELA

Nome	Idade	Profissão	Identidade racial	Identidade de gênero	Orientação sexual	Estado civil	Filhos
Marcos	37	Empreendedor social	Branco	Cisgênero	Hétero	Solteiro	1
Cláudio	54	Aposentado	Branco	Cisgênero	Hétero	Casado	1
Donatello	42	Psicólogo	Branco	Cisgênero	Hétero	Divorciado	3
William	38	Empreendedor	Branco	Cisgênero	Hétero	Casado	1
Jorge	30	Professor, pesquisador	Preto	Cisgênero	Hétero	Casado	1

Jorel	41	Empreendedor social	Branco	Cisgênero	Hétero	Solteiro	3
Bernardo	40	Professor	Preto	Cisgênero	Hétero	Casado	1
Gabriel	37	Jornalista	Preto	Cisgênero	Hétero	Casado	2
Pablo	33	Executivo de vendas	Branco	Transgênero	Hétero	União Estável	2

#### 5.1.4 Etapa 4

Nessa etapa foram realizadas as entrevistas semiestruturadas com os participantes. A entrevistadora entrou em contato com os sujeitos para marcar um horário mais conveniente para eles, explicou-lhes que, devido ao COVID-19, a entrevista ocorreria de forma online, através do aplicativo *Google Meet*, para a segurança de todos os envolvidos. Além disso, foi informado a eles que a entrevista poderia durar em torno de uma hora.

Após a marcação da entrevista, já no ato da execução da mesma, solicitou-se a gravação da entrevista de todos os colaboradores, com o objetivo de coletar todas as informações. Além disso, houve o esclarecimento quanto ao sigilo, respeito e responsabilidade com as informações coletadas.

As informações anteriores e as que se mostraram necessárias foram colocadas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), entregue aos interlocutores antes da realização das entrevistas. A entrevistadora ficou disponível para tirar possíveis dúvidas que pudessem surgir. Somente após dúvidas esclarecidas e o TCLE assinado, foi dado início às entrevistas com um roteiro de entrevista semiestruturada (anexo 2).

Sabe-se que pela entrevistadora ser mulher esse fato poderia influenciar na condução da entrevista, o quanto os colaboradores se sentiriam à vontade para compartilhar suas vivências. Mas ao longo do desenvolvimento das entrevistas foi possível contornar a situação, acolher as angústias que surgiram e a pesquisadora se mostrou aberta a escutar suas histórias ao longo da entrevista e os entrevistados acolheram de modo satisfatório todas as perguntas.

#### 5.1.5 Etapa 5

A partir das gravações coletadas a pesquisadora realizou a transcrição do conteúdo das falas e fez uma leitura e releitura do material coletado para então realizar a análise do

conteúdo.

Na primeira etapa da análise de conteúdo, chamada de pré-análise, foram construídas categorias de acordo com os objetivos da pesquisa e o material foi separado de acordo com tais categorias. Para essa categorização foram utilizados três princípios de classificação.

No primeiro, as categorias obedeceram a um princípio em comum para serem classificadas. Nesse caso, as falas apresentavam relação com paternidade e/ou masculinidade e/ou suas ramificações. O segundo se referiu em tentar tirar ao máximo a exposição oral dos sujeitos para encaixar dentro de, pelo menos, uma das categorias construídas. O terceiro e último princípio se refere à exclusividade, ou seja, essas falas não podem se repetir em mais de uma categoria (GOMES, 2002).

Dessa forma, foram delimitadas três categorias com base nos Objetivos da pesquisa, na Revisão Bibliográfica e na incidência das falas dos entrevistados sobre tais categorias. São elas: 1) Os sentidos de paternidade ativa na vivência de diferentes homens pais plurais; 2) O impacto da paternidade na autopercepção da masculinidade; 3) Desafios de paternidades plurais.

Além das categorias, foram construídos subtópicos para cada categoria, de forma a facilitar a compreensão temática do conteúdo das entrevistas realizadas. Para a categoria 1) Os sentidos de paternidade ativa na vivência de diferentes homens pais plurais foram delimitados os seguintes subtópicos (a) Como se percebeu pai; (b) Rotinas práticas em relação aos diferentes perfis de pais entrevistados; (c) Crítica à idealização da paternidade e críticas aos modelos de paternidades falhas; (d) Ativismo da paternidade ativa: trabalho com grupos de homens, nas redes sociais, etc. Para a categoria 2) O impacto da paternidade na autopercepção da masculinidade: (a) As ausências masculinas e referências negativas na vida do sujeito como homem; (b) Mudanças na relação com os outros; (c) Mudanças no processo de autocuidado. Por fim, para a categoria 3) Desafios de paternidades plurais: (a) Não se sentir pertencente dentro de um espaço; (b) A questão da identidade do pai e os efeitos das estruturas de discriminação social; (c) Preconceito e falta de espaço em grupos de apoio para pais.

A segunda etapa da análise de conteúdo, chamada de análise propriamente dita, envolveu uma comparação dos trechos selecionados em cada categoria. O primeiro critério de análise envolveu identificarmos quais trechos são similares, quais são divergentes e quais são destoantes. O segundo critério de análise envolveu construir uma relação entre os trechos e a

literatura pesquisada, utilizando-se da literatura como uma lente analítica para o fenômeno empírico analisado. Nesse momento observou-se a necessidade pontual de novas literaturas para compreensão dos fenômenos que apareceram nos trechos analisados.

Por fim e simultaneamente às etapas anteriores, a terceira etapa da análise de conteúdo foi a interpretação e escrita dos resultados. Foram construídas análises aprofundadas em cada categoria selecionada. Ao realizar a análise das informações coletadas, buscou-se compreender os aspectos socioculturais que os sujeitos estão inseridos e suas possíveis influências nas percepções deles sobre os fenômenos. Dessa forma, foi realizada uma articulação entre as informações coletadas e o referencial teórico levantado ao longo da construção da pesquisa (GOMES, 2002).

### 5.1.6 Etapa 06

Nesta última etapa foi construída esta monografia para explicitação pública dos resultados da pesquisa. Trata-se de uma etapa posterior à pesquisa, de comunicação e divulgação.

### 5.1.7 Cronograma de execução

Etapa 1 – Levantamento bibliográfico e sistematização de aporte teórico relativo ao tema pesquisado

Etapa 2 – Avaliação do Comitê de Ética

Etapa 3 – Construção de questionário de entrevistas semiestruturadas

Etapa 4 – Realização de entrevistas semiestruturadas

Etapa 5 – Transcrição das entrevistas, sistematização dos dados coletados e análise do conteúdo

Etapa 6 - Produção do relatório final

Etapa	Mês 1	Mês 2	Mês 3	Mês 4	Mês 5	Mês 6
1	●	●	●	●	●	
2	●	●				

3			●	●		
4			●	●		
5			●	●	●	
6				●	●	●

## 6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para apresentar e discutir as informações mais significativas das vivências dos participantes foram consideradas três categorias de análises temáticas. 1) Os sentidos de paternidade ativa na vivência de diferentes homens pais plurais; 2) O impacto da paternidade na autopercepção da masculinidade. 3) Desafios de paternidades plurais. A seguir serão apresentadas as descrições e análises para cada categoria. Para reforçar a ideia de sigilo e respeito à segurança dos colaboradores, todos os nomes a seguir foram alterados de forma a manter o anonimato dos entrevistados, mantendo-se apenas os nomes citados de figuras públicas.

### 6.1 OS SENTIDOS DE PATERNIDADE ATIVA NA VIVÊNCIA DE DIFERENTES HOMENS PAIS PLURAIS;

Ao longo da revisão bibliográfica foi possível perceber que havia uma percepção comum com relação às atividades que um pai e uma mãe deveriam fazer, no caso das mulheres, dar conta das atividades domésticas, dos filhos, e, se tiver, do trabalho, com o máximo de dedicação, enquanto o homem ficava encarregado de trabalhar, não sendo preciso realizar qualquer atividade com relação ao lar. Isso afetava a percepção dos homens quanto ao seu papel como pai, tendo uma atitude mais “passiva” com relação aos filhos, tendo poucas interações com eles para além do financeiro e quando tinha era a partir do pedido da mãe da criança, tendo então uma paternidade reigente a partir do que a mulher lhe pedia para fazer. Diante disso, buscou-se compreender a paternidade ativa e seus efeitos a partir das falas de homens diversos que ocupam a função paterna.

Essa categoria tem como objetivo refletir sobre o modo como os participantes da pesquisa refletem sobre suas experiências como pais a partir das suas localizações identitárias contextuais específicas. A título de lembrança, entendemos por paternidade ativa a atuação do pai na vida do filho para além do financeiro, cuidando fisicamente da criança e se permitindo uma conexão emocional com ele (MINISTÉRIO DE SAÚDE, 2018).

É comum no discurso de todos os participantes que a paternidade precisa ser normalizada, ver homens exercendo o papel de cuidado precisa urgentemente ser visto como

comum. Os papéis de gênero enrijecidos da mãe cuidadora e do pai provedor, geram malefícios para todos os envolvidos. A mãe por ter a sobrecarga de atividades, enquanto o homem percebe o trabalho como única forma de cuidado possível para sua família, além de ser enxergado pela sociedade como um “superpai” ao exercer o mínimo de atividades de cuidado com a criança.

Além disso, também foi possível perceber que uma das formas de homens ressignificarem seu papel como pais, indo para além do financeiro e tendo uma presença ativa na vida das crianças, foram os estudos sobre questões de gênero e cuidado, seja por meio de leituras próprias ou grupos de apoio, utilizando as redes sociais para compartilhar suas vivências nessa jornada, fazendo parte de grupos de homens que abordavam sobre a paternidade e ser homem. Vale dizer que as redes sociais podem se tornar meios de tornar conceitos, estudos sobre gênero mais acessíveis ao público, chegando até a popularização dos termos ou deles serem adaptados para se tornarem mais compreensíveis.

Um exemplo do que foi abordado acima sobre o “superpai” pode ser visto na fala a seguir de Pablo:

Eu vejo que hoje socialmente eu sou lido como homem, o que tá certo e cara, hoje eu vejo o espaço de privilégio que ocupo sendo homem e sendo pai, porque por exemplo, quando eu era mãe né, visto como mãe da Laura [filha] eu sempre cuidei da minha filha sempre penteei o cabelo, eu sempre fiz escova, sempre pinteí unha, sempre fiz todas essas coisas e é, em nenhum momento isso foi reconhecido como algo extraordinário né, era sempre voltado a papéis maternos, papéis do universo feminino e hoje fazendo as mesmas coisas eu sou visto como aquele título do, eu detesto esse título do “homão da porra”. O que eu enxergo hoje como desafio é realmente protagonizar o meu espaço na vida dela sem fazer disso algo que alimente o meu ego, me colocando num pedestal ou num altar de que eu faço algo muito extraordinário, não, eu faço o que eu sempre fiz só que agora eu só mudei a minha carcaça, a minha aparência.

O uso do termo “espaço de privilégio” justamente por essa desresponsabilização do papel do homem no cuidado, não sendo esperado dele nada além do prover financeiro, tendo então menos tarefas, responsabilidades e carga mental se comparado a uma mulher. Já o “homão da porra”, refere-se ao fato de que se espera tão pouco desse homem, que qualquer atividade voltada para além do financiar a casa é visto como extraordinária, necessário então ser valorizado e exaltado por isso. Enquanto mulheres não são vistas como “mulherão da porra” por trabalhar, cuidar da casa, cuidar dos filhos, cuidar dos idosos, porque isso é visto socialmente como algo natural e esperado para ser executado por ela, não sendo merecedora então da mesma exaltação feita aos homens, pois não estaria fazendo nada além de sua obrigação.

Pablo é um homem transgênero<sup>3</sup>, como dá a entender em sua fala, passou pela transição após o nascimento da filha, tendo então a experiência de ser lido e julgado socialmente como mulher/mãe e depois a de ser lido e julgado socialmente como homem/pai, gênero ao qual se identifica. Como traz em sua fala, seu comportamento com a filha após a transição não mudou, mas a forma como a sociedade o percebia mudou completamente, antes sendo lido como “mãe” de Laura, não fazia nada além de sua obrigação, agora sendo visto como pai de Laura passa a ser exaltado, ganhando o título de “homão da porra”. O que apenas reforça como é gritante a diferença do tratamento social entre as atividades desempenhadas por pais e mães.

É preciso informar que não será abordada de forma detalhada a questão de transgênero e seus desafios com relação à vivência da paternidade por enquanto, será feito posteriormente na parte três em uma de suas subcategorias.

Uma fala que colabora com o que foi apresentado sobre grupo de homens e redes sociais vem na fala de William:

Eu criei um grupo de homens com os pais da escola do Enzo[filho] e ali a gente começou a se reunir toda terça feira para falar sobre essas questões de masculinidades de sensibilidade masculina, de paternidade, de relacionamento de dinheiro, de poder, de tudo e ali saíam conversas tão poderosas saía, sabe? Episódios tão marcantes assim, de compartilhar histórias, de sentir junto, de chorar junto, sabe? Homens compartilhando histórias que eles nunca compartilharam com ninguém, nem com suas parceiras, nem com seus pais e aí eu percebi o quanto que isso era poderoso, eu ‘poxa, isso pode tocar outras pessoas’, e aí também de maneira totalmente ainda confidencial, preservando os nomes ou então eu pegava o conteúdo o conceito que a gente conversou, e aí testificava isso, escrevia isso e colocava na rede e isso começou a me motivar também, sabe?

William trouxe que aquele ambiente composto por homens foi uma forma deles compartilharem sentimentos/histórias que nunca tinham revelado para ninguém, sendo uma válvula de escape para soltarem emoções contidas. É curioso perceber que existia a necessidade por parte desses homens em ter esse espaço para compartilhar, visto que eles frequentavam e se vulnerabilizavam nesse ambiente, mas foi somente a partir da iniciativa de William que esse meio foi criado.

Ambas as falas refletem papéis de gênero endurecidos baseados na masculinidade hegemônica, os homens colocados para ocupar o papel de provedor, emocionalmente distantes, sendo impedidos, sob o ponto de vista social, em serem vulneráveis

---

<sup>3</sup> Transgêneros são pessoas que têm uma identidade de gênero que difere do típico do seu sexo atribuído ao nascer.



emocionalmente, pois como traz hooks (2004) em seu livro, muitas vezes os homens não compartilham suas dificuldades, principalmente com suas companheiras, com o receio de serem percebidos como “menos homens” por não “darem conta”, já que foi construído a ideia de que “ser homem” estaria ligado diretamente com a relação de serem provedores e fortes. Enquanto que para as mulheres é imposto desde a infância brincadeiras voltadas para as atividades do cuidado e por serem colocadas a realizar mais atividades domésticas desde cedo as torna mais treinadas a lidarem com as demandas do lar e de uma criança, o que pode ser percebido como algo “natural”, quando na realidade é uma construção que ocorre desde a infância até a vida adulta (LIRA, DOMINICO e NUNES, 2019; IPEA, 2011)

### **6.1.1 Como se percebeu pai**

Dentre as perguntas feitas na entrevista, uma delas se refere a quando se perceberam pais pela primeira vez, a partir disso, foi possível perceber que era comum entre a fala dos participantes que a descoberta da paternidade fosse sentida durante o dia a dia, na rotina e na interação pai-filho. Apesar das particularidades e individualidades dos participantes, notou-se um padrão nos relatos. Pais com diferentes vivências, de diferentes meios sociais e contextos apontam que descobriram a paternidade através dos desafios trazidos com a chegada dos filhos, rompendo com o modelo de pai provedor, muitas vezes vivenciado por eles pelos próprios genitores. Para exemplificar segue o relato do participante Jorel:

Quando é que a ficha da paternidade realmente cai? É no dia a dia, é na prática, é quando eu começo a ouvir as primeiras perguntas é... capciosas né, sobre sexo, sobre sexualidade que eu fico sem saber como responder, é quando a primeira doença grave que você fica ali do lado que você fica ali do lado sem dormir, duas, três semanas, tem que ficar em hospital acompanhando, fazendo exame né. É quando vem as tarefas e tem que conciliar a tarefa com o trabalho, com as coisas de casa, né? Então toda situação que é a primeira, a paternidade foi se fortalecendo.

Assim como os participantes da pesquisa conduzida por Silva, Pinto e Martins (2021) a identidade de ser pai não foi um estalo e, sim, a construção da identidade paterna ao longo de uma jornada, por meio de leituras, conversas com amigos e profissionais, experiência com o cuidado, revisão de valores e experiências. Houve um processo de edificação feito aos poucos e em conjunto com outras pessoas.

A primeira concretização da paternidade veio de fato na sala de parto, ao segurar seus filhos pela primeira vez, parece haver uma dificuldade dos homens em se perceberem pais antes do nascimento do bebê, sentem-se de fato pais apenas quando tocam a criança, ou seja, quando ela nasce. Para Jorge, assim como para a maioria dos pais, a sensação de ser pai veio nesse primeiro encontro com o filho fora da barriga, foi a partir da concretização da vida e existência daquele bebê que se reconheceu como sendo pai.

A gente tava na banheira e aí eu tava segurando a Mari por trás e ela tava fazendo a força nas contrações, e aí quando o Matheus [filho] realmente terminou de sair, aí a gente pegou, a Mari colocou no joelho dela, aí eu olhei e falei “gente, a coisa mais linda do mundo, eu não posso ficar longe desses dois não”, aí foi que eu falei “ah, não”, é uma coisa, é uma explosão de não sei, não sei descrever, o que é a explosão, mas é uma explosão de sentimentos bons.

Os homens cisgênero<sup>4</sup> não têm a possibilidade em gestar e sentir de forma direta o desenvolvimento da criança, é preciso utilizar de outros métodos para que eles possam acompanhar e ir criando conexão com ela, exemplos disso são o ultrassom, ouvir as batidas do coração, o pai conversar com o bebê já que a partir do terceiro trimestre o bebê consegue reconhecer vozes (SIEGEL e BRYSON, 2015). Entretanto, foi possível perceber que a equipe médica, pessoas que deveriam ser responsáveis em orientar esse pai para a chegada da criança, não estão preparadas geralmente em receber os homens e tratá-los como responsáveis pelo cuidado, pois a presença deles nesses espaços é visto com estranhamento pelos médicos (RABELO e ARAÚJO, 2014). Essa informação é reforçada pelos dados da Pesquisa Nacional de Saúde (2019) apenas 6,9% a 25,7% dos homens foram convidados pela equipe médica a participarem de grupos de apoio e palestras sobre cuidado, o que reitera a ideia de que o acompanhamento deles com a criança não é necessário.

O único aspecto que poderia ser considerado mais destoante da fala dos outros participantes, refere-se à fala do Marcos:

E aí eu comecei a escutar uma criança gritando “pai” assim “pai, pai, pai” e eu não dei bola porque até então esse título aí não era meu,[...] mas eu falei assim, “ah, deve ser outra família que chegou aí o pai desastrado não tá dando atenção pro filho” e a criança começou a continuar “pai” e aí você olha pra trás meio julgando mesmo assim fala “caralho, quem é esse cara que não está escutando essa criança gritar, Jesus” e aí quando eu olho assim não tem ninguém na piscina só eu, a Amanda [ex-esposa] e o Pedro [filho],[...] aí eu me toquei que o pai que a criança que a criança ficava gritando era o Pedro e que o pai irresponsável que não dava atenção era eu e aí eu me toquei e falo “cara, tipo” e aí eu achei que é mais ou menos estranho, né, tipo[...] “pai” nunca me chamaram, entendeu? E não amadurecia a ideia disso e aí ali foi o caralho, então eu acho que tipo aí por isso que eu brinco que eu acho que não

---

<sup>4</sup> Condição da pessoa cuja identidade de gênero corresponde ao gênero que lhe foi atribuído no nascimento.

fui eu que adotei o Pedro, foi o Pedro que me adotou naquele dia, assim sabe assim tipo, “olha, eu acho que você vai ser meu pai, você não tem nem por onde correr.

Ao contrário dos outros pais, Marcos não acompanhou a gravidez e nem pegou o bebê no colo assim que nasceu, conheceu o filho quando iniciou uma relação com Amanda que já o tinha, fruto de uma relação anterior e, apesar de se sentir responsável por aquela criança, visto que morava junto a ela, só se sentiu na titularidade de “pai” quando o próprio Pedro conferiu a ele essa denominação de pai. O mesmo ocorreu na pesquisa de Rosa et al (2016) sobre um casal homoafetivo que adotou uma criança mais velha. Para tal casal havia a sensação de que tinham sido escolhidos pela criança para serem seus pais e só se sentiram na titularidade de pais quando a criança os nomeou assim.

Outra fala destoante dos outros se refere ao relato do Pablo, por ser uma pessoa transgênero que iniciou seu processo de transição apenas quando a filha era criança, teve uma vivência de ser lido socialmente como “mãe” e posteriormente como “pai”, além de ter tido experiências únicas que a grande maioria dos pais não viveu, como gestar a filha:

Olha, a minha história como pai, ela começa com a minha história sendo mãe, né? A minha história como o pai da Laura ela começa com a minha história sendo mãe da Laura, né, então eu acho que houve um trânsito entre essas... essas duas titularidades que aconteceu de forma muito natural, é. A Laura conviveu com uma titularidade sobre mim como mãe durante nove anos e quando eu iniciei a minha transição pra o gênero masculino essa titularidade gradativamente ela foi percebida pela Laura e foi adaptada a titularidade de pai, né, então não foi algo que, não foi insight, foi alguma coisa que aconteceu em determinada data, nesse sentido, né? Mas foi algo que foi acontecendo de acordo com a aquisição dos caracteres masculinos na minha transição de gênero pro masculino.

Por ter gestado a filha o processo de vinculação se iniciou nos primeiros momentos de desenvolvimento de Laura, sendo preciso deixar claro que o processo de vínculo responsável-bebê se dá por meio da interação do adulto com a criança, não estando ligado necessariamente ao gênero que o responsável se identifica (ABRAHAM e FELDMAN, 2017). Entretanto a titularidade de pai veio apenas anos depois, quando começou o processo de transição e começou a apresentar sinais físicos masculinos, sendo a Laura que passou a nomeá-lo como pai. A fala de Pablo se assemelha à fala de Marcos por ter adquirido a titularidade de “pai” quando a criança já era mais velha, apesar de os motivos de ambos serem diferentes.

É possível então compreender que a equipe médica pode exercer um papel muito importante na vinculação pai-bebê, por meio de incentivá-los a participar das palestras e aulas de pré-natal, ou até instruir quais tipos de interações podem ter enquanto o bebê está se desenvolvendo dentro da mãe. E, apesar do sentimento de se sentir pai começar ao pegar o

filho pela primeira vez, não se encerrar nesse momento, ele continua por meio do cuidado daquela criança por esse adulto.

### **6.1.2 Rotinas práticas em relação aos diferentes perfis de pais entrevistados**

Após conhecer a perspectiva dos pais com relação ao primeiro momento em que se perceberam na titularidade de pais, agora é importante compreender quais as suas atitudes, práticas e percepção de seu papel com relação à criança e demandas domésticas ao longo do desenvolvimento dela e de seu momento atual. Buscou-se entender se haveria uma forma reprodução do modelo hétero da masculinidade hegemônica, homem financiador e mulher cuidadora, ou se existiria outras formas de exercerem suas funções paternas e de cuidado.

As rotinas e o contato do dia a dia apresentaram dois tipos de respostas, a primeira em que as atividades domésticas eram bem divididas entre os pais e as mães. E o segundo tipo, onde os pais eram os principais responsáveis pelos cuidados e demandas da criança, ou por terem uma paternidade solo, eram pais divorciados ou que não conviviam com as mães dos filhos, ou por motivos de pandemia, os homens conseguiram ficar dentro de casa enquanto suas companheiras não conseguiram ficar de home office e tinham que sair para trabalhar.

A título de exemplo do primeiro caso temos a fala de Pablo:

Então as divisões de tarefas, a gente tem essa questão de preferências, mas tudo que eu posso fazer pra antecipar algum problema, pra resolver alguma situação eu já procuro botar na frente pra nem aparecer na frente dela, entendeu? E eu não sinto em nenhum momento que “nossa senhora, que cara incrível” não, é o básico, entendeu? Eu gosto muito menos energia, eu gasto duas três vezes menos energia no meu trabalho pra fazer o que eu tenho que fazer e ganho o dobro muitas vezes, pra piorar tudo a Larissa professora, professor só se ferra nesse p... só se ferra.

Na relação do Pablo com a esposa há uma divisão com base na preferência do que cada um gosta de realizar, tendo a questão a mais de ele tentar diminuir a carga mental da companheira ao diminuir a quantidade de problemas que ela teria que resolver, visto que ele compreende que por ela ser mulher precisa se provar mais vezes do que ele, tendo um gasto de energia diário superior ao dele.

Um exemplo de resposta do segundo tipo vem do Donatello ao trazer:

Ah, eu acho que eu acho que é louco falar disso, porque a divisão de tarefas pode ser muito igualitária, mas não é isso que vai aliviar a carga mental de uma mulher, o que alivia a carga mental de uma mulher é quando você começa a dividir processos, que é diferente porque, eu posso fazer coisas, tipo eu posso botar coisa, posso botar máquinas para bater, posso coar a pano, posso fazer várias coisas, mas quem está

pensando o que tem que fazer é ela, então, aí tipo, ela continua planejando, continua organizando, continua imaginando, continua, sabe a lista do mercado, sabe que tem, que não, sabe o que está prestes a vencer e eu não, então mesmo que as tarefas seja cinquenta cinquenta mesmo, o que já acho suspeito quando eu ouço isso, eu acho que ainda assim é muito desigual, porque, assim, eu só vim entender a parte invisível da coisa quando eu me separei e eu tive que fazer a parte invisível da coisa, então aí que eu saquei que não é só lavar e pendurar roupa, é separar roupa, é pensar em promoções para comprar roupa, é doar roupa, é guardar roupa, é ver como tá gaveta, é assim tem quinhentas coisas.

Ele, quando estava em um relacionamento com a mãe de seus filhos, não precisava fazer o planejamento já que a companheira se encarregava disso, quando se separou e teve que realizar as atividades sozinho foi que conheceu essa carga mental, percebendo que para uma atividade doméstica ser feita é necessário todo um planejamento por trás.

Ambas as falas trazem um aspecto muito importante e que é diferencial entre os gêneros, a carga mental, mulheres por crescerem dentro de uma sociedade que espera delas e as força a dar conta de tudo tendem a ter mais carga mental do que homens, realizando o planejamento mental de como se dará às atividades domésticas. E, geralmente, as mulheres, mesmo que inseridas no mercado de trabalho, tendem a exercer mais horas de atividades domésticas do que os homens, levando-as a terem em média 55,3 horas de trabalho laboral somado ao doméstico para realizarem por semana, levando-as a ficarem mais cansadas do que os homens (IPEA, 2011).

Em maioria, houve uma receptividade positiva com relação às atividades que teriam que realizar com a prole, como é o caso de Jorge:

Eu sempre estive preocupado em executar aquilo que precisava a ser feito, ele era meu filho, eu tinha que pegar no colo, ele era meu filho, eu tinha que dar banho ele era meu filho, eu tinha que trocar a fralda, ele era meu, eu não posso amamentar porque, no caso, eu sou um homem cis, mas, se eu pudesse amamentar também assim eu faria, e existem coisas assim que precisam ser feitas e com o tempo a gente vai aprendendo com o tempo que eles vão saindo assim vão se tornando mais autônomos.

Há o reconhecimento de que aquela criança era dele, logo era sua responsabilidade e ele, dentro do que lhe era possível ser feito, executava as demandas que o filho necessitava. A fala de Jorge reflete uma mudança na percepção de homens com relação ao seu papel diante dos filhos, não se contendo em apenas ocupar o papel de homem provedor, como também ocupando o papel de cuidado. Essa alteração é uma consequência com relação à entrada das mulheres no mercado de trabalho e o debate sobre papéis de gênero, demandando que os homens passem a ocupar também o interior do lar e realizar atividades voltadas para o

cuidado tendo em vista que as mulheres, anteriormente as únicas responsáveis pelo lar, não limitam seu espaço unicamente ao interior da casa (SILVA, 2006; NUNES, SOUSA e SILVA, 2021).

Alguns pais tinham a possibilidade de recorrer à rede de apoio como forma de diminuir a carga de atividades a serem feitas, no caso, uma pessoa contratada ou alguém dentro do meio familiar, geralmente a avó, para dividir os cuidados com os filhos ou realizar as demandas domésticas, permitindo que os pais pudessem se dedicar mais ao trabalho ou à qualidade do cuidado de seus filhos, como é o caso de William:

Olha, a gente está sempre conversando, sobre isso e nos articulando, adaptando, ajustando, mas a gente tem uma pessoa que nos ajuda aqui em casa ela vem quatro vezes na semana, então isso permite que a gente tenha uma dedicação adequada ou considerável para as nossas atividades profissionais.

Geralmente a pessoa que é contratada para auxiliar nos serviços domésticos é uma mulher, justamente por causa da construção social que as mulheres são naturalmente responsáveis pelo lar, logo elas são treinadas por mais tempo a fazerem o serviço doméstico (IPEA, 2011).

É necessário ressaltar que a pandemia trouxe a possibilidade para alguns pais de estarem mais presentes na vida dos filhos, já que o ambiente de trabalho se misturou com o lar, era então possível estarem mais presentes no dia a dia, aspecto esse que em um período pré-pandemia, em que o pai teria que sair de casa e passar longas horas longe, não seria possível. Assim como traz a fala de Bernardo:

Houve, houve sim, porque uma das necessidades dos ambientes de trabalho foi diminuir o pessoal, né, pra evitar aglomeração, então no emprego da minha esposa, né, que ela é engenheira, uma das mudanças foi que aumentou a carga horária de oito horas pra doze, aí com isso ela trabalha de sete às sete muitas, muitas vezes e ela sai cinco e meia da manhã e volta oito e nisso eu fico, ficava, né, o dia inteiro com o meu filho, acordava ele, fazia toda a rotina diária e foi assim durante quase dois anos até que agora a gente optou pela creche e a mudança foi essa, que essa paternidade entre aspas, né, “presente”, em todos os momentos, já que o meu trabalho era *home office*, né, eu sou professor, ela me permitiu viver é... cada momento, né, ver ele aprender a andar, tentar sentar, né. O desenvolvimento dele, acompanhado de perto, e isso é uma coisa que eu devo à pandemia, porque caso contrário eu sairia de casa seis e meia da manhã e voltaria sempre nove, dez da noite, né. Eu saberia que ele começou a andar por notícia da mãe ou da avó, então, nesse cenário, eu fui o primeiro a ver, o primeiro a estar ali junto então, realmente essa pandemia pra minha experiência com a paternidade ela foi assim, revolucionária porque me permite é... acompanhar muito melhor assim, né, o meu filho.

As longas horas de trabalho fora de casa podem ser um impeditivo de muitos pais em estarem mais presentes para os filhos, não só por ficarem muitas horas longe do lar como também estarem cansados das atividades realizadas e não terem energia para conseguirem se relacionar com os filhos (SILVA e SILVA, 2014). E, infelizmente, com o contexto da pandemia, com o índice de desemprego em 14,1% (IBGE, 2021) e o aumento de pessoas abaixo do nível da pobreza (COUTO, 2021), muitos brasileiros não têm a possibilidade de escolher um emprego que os permita passar tempo de qualidade com a família, sendo muitas vezes, obrigados a aceitar empregos, ainda que insalubres, para fornecer o mínimo para sua família. No caso da esposa de Bernardo que passa mais de 12h fora de casa enquanto ele tem coordenar as atividades laborais e de cuidado ao filho, ela, perdendo tempo de qualidade com o filho, enquanto que o entrevistado pode passar pela sobrecarga de passar tantas horas sozinho tendo que lidar com as várias demandas que podem surgir do lar, trabalho e filho.

Além disso, nem todas as famílias contam com uma rede de apoio para auxiliar nos cuidados com a criança, seja um familiar ou uma pessoa paga para auxiliar na limpeza. Muitas vezes, o cuidado recai sobre os pais da criança que tem então que fazer um malabarismo para atender as demandas do lar, dos filhos, do trabalho, tanto as atividades fixas como os imprevistos que podem ocorrer, no caso dos participantes da pesquisa. Dentro de um contexto geral essas atividades recaem sobre as mulheres apenas. Esse isolamento contradiz a natureza humana, visto que o ser humano é um sujeito coletivo, feito para conviver com várias pessoas e ser auxiliado.

### **6.1.3 Crítica à idealização da paternidade e críticas aos modelos de paternidades falhas**

Buscou-se compreender como percebiam que a paternidade é representada e vista socialmente, de que forma isso os afetava, se acreditavam se faziam sentido ou não, se apresentavam algum julgamento sobre.

Houve consenso de todos os participantes com relação à romantização de homens que ocupam o papel de cuidado, criticando a postura em colocar esses homens em pedestais, pois o cuidado é uma habilidade que pode ser desenvolvida e aprendida por qualquer pessoa, saber realizar atividades domésticas e saber o básico de cuidado é o mínimo para que uma pessoa adulta seja funcional no dia a dia. Exaltar homens cuidadores apenas reforça o pensamento que o cuidado é natural para as mulheres enquanto para os homens é algo extraordinário,

como percebe-se na fala de Cláudio: “A minha única crítica é essa que eu comentei com você, tudo que o pai faz é extraordinário e o que a mãe faz é a obrigação dela, essa que é a minha principalmente esse olhar que também está ligado ao machismo estrutural, né.”

Essa ideia é reforçada também por Donatello:

Eu tava dando, sei lá, ou eu ia sozinho numa consulta de pediatria e a pediatra ficava bem confusa, por exemplo, ou eu sabia, sei lá, coisas que são dele assim, das vacina que tomou, das que falta tomar, de quando levar no posto de saúde, saber essa energia, saber as coisas que gosta, que não gosta, eu escrever coisa no recado da agendinha da escola, são coisas tão idiotas, tão básicos do cuidado de um ser humano, mas que ainda são lidas como grande exceção, isso é chamado de “paizão” de quando, na verdade, está fazendo metade do que faz uma mãe, e olha lá. E assim, recebendo o triplo do crédito dela assim.

Dentro das normas pré-estabelecidas socialmente sobre gênero, as pessoas devem seguir um certo roteiro para serem considerados homens (ZANELLO, 2018a). Aos homens o roteiro consiste em prover financeiramente o lar, não sendo necessário ou sequer percebido como capaz de cuidar dos outros, visto que isso seria função da mulher. Então ter homens ocupando esses espaços do cuidado leva a um estranhamento no começo, como demonstrado por parte da pediatra e depois passa a ser exaltado por atuar nesse campo, pois é esperado tão pouco dos homens com relação ao cuidado, que qualquer ato, como escrever na agenda da escola, será exaltado ao máximo, elevando-o a categoria de “superpai”.

E por outro lado eu também acho é, extremamente tóxico, extremamente exagerado aquele pai que, que divide as tarefas e que leva isso como se fosse um mérito né, é o que eu falo do cara que não é machista, mas ele, ele exerce sua masculinidade como se ele estivesse lá no topo do... o prêmio do homem funcional né, só porque ele lava a louça, só porque ele troca fralda ele “uau, ele é um baita homem”, não. Ele é um homem funcional que divide as tarefas e que “ele uau ele faz comida, né?”

Pablo apresenta um ponto importante, o cuidado do lar e das pessoas é uma atividade básica para uma pessoa ser considerada funcional e independente. Tratar essas atividades como um mérito extraordinário auxilia no distanciamento dos homens nesses espaços, pois seria visto como algo “a mais”, logo um aspecto opcional para a constituição do sujeito, quando não é. Esse pensamento leva à sobrecarga mulheres que são colocadas a darem conta de todas as demandas domésticas e dos filhos e a não compartilhar essas atividades com os homens já que isso não seria considerado uma tarefa para eles (SOUSA e GUEDES, 2016).

Isso vem de um espaço também em que os homens não foram incentivados por muito tempo a não ocupar esse espaço do cuidado, como traz Gabriel:



Então a gente não aprendeu a ser pai, essa é uma crítica que eu faço assim, no sentido que a gente não foi estimulado, mas não é culpa da nossa mãe do nosso pai, porque eles não tinham essa percepção, porque eles não aprenderam assim, era o que eles podiam fazer, né, então, hoje a gente vive uma, eu tenho falado isso, né, a gente tá vivendo numa transição de geração, né e essa geração tá vindo um pouco mais atendida, né, os pais já são, é sendo mais amigo dos filhos, são buscando esse entendimento, mas ainda falta muito, né, falta muito porque é, nessa transição de geração tem muitas dores, né, tem muitos traumas.

A paternidade e o cuidado não foram estimulados nos espaços masculinos se comparados ao feminino, que desde criança a menina ganha uma boneca e é colocada para ajudar nos afazeres de casa (LIRA, DOMINICO e NUNES, 2019). Além disso, a convocação de homens a ocuparem o espaço dentro do lar é relativamente recente, tendo se iniciado com a entrada das mulheres no mercado de trabalho e os debates sobre equidade de gênero, em que para o espaço laboral fosse mais ocupado pelo mundo feminino era necessário que os homens realizassem as demandas do lar também (SILVA, 2006; NUNES, SOUSA e SILVA, 2021).

Essas mudanças de papéis de homem apenas provedor para o homem também cuidador podem levar a dificuldades, incômodos e sofrimento para eles, infelizmente há um obstáculo por parte dos homens em se abrir e falar sobre isso, inclusive com relação ao campo da paternidade, não conseguindo trocar experiências com outros pais que possam passar pela mesma situação, como traz Bernardo:

Sim, mas eu percebo que não, não há uma, uma, um aprofundamento né, porque esse lugar do cuidado ele é muito vinculado ao feminino, então você não vê na mesa do bar, na roda do futebol, os pais falando das questões com a paternidade, das dificuldades, até porque homem não fala né dificuldade. A ideia é de que a gente dá conta de tudo, tem esse estereótipo, né, do homem que resolve, do *self made man* é o cara que dá um jeito e aí não, você não encontra eco, né, não encontra espaço pra externar essas coisas, porque se externar aí vem aquelas falas, né, que isso é coisa de mulher, né, que enfim tem todo um estereótipo já, é... posto né do que é que é ser homem e não inclui nisso se abrir e falar de, de questionamentos, dúvidas, frustrações e enfim. E aí, por não ver esse espaço eu entendi que era melhor eu criar um.

O modelo dominante de homem é aquele sujeito que exerce a masculinidade hegemônica, que consiste na ideia de que “ser homem” significa em um distanciamento emocional consigo e com os outros, além de haver uma competição constante com os outros membros masculinos para se provar “mais homem” do que os outros (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013; ZANELLO, 2018b). Esses aspectos, considerados o modelo que os homens devem buscar dentro dessa masculinidade dominante, são fatores que podem levá-los a ter dificuldade em se vulnerabilizar, ainda que seja em um grupo de amigos, pois isso os colocaria como sendo “menos homens” dentro desse padrão da masculinidade hegemônica.

Além disso, esse modelo influencia a forma como são percebidos ao ocuparem o espaço de cuidado, os levando a serem percebidos com estranhamento inicial, para depois serem exaltados ganhando a titularidade de “superpai”, enquanto mulheres que sempre fizeram isso, não recebem o mesmo reconhecimento.

#### **6.1.4 Ativismo da paternidade ativa: trabalho com grupos de homens, nas redes sociais etc.**

Agora que foi possível compreender a atuação dos pais no dia a dia e suas críticas com relação as paternidades, busca-se então entender o que desejam fazer com isso, como abordado inicialmente um dos critérios de inclusão era a atuação desses homens nas redes sociais falando sobre paternidades e masculinidades, então de que forma percebem seu ativismo nas redes sociais, e o que buscam alcançar com isso.

Os homens começaram a falar sobre paternidade nas redes sociais como uma forma de criar espaços onde antes não tinha, para compartilhar as próprias experiências, angústias, alegrias de vivenciar a paternidade, acolher pais que possam ter vivenciado as mesmas situações. Um exemplo disso é a fala do Gabriel:

O pai na verdade, ele - ele não sabe com quem conversar ele não consegue se abrir, né, ele não consegue, ele ter um – um - um pensamento ainda fechado, eu era assim fechado de não se abrir com outros homens, faz parte da forma como a gente foi criado, nossa cultura ainda, é, machista, de num- de- de que a gente não deve ser, se demonstrar vulnerável, e aí a gente tá trabalhando no- na contramão disso, a gente tá... é, com essa rede mostrando assim: “cara, a gente é vulnerável, é... cara, a gente precisa de ajuda. Cara a gente tem que pedir ajuda, não precisa sofrer sozinho”. Então é, sobre a rede, sobre a uma- uma fonte de apoio, vamos dizer assim, uma rede de apoio, a gente começou dessa forma, eu comecei dessa forma.

Os grupos criados por Gabriel possibilitaram espaços de abertura para homens expressarem suas emoções e serem acolhidos, terem vivências partilhadas por pessoas que compartilhavam do mesmo estereótipo de gênero, o do distanciamento afetivo consigo e com os outros. A fala de Gabriel é reforçada pela experiência de outro participante:

Ah, a vaidade talvez, em parte, mas também acho que tinha um pouco de de que eu me sentia realmente perdido em algumas situações, assim, eu via tipo os grupos de mães, assim, muito porra, se apoiando, aí via uma com uma dúvida de amamentação vinha sete para ajudar, assim porra, faz isso, faz aquilo, toma canjica, faz isso aqui, apoiadura isso aqui, primeiro colosso, primeiro leite, segundo leite, pô eu vi isso e falava “cacete”, assim. E aí eu fiquei assim um pouco deslocado, no sentido de que, assim, eu fazia basicamente o que ela me pedia, sabe?

A criação das redes sociais e grupos de estudos surgiu de uma necessidade de Donatello em ter esse acolhimento que percebia no grupo de mulheres e se sentir pertencente na paternidade ao invés de uma pessoa que apenas obedece aos pedidos da companheira.

A partir de alguns encontros entre os homens foi possível perceber que houve repercussões positivas com relação a criação desses espaços dentro das redes sociais e grupos de apoio, como é possível perceber na fala de William:

Foi assim, muito legal, meu, foi assim, foi muito íntimo, sabe? A gente aprofundou a nossa amizade de um jeito que a gente, que a gente não esperava ao mesmo tempo que a gente precisava, sabe? tinha uma necessidade latente, nesses vinte homens ninguém falava sobre ela, ninguém se manifestava e a partir do silêncio dos homens, eu fiz o convite e as coisas aconteceram, então assim, é um sentimento de muita, de muita gratidão por esse movimento que começou há dois anos e que transformou a minha vida, eu percebo, continuo em relacionamento com esses homens, percebo transformações ainda na vida deles, muitos não estão mais caminhando com a gente, mas seguem aquela semente plantada já está brotando e isso transformou, inclusive, a minha carreira, porque foi a partir dali que eu comecei a falar mais sobre masculinidades.

William acabou adquirindo uma experiência inesperada com a criação de grupos de homens, essa possibilidade de amizade e que transformou a relação desses homens com os outros. Assim como traz a fala de Pablo:

Aqui é paternidade real mesmo, é... eu tomo teco da Laura[filha] se precisar, se der motivo, mas a gente também se diverte pra caramba e também faz as coisas junto, né? Então eu acho que o que me motiva muito é realmente poder mostrar a realidade né, e poder também acalmar o coraçãozinho de vários homens trans que passam por muitos desafios com relação a, a, o exercício da sua paternidade, principalmente nos seus núcleos familiares [...] Pra mim foi muito gratificante porque eu vejo que essas, esses materiais eles voam né, e no voar eles jogam sementes e essas sementes que eu vejo elas, elas tão florindo bons resultados e é isso que me motiva todo dia

Para Pablo, compartilhar sua vivência na paternidade nas redes sociais foi uma forma de compartilhar os bons momentos, além de ser um meio para acalmar e acolher as vivências de outros pais trans que poderiam passar pela mesma situação que a sua. Por utilizar os meios virtuais, acaba tomando um alcance maior do que seria se fosse um meio presencial, levando a ter bons resultados que o motiva a permanecer no meio, alimentando um ciclo e gerando mais conhecimento acerca das paternidades.

Então por eu já há alguns anos, muitos anos ativista na causa da inclusão, aí com o nascimento dela eu juntei as duas pautas, a inclusão, a questão da paternidade atípica, que envolve pais e mães com deficiência e também pais e mães sem deficiência e que tem filhos em alguma situação aí de deficiência, enfim, famílias atípicas, né? Então eu falo muito sobre essa questão do capacitismo, que é o preconceito ligado a esse público, a inclusão, a acessibilidade, como eu falei, só que eu sempre coloco doenças aqui, pai é pai, não importa sua característica, né?

O movimento de Cláudio em ser ativista da paternidade é de extrema importância, considerando que a paternidade atípica, como ele mesmo traz, não é muito abordada, tem pouco referencial teórico, inviabilizando os desafios, como o capacitismo na sociedade prejudica a participação de pessoas com deficiência no cotidiano e impossibilita a participação dos mesmos na sociedade. Falar sobre isso torna possível conhecer a pluralidade de vivências sobre a paternidade, além de diminuir o preconceito que possa surgir nessa paternidade atípica.

Como foi possível verificar na pesquisa de Campos e Féres-Carneiro (2021), a presença de uma rede de apoio foi essencial para a vivência de mães que cuidavam de seus bebês para auxiliarem nas atividades de cuidado da criança, fornecer suporte emocional e validarem sua vivência na maternidade, possibilitando a diminuição de sentimentos de ansiedade, insatisfação com relação ao bebê e depressão pós-parto. O mesmo pode ser aplicado a pais que vivenciam a paternidade tendo em vista as falas dos participantes que por meio dos grupos de apoio e suas redes sociais foi possível se sentirem acolhidos e acolher outros pais.

O que torna o ativismo nas redes sociais essencial para a mudança, visto que apesar de essencial, o espaço da academia e pesquisa ainda é muito elitista, não chegando na maioria da população, enquanto as redes sociais permitem tornar o conhecimento mais democrático. Além de proporcionar a outros pais um acolhimento que os participantes não conseguiram ter.

## 6.2 O IMPACTO DA PATERNIDADE NA AUTOPERCEPÇÃO DA MASCULINIDADE

A primeira parte foi dedicada a compreender como esses homens se entendiam como pais, como se percebiam dentro dessa função e suas críticas à paternidade no geral. Agora, a segunda parte será dedicada a abordar quais as suas influências de paternidade, seja dentro da família ou fora, e de que forma a paternidade influenciou a sua vida, tanto no próprio sujeito como também em suas relações, familiares, amigos ou outros.

Ao longo das narrativas percebeu-se um fator em comum com todos os participantes, as paternidades, seja a concretização do “ser pai” ou seus estudos sobre, foi um fator de mudança em suas vidas, seja na relação do sujeito com os outros ou consigo mesmo em seus

processos de ser e autocuidado. Houve uma reflexão quanto às referências de cuidados masculinos em suas vidas, sendo em sua maioria ausentes ou ocupando apenas o espaço de prover financeiramente sua família, e quais foram as consequências disso em sua vida e forma de agir com os outros. Como é possível perceber na fala de Donatello:

Não tive homens no meu convívio, nem meu pai, nem meus tios, nem ninguém que pudesse falar para mim “olha, isto é o amor”, “olha, isto é respeitar alguém”, “isto aqui é cuidar de alguém” “isto é...”, sei lá, é assim “que isto é a responsabilidade, olha só”, então, eu vim aprender isso, eu diria, que bem recentemente.

Dentro da masculinidade hegemônica a virilidade e sucesso do homem estão ligados ao seu desempenho no espaço laboral (ZANELLO, 2018b), sendo incentivados a ocuparem cada vez mais os espaços externos ao lar, não tendo tempo de desenvolver habilidades de cuidado para serem aplicadas a outros e nem para ensinarem as gerações posteriores, como o caso de Donatello que não foi ensinado quando criança o que seria “cuidar de alguém”.

Houve, entretanto, uma divergência gritante com relação ao autocuidado entre pais pretos e brancos, enquanto que para os pais brancos o autocuidado estava associado a cuidados médicos para ter uma longevidade maior e acompanhar os filhos por mais tempo, no caso de homens pretos havia uma preocupação em evitar sofrer violência para que pudessem estar presentes na vida dos filhos, sendo observado na fala de Jorge:

Sim, a minha preocupação em correr durante a noite aumentou, sim, a minha preocupação em morrer porque o meu filho talvez não vai ter o pai dele, sim, aumentou, mas eu consegui passar dos trinta anos, que é a média de vida do preto brasileiro, então eu já estou feliz, já estou fora da estatística, mas muito constante, eu receber, sim, assim, racismo.

De acordo com dados do IBGE (2019), no caso das taxas de homicídio registradas tende a ocorrer em 16 a cada 100 mil habitantes entre as pessoas brancas, enquanto que pessoas pretas e pardas ocorria em 43,4 a cada 100 mil habitantes, o que demonstra que pessoas pretas têm maior tendência a sofrerem com a violência se comparadas às pessoas brancas. Apesar desse dado, há políticos, como vice-presidente Mourão, que dizem que no Brasil “não existe racismo”, o que dificulta à criação de leis para lidar com o racismo e trabalhar a violência institucional que essa população sofre diariamente. O que, infelizmente, gera o sentimento de preocupação em “correr durante a noite” em Jorge para se manter vivo mais um dia.

### 6.2.1 As ausências masculinas e referências negativas na vida do sujeito como homem

Durante a entrevista uma das perguntas mencionava as referências de ser homem e ser pai aos participantes, buscando compreender quais eram suas referências e como elas haviam afetado ou ainda afetavam sua vida, seja na relação do sujeito com os filhos ou consigo mesmo.

É um ponto comum entre os participantes que os maiores referenciais de afeto na infância vêm das mulheres ao seu redor e a presença masculina estava voltada a prover o lar, atendendo as demandas financeiras e na correção e aplicação de punição, mesmo quando trazem a abertura para o diálogo e para o cuidado carregam em si uma agressividade exacerbada, como podemos ver na fala do Jorel:

Essa referência de como homem cuidador e por mais que seja grosso, que seja bruto, sempre com a porta aberta pra poder conversar, né? Mesmo que ao final da conversa tenha “pegue o cinto, venha cá que você vai levar aqui três chibatada boa, porque você tá me dizendo uma coisa dessas” que acontecia né, meu pai também foi desse modelo de de dar correção pela pancada.

Hooks (2004) traz que a violência é utilizada pelos homens com seus filhos como uma forma de educá-los, pois há o pensamento que por meio da punição, eliminando os comportamentos indesejados ao se utilizar os castigos, ainda que físicos, eles auxiliariam a prole a atingir o melhor potencial possível. Isso ocorre também porque os homens sofreram com a repreensão emocional em lidar com os próprios sentimentos, sendo permitidos apenas a se comunicar por meio da força e da violência, logo, há uma dificuldade em se conectar emocionalmente com os outros, levando-os a utilizarem como meio de resolução para lidar com os filhos, no caso de Marcos, o castigo físico.

Pode-se concluir a partir da fala dos participantes que esses referenciais foram prejudiciais afetando não só a paternidade, mas também outras relações interpessoais uma vez que alguns deles replicaram os modelos aprendidos e a quebra do ciclo foi um processo longo e doloroso. Como na fala de Donatello, que apesar de repetir o ciclo que havia aprendido com o pai, tempos depois começou a utilizar esse modelo de seu pai como um exemplo do que não fazer, atuando então de forma oposta a ele.

Eu acho que o homem tem mecanismos de aprendizagem bem toscos, bem rudimentares, então, na verdade, eu sinto que pela por essa incapacidade, né? Que o homem desenvolve logo cedo, de poder estar em contato um pouco com aquilo que ele sente com aquilo que ele é, a gente acaba aprendendo a grande maioria das coisas com base na dor e na perda, né? Então, você tem que perder alguma coisa para você meio que aprender a... perder para aprender, sabe? Aí, você perde uma

companheira legal para caramba, você perde contato com um filho, você perde um trabalho, você perde amigos, para você ir entendendo.[...] eu acabei de repente, eu não vi esse homem cuidando, eu não vi esse homem envolvido, eu não via esse homem fazendo nada do que eu senti que de repente eu tinha que fazer, eu só vi ele indo embora e eu fiz isso mais ou menos, eu fui embora também na vida do meu primeiro filho, fiquei um tempo sem ver ele até que finalmente consegui recuperar o contato e consegui voltar a ter ele no meu convívio, mas foi esse tipo de de há... herança, digamos, que eu recebi do meu pai [...] Então, é isso, primeiro eu repeti o que meu pai fez e depois eu me encarreguei de fazer exatamente o contrário.

Na pesquisa conduzida por Cúnico e Arpini (2014a), os homens optaram por repetir o ciclo de abandono com seus filhos, assim como seus pais haviam feito com eles mesmos, pois percebiam isso como sendo algo natural dos homens e que contanto que pagassem a pensão estariam realizando suas obrigações como homens pais. Enquanto que no estudo de Silva e Silva (2014), os homens fizeram a escolha consciente em participar da vida dos filhos e serem presentes porque eles haviam vivenciado a ausência do pai em sua infância, passando pela dor e carência emocional da ausência da figura paterna e cientes do sofrimento que isso os causou, não queriam que seus filhos passassem pelo mesmo. Na fala de Donatello é possível perceber esses dois momentos, em que inicialmente repetiu os comportamentos do pai, pois aquele comportamento lhe pareceu ser o mais natural a agir, lhe pareceu ser o seu papel como “pai”, e depois passou a atuar de forma oposta a ele, quebrando o ciclo, visto que as perdas e o sofrimento impediram o ciclo e a repetição do comportamento do abandono a se manter, fez com que parasse a repetição e começasse a criar novos comportamentos e atitudes do que seria ser pai para ele. É possível pensar esse momento do ponto de vista da teoria da subjetividade que Donatello atua inicialmente no nível de normas, repetindo de forma automática o que conhecia como sendo papel de “pai” e depois atuando no nível consciente-volitivo, em que ele refletiu que tipo de pai gostaria de ser, passando a ter então atitudes conscientes quanto ao tipo de figura paterna que preferia exercer com os filhos (GONZÁLEZ-REY; MARTÍNEZ, 2017).

Bernardo traz uma outra perspectiva com relação à existência desse pai provedor em sua vida:

Então, era uma educação provedora, né e, e aí eu cheguei até cobrar em alguns momentos essa coisa do que eu entendi, do que eu entendia ser afeto, mas com o conhecimento que eu tenho hoje, tem até livros, né, que falam sobre isso, o mais famoso eu acho que é o, Cinco linguagens do amor, que f, mostra que você pode ter várias formas de expressar esse teu amor, e hoje eu entendo que meu pai, por ter tido uma infância e juventude extremamente pobre né, ele cresceu numa comunidade, numa favela do, [...], ele queria que eu tivesse uma vida diferente daquele modelo, então ele procurava me dar tudo pra que eu tivesse uma vida mais distante possível, daquilo que ele teve, então essa era a forma dele de expressar amor, então eu ficava esperando conversas sobre, enfim, minhas dificuldades, sentimentos anseios e frases como “Eu te amo”, mas na verdade além dele não ter tido esse modelo eu entendia que a minha necessidade maior era mudar a minha condição social, e de fato eu

posso dizer que ele cumpriu essa, essa missão, né, o meu filho hoje, ele já saiu da maternidade tendo o quarto dele, a casa dele e eu não tive nada disso, eu fui ter a minha casa com trinta anos, eu fui ter meu quarto com vinte e poucos anos, quando eu aluguei uma casa pela primeira vez, então, eu percebo que o modelo de educação que ele me deu foi fundamental então, eu não, eu não concordo com esse apedrejamento que eu vejo em muitos lugares, dessa educação provedora não, eu acho que ela tem o seu lugar e o eu valor, sim, só que é preciso mais que coisas né, do que recursos financeiros pra se educar uma criança.

Nessa fala é possível perceber que Bernardo sentia falta dessa conexão emocional que nunca teve a oportunidade de desenvolver com o pai, mas ao mesmo tempo tem o entendimento que prover financeiramente o lar era a forma do pai em demonstrar seu afeto, melhorar a vida financeira para que os filhos tivessem uma qualidade de vida melhor. O cuidado masculino com a família muitas vezes está associado a prover financeiramente aquele lar e fornecer à família um certo conforto de vida e o distanciamento emocional dos homens como forma de se afastar do feminino, visto que o campo das emoções seria o espaço para as mulheres apenas (SOUSA; GUEDES, 2016; hooks, 2004).

Sendo preciso pontuar que exercer uma paternidade ativa demanda, geralmente, um certo nível econômico e de oportunidades, pois uma família que estivesse em uma classe social baixa, passando por alguma forma de vulnerabilidade como fome, os pais poderiam preferir buscar melhorar a situação financeira da família, buscar formas de tentar sobreviver. Podendo ocorrer isso em ter mais de um emprego, ou exercerem horas extras para trazer, impossibilitando-os de passar tempo de qualidade com os filhos, visto que quando chegassem em casa provavelmente estariam exaustos e não teriam energia para interagir com eles.

É possível perceber que todos os participantes tiveram uma experiência com a paternidade de seus pais que apresenta como ponto comum a ausência em alguma medida, para alguns a ausência total e para outros uma ausência parcial, a falta de conexão emocional com esses homens e que cada um apresentou um sentido subjetivo próprio a essa experiência. O que comprova a teoria da subjetividade ao tratar ainda que pessoas tenham experiências de vida similares, terão sentidos subjetivos próprios a partir da sua própria subjetividade, no caso, alguns participantes tornaram como sentido subjetivo reproduzir o comportamento de seu pai, outros em tornar aquilo exemplo de como não ser, e outros reconheceram o mérito daquela paternidade exercida por seus pais, mas preferiram seguir outros caminhos (GONZÁLEZ-REY, 2007). Esse é o lado positivo da constituição do sujeito, a possibilidade de se transformar, ter a perspectiva de continuar aquilo que lhe é sugerido, no caso manter a paternidade ausente, ou criar novas formas de ser, no caso a paternidade presente (GONÇALVES, 2004).



Outro participante, Cláudio, aponta que não se ateve apenas às referências do passado e que novas referências foram construídas ao longo da vida, no seu caso vindas até mesmo da própria filha, embora o próprio aponte uma problemática advinda do machismo por trás do cuidado feminino.

Eu sempre tive mais referência em figuras femininas do que masculina, minha avó, minhas tias, minha mãe, minhas amigas, agora minha filha, olha que interessante. [...] Isso, agora eu vou te falar, isso não é legal, eu acho eu acho que tem que ter equilíbrio porque é outra, é outra influência cultural que está ligada a um machismo, né, tá ligado ao machismo, mas realmente realmente.

Marcos também aponta as implicações de se permitir aprender diariamente com o filho e como isso afeta sua relação, após estudar e conhecer outras formas de ser pai, percebeu que gostaria de mudar a relação com os filhos, gostaria de ser lembrado não por atos heroicos, mas pelo dia a dia, pelos seus ensinamentos básicos como o que seria responsabilidade e cuidado. Foi criada uma nova perspectiva da forma como gostaria de se relacionar com eles.

A paternidade é um aprendizado contínuo e que você pode aprender demais com seu filho, né, então, por exemplo, [...] a responsabilidade de ensinar não é minha, é nossa, eu posso, eu ensino coisas para o Pedro[filho] diariamente, o Pedro ensina coisas diariamente para mim quando ele performa ele, por exemplo. [...] Eu acho que isso é extremamente importante e você como pai se permitir, aprender com seu filho, é libertador.

Rosset (2014) traz que ter filhos apresenta várias possibilidades, dentre elas a oportunidade para além de ensiná-los, aprender com eles, seus comportamentos, histórias, pensamentos, visão de mundo podem trazer novidades, proporcionando aprendizagens novas ou melhora dos pais como sujeitos, contanto que eles tenham abertura para se permitirem aprender com os filhos. Sendo que esse último aspecto está apresentado no discurso de Cláudio e Marcos, demonstrando-se disponíveis ao que os filhos podem ensinar a eles.

Ao longo das falas dos participantes é possível perceber que está havendo uma mudança na percepção dos homens em sua atuação na paternidade, ainda que tenham tido referências negativas em suas vidas, sendo isso fruto dos debates quanto ao papel social do homem e reflexão que eles mesmos têm feito quanto a sua função.

Ainda assim, é preciso olhar para o contexto, se ele proporciona a possibilidade de as pessoas passarem tempo de qualidade com a família ou se estão em uma situação de vulnerabilidade, buscando então primeiro sobreviver e melhorar sua situação para depois pensar quanto aos aspectos de interação entre pais e filhos.

## 6.2.2 Mudanças na relação com os outros

Como foi possível perceber, a relação desses homens com suas referências de “ser pai” e “ser homem” afetaram como eram e que tipo de pessoa queriam ser. A seguir, será feita uma análise de que forma essa nova perspectiva de ser afetou suas relações com os outros.

Após Donatello mudar a sua forma de ser pai, de um pai que se distanciou e ocupava o papel de apenas financiar a criança para um pai mais presente e emocionalmente vulnerável com os filhos, a relação com os filhos muda, sendo mais íntimos, vulneráveis e abertos um com o outro, como é possível observar em sua fala:

Ah, foda falar, né? Com essa pandemia as coisas mudaram demais, assim, até que ponto é pandemia, até que ponto é o nosso relacionamento, cada vez mais bonito, não sei. Hoje assim, o que eu mais sinto, assim, digamos entre nós, é a capacidade de ser íntimos, assim de ter intimidade para o bem e para o mal, sabe? Porque intimidade tem isso, e que eu acho que o grande desafio bonito, assim, quando você tem intimidade com alguém você permite falar coisas que você não falaria para outra pessoa, tanto para o bem quanto para o mal, assim, você acaba sendo mais tosco também com quem você tem mais intimidade, se acaba sendo mais bruto, acaba sendo mais indelicado, mas eu acho que a gente tem intimidade, então eu sinto que que eu posso falar para eles que eu não estou bem, que eu posso falar para eles ah, que estou de saco cheio, que tem alguma coisa me angustiando, e não sei o que, é... aí eles vão tentando ajudar, eles também sinto que tem essa possibilidade de estarem, sabe? De serem, de não terem que aparentar, sinto que isso tem sido uma coisa boa, sinto que a gente tem muita, sei lá se, eu acho que é isso acho que o conhecimento, sabe? Um do outro tipo, acho que a gente se saca

No caso de Bernardo houve um processo inverso, comparado à maioria dos outros participantes, primeiro houve a mudança na relação os outros, no caso homens do coletivo, tendo relações de afeto por eles, para então ter uma relação afetuosa com o filho, sendo que para os outros a mudança ocorreu primeiro com os filhos para então repercutir com os outros ao seu redor:

Então dar amor já era uma rotina, a homens né, é importante né, que o filho homem, tem essa coisa social de que o próprio presidente já falou numa entrevista que nunca disse “eu te amo” pros filhos porque eles são homens né, a gente tem esse, esse modelo aí. Pra mim isso já não era uma questão porque o coletivo já tinha me, me trazido forte né, essa coisa de expressar amor pra homens que até mesmo eu não conhecia, então com meu filho foi muito mais espontâneo e natural né pelo hábito que eu já tava cultivando.

Há em ambos os participantes um movimento de negar a performance de masculinidade hegemônica que consiste no processo de violência contra si e os outros, o embrutecimento emocional, competição com outros homens (ZANELLO b, 2018). Tendo então um movimento contrário, entrar em contato com as emoções, acolher outros homens,

incentivar relações amistosas e afetivas entre eles, tantos com os filhos, como outros membros de seu círculo social.

As relações interpessoais desses homens vêm ao longo de suas histórias sofrendo mutações, principalmente após a paternidade. Para Marcos, a busca por um grupo vinha da necessidade de poder se vulnerabilizar e conversar sobre suas demandas com a paternidade, entretanto, ao finalmente encontrar não conseguia acreditar que estava em um grupo sério, e ressalta ter especulado de que em algum momento alguém iria transformar o grupo em piada ao mandar coisas relacionadas a sexo, briga ou futebol. Apesar da masculinidade hegemônica do patriarcado incentivar a camaradagem dos homens, essa camaradagem refere-se à manutenção de poder e submeter outros, não se refere a compartilhar emoções e ser vulnerável, incentivando inclusive uma competição entre eles para ver quem é mais “homem” (ZANELLO b, 2018). Diante desse conhecimento sobre as estruturas sociais que cercam os homens, Marcos, a princípio, ficou desconfiado com o real propósito do grupo.

Quando eu fui vendo que esse grupo não tinha esse fim, né, assim que era um grupo realmente de homens, se vulnerabilizando né, se permitindo mesmo trocar experiências, mesmo assim de ser esse lugar acolhedor como eu falei, é pra mim foi extremamente estranho. Pra mim, como eu falei “Isso não existe vai em algum momento, vai rolar uma baixaria nesse grupo”, sabe? Que é o nosso senso comum e, nós homens não fomos incentivados a ter confiança, né, em outros homens ou com outras pessoas, referentes à temática [...] porque a nossa relação afetiva com outros homens desde a infância sempre na base da camaradagem da piada.

Outra constante nas relações desses homens é a troca do círculo social, visto que, segundo eles, essas amizades não condizem mais com o que buscam no meio social, devido a mudanças de paradigmas, após estudar sobre questões de gênero, passaram a ter um rigor de não querer pessoas próximas a si que perpetuem aspectos da masculinidade, paternidade e cidadania que não concordam, mantendo próximo pessoas que fazem mais sentido para o momento que está vivendo, como ressalta Marcos:

Todos os meus amigos daquela época, eu não tenho contato com mais nenhum nenhum nenhum nenhum porque nada mais, nada que eles reproduzem hoje fazem sentido para mim, você entendeu? Tipo, a masculinidade que eles performam, a paternidade que eles performam, e a cidadania que eles performam.

Jorel, ao começar a estudar mais sobre questões de gênero e colocar em prática em sua vida passou a não admitir que certas atitudes fossem feitas ao seu redor, sendo considerado o “mimizeiro”, então acabou perdendo muitas amizades que tinha anteriormente, mas a troca de ciclo social lhe possibilitou interagir com pessoas com que hoje considera e admira.

Eu comecei a ser o cara que pentelhava, o cara que... era o quadradão, era o chatinho da galera, era o cara que tava sempre regulando, era o cara que tava sempre... então eu não sou o cara bem quisto em grupos de whatsapp [...] Enfim,

mas em compensação eu ganhei também muitos amigos, então as pessoas que hoje eu conto assim, no dedo, como o Tarcísio [amigo pessoal] por exemplo, são pessoas que eu amo conversar, são pessoas que eu amo falar, são pessoas que eu amo ouvir.

E para alguns, como Cláudio, as prioridades foram mudando, preferindo abrir mão de passar tempo com os amigos para passar mais tempo de qualidade com a filha, visto que Cláudio teve a filha quando mais velho, com a intenção de aproveitar enquanto pode seu tempo com ela.

O AH e o DH, antes da Helena [filha], depois da Helena, eu acho que vou dar valores, prioridades, abrir mão de certas coisa em nome, trocar por exemplo, um churrasco com os amigos só para brincar com a filha, eu acho que é, mas isso não acontece com todo homem não, viu, mas eu falo por mim.

Ao se atentarem mais ao meio em que estavam esses pais puderam ressignificar a relação que tinham e a que queriam ter com seus filhos e filhas, no caso de Jorel e Marcos houve o movimento consciente em se afastar de qualquer relação que pudesse perpetuar contato de homens de masculinidade hegemônica que subjuguem os outros para haver a manutenção de poder dos homens (ZANELLO b, 2018). Todos tiveram uma avaliação de seus valores, o que gostariam de fazer e que tipo de relação queriam ter com a prole, como apontado por Cláudio, prefere construir memórias, aproveitar ao máximo que pode com ela, tendo em vista que optou por ser pai mais tarde em sua vida, por volta dos quarenta anos, do que ir aos eventos sociais com os amigos.

### **6.2.3 Mudanças no processo de autocuidado**

Ao longo da categoria foi possível perceber quais as suas influências de masculinidades e paternidades, quais esses impactos tiveram em suas vidas e nas relações com os outros. Agora, espera-se fazer uma análise em como o cuidar do outro influenciou em seus processos de autocuidado e quais as diferenças entre essa diversidade de homens entrevistados.

A paternidade gera mudanças na vida de uma pessoa quer ela queira ou não, pois há uma nova configuração da relação da pessoa com a mãe/outra responsável da criança, há novas responsabilidades, há um novo papel a ser desempenhado, o de pai, a estrutura do lar muda para receber essa criança, então, diante de todas essas mudanças externas, seria improvável que não refletisse em mudanças internas na vida do sujeito. Uma dessas mudanças internas pode ser percebida na fala de Marcos:

Primeiro a paternidade para alguns homens e para mim, é meio como uma chancela de permissão. A ela se performar masculinidades que, via de regra não muito aceitáveis, então, por exemplo, a chorar, a ser mais vulnerável, a pedir ajuda, sabe assim? Coisas que antes de você ser pai, você não se permitia porque essa masculinidade tacanha não te permitia ser. [...] a paternidade permite alguns homens a performar essa masculinidade que antes poderia ser mais questionada [...] para alguns homens até hoje isso é inconsciente, mas quando alguns homens como eu, traz ao consciente e “caralho, eu posso sei lá, ou chorar, no meu caso, sem necessidade de apelar para paternidade é libertador”, essa é a transformação, igual a psicanálise, é você trazer coisas que você faz inconsciente para o consciente e inclusive se você quiser repeti-las está tudo bem, mas que agora você faça e repita conscientemente, não inconscientemente. Então acho que a paternidade pode dar, permitir aos homens essa liberdade psicanalítica assim, mas mas eu acho que o afetar é isso assim, eu por isso que eu sempre falo assim, que a paternidade, eu acho que pode ser, um dos principais gatilhos de transformação do homem. Mais uma vez, essa transformação não será automática nem mágica, mas ela pode ocorrer, sabe? E como eu falei “essa reforma que eu nunca acaba” então para alguns homens pode ser mais rápido, pra outros pode ser mais lento.

A paternidade trouxe para Marcos uma permissividade em retomar o contato com a sensibilidade e vulnerabilidade. Utiliza-se “retomar” pois, a princípio, quando o bebê é bem cuidado e tem suas necessidades supridas, a criança tem liberdade e consegue expressar bem suas emoções, a falta de contato com os próprios sentimento é um comportamento ensinado aos homens a partir da infância até a vida adulta (hooks, 2004). Então um adulto acompanhar uma criança, no caso, seu filho, que ainda não havia passado pelos processos de punição ao demonstrar as emoções e que consegue de forma espontânea se vulnerabilizar, tem duas opções a seguir, dar continuidade ao ciclo e punir a criança para que ela reprima as emoções ou se abrir para a possibilidade de que aquela criança possa ensiná-lo a ter uma nova postura de agir perante o mundo.

Assim como Marcos, o nascimento do filho para William foi uma forma de destravar e vivenciar suas emoções, além de se preocupar mais com a própria saúde e ter uma permissão em ter uma atitude menos séria com a vida.

Eu me sinto mais sensível, mais emotivo a chegada do Enzo [filho], acho que destravou muitas emoções que estavam guardadas, muitas não permissões que eu me dava, permissão de chorar, permissão de fazer, palhaçada para ele dar risada, então, acho que eu me percebo dessa forma, muito mais cuidadoso para comigo, inclusive, acho que depois que o Enzo nasceu há oito anos, atrás nove anos atrás mais ou menos, eu comecei a ter mais regularidade nas minhas visitas ao médico, prestar mais atenção nos primeiros sinais de dor, de cansaço, então eu acho que o Enzo fez um, tem me ajudado assim a me tornar uma pessoa mais mais humana, mais cuidadosa, eu acho que uma pessoa que busca numa medida maior um equilíbrio entre trabalho e vida doméstica, sabe? De priorizar, o relacionamento em casa, ficar em casa, sabe? Menos é mais, menos compromissos, mais qualidade, menos coisa mais, mais porquês, sabe? Menos lógica, mais sensibilidade assim, mais emoção.

Como demonstrado pelo estudo conduzido por Moreira, Fontes e Barboza (2014), há uma dificuldade da inserção dos homens no cuidado médico da própria saúde, isso se dá por diversos motivos, dentre eles, a falta de preparo da equipe em atender as demandas

masculinas, visto que o cuidado médico está muito voltado para as mulheres, crianças e idosos, não abarcando as necessidades que um homem adulto pode vir a ter; muitas vezes os homens comparecem ao médico apenas quando a doença está instaurada, não obtendo uma atitude preventiva com sua saúde; por centros médicos atuarem no horário comercial, momento que os homens estão trabalhando e como a masculinidade hegemônica deixou claro, a virilidade do homem está ligado ao seu sucesso no espaço laboral, não tendo tempo em parar o trabalho para cuidar da própria saúde. E como a masculinidade hegemônica já demonstrou, o cuidado é o campo feminino e ser homem é negar tudo que venha do feminino, ainda que isso custe sua saúde. No caso de William, o nascimento do filho o fez ser mais cuidadoso consigo, inclusive em relação a sua saúde, indo ao médico com mais frequência, tendo uma atitude preventiva com sua saúde, o que lhe permite compartilhar mais tempo de vida com Enzo.

Os estudos foram uma forma de Bernardo ter a possibilidade de conhecer outras formas de paternidade e ser homem para além desse padrão existente no Brasil, permitindo que ele mesmo tivesse outra atuação quanto a sua atuação no papel do cuidado, como demonstrado em sua fala:

Então, gera estranhamento nos outros né? Porque na verdade, o que ajudou muito a mim foi o... duas questões, o letramento racial e a educação pluriversal que eu acabei tendo por ser uma pessoa muito curiosa né, então já lá atrás em noventa e seis, quando conheci meditação, yoga, a Índia, China, cultura desses países, né, budismo e tudo mais, eu já me a... me abri pra outras possibilidades de ser né, inclusive a masculinidade é totalmente diferente na cultura védica, que eu estudei, indiana, os amigos lá andam ma-mão dadas, andam abraçados, isso é natural e fui monge durante anos né, bron... monge *brahmachari*, o pessoal aqui conhece como *hare krishna* e é um outro código é uma outra relação entre homens, homens monges ficam muito juntos, a gente tem um é... o celibato ele é parte da prática espiritual então, essa coisa do se desconectar dessa obrigação que o homem tem de tá o tempo todo no cio, interessado em mulheres, foi uma coisa muito é... marcante né, nesse momento.

Bernardo ao longo de seus estudos inicia o processo de se ter uma postura de sujeito do ponto de vista da teoria da subjetividade, no caso tendo uma posição crítica com relação ao que lhe foi dado do que seria “ser homem” e “ser pai” perante a sociedade que se utiliza como critério a masculinidade hegemônica e buscando então construir novos significados a partir dos estudos realizava, criando novas formas de “ser homem” e “ser pai” que lhe fizessem mais sentido (GONZÁLEZ-REY, 2007). O conhecimento permitiu novas construções quanto ao papel que gostaria de exercer na vida dos outros, permitindo a ele uma vivência mais próxima de suas emoções e com outras pessoas em sua vida.

Algo extremamente diferente com relação aos processos de autocuidado de pais brancos e pretos foi o que esse autocuidado significava, enquanto que para pais brancos significava permissão de viver suas emoções e ir mais frequentes ao médico, para pais pretos foi tentar viver em um país racista, como demonstrado pela fala de Bernardo:

Mudou muito, porque eu já sei né, que é um fato estatístico que o homem preto no Brasil ele tem como média né de, de vida assim, em torno dos trinta e quatro, trinta e sete anos, porque a violência ela, ela chega na maioria dos homens pretos nessa faixa etária então todo aniversário meu é como se fosse um segundo nascimento, porque estatisticamente, passar dos trinta e sete anos sendo preto no Brasil é uma, um motivo de comemoração, então o meu medo principal sempre foi essa coisa de, de deixar o meu filho órfão, porque basta uma confusão, um equívoco de uma pessoa branca pra um preto morrer, então a gente tem que ter muito cuidado com lugares onde anda, com quem anda e tudo mais, então muitos hábitos que eu tinha como por exemplo, sair tarde, voltar tarde, eu simplesmente abandonei depois do nascimento do meu filho, é... não, não não fui a coisas como shows e chegar em casa quatro da manhã, essas coisas, o Rio de Janeiro não é uma cidade segura pra pessoas pretas principalmente, então a, o meu cuidado tanto com a minha vida, quando autocuidado no sentido de saúde, ele aumentou muito também porque eu preciso né estar disponível pra ele o maior tempo que for possível, isso envolve também autocuidado, e a ancestralidade africana me ensinou também muito sobre autocuidado que a gente não encontra em lugar nenhum, nem na escola nem na universidade enfim, meios de se cuidar que eu nunca tinha ouvido falar antes de conhecer a ancestralidade africana, então teve um impacto significativo sim, na minha forma de me cuidar.

Como demonstrado no estudo feito por Anunciação, Trad e Ferreira (2020) foi possível perceber que no imaginário social foi construído a imagem de que a pessoa preta necessariamente é um indivíduo perigoso, sendo preciso então ser contido, de forma violenta, pela polícia para evitar que faça algum mal aos outros, sendo possível perceber isso por meio das abordagens policiais e o abuso de poder da polícia para deter a pessoa preta, ainda que esta pessoa não esteja fazendo nada contra a lei. Além disso, como mostra o IBGE (2019), pessoas pretas tem 2,7 vezes mais chances de serem vítimas de homicídio do que pessoas brancas. Aspectos esses que reforçam o pensamento de Bernardo de que para ampliar sua expectativa de vida é preciso, para além do cuidado médico, tomar cuidado com os ambientes que se frequenta e o horário, de forma a evitar conflitos e se tornar estatística de homicídio e violência policial.

Ao longo das narrativas é possível perceber como a paternidade pode se tornar uma forma de retornar o contato com as emoções e vivenciá-las de forma mais leve, não se reprimindo mais. E como se torna urgente ampliar os debates raciais e quais atitudes deve-se adotar para acabar com o racismo, tendo em vista que os participantes pretos têm como preocupação principal como sobreviver e fazer com os filhos continuem tendo um pai vivo.

### 6.3 DESAFIOS DE PATERNIDADES PLURAIS

Esta categoria foi criada para discutir sobre a dificuldade de homens no geral em ocupar o espaço do cuidado, e os desafios vivenciados por alguns pais devido a questões raciais, capacitismo, transfobia presentes na sociedade, e de que forma isso influencia em suas vidas e na sua vivência como pais.

Os entrevistados, em sua maioria, tiveram dificuldade em achar espaços voltados para o acolhimento de pais. Os espaços de acolhimento a mães também não era, para eles, o lugar ideal para buscar ajuda, visto que esses espaços são estigmatizados e tidos como femininos, portanto, sentiram necessidade de criar um espaço que falasse de forma concisa e coerente para eles mesmos e que falasse sobre uma paternidade ativa, um espaço aberto aos questionamentos que a demanda de criar um filho traz. É possível ver, por meio das falas, que foi a angústia de não saber como resolver uma demanda dos seus filhos o maior motivador de criar esses espaços, como relata Marcos:

A ideia de eu falar ‘caralho, deveria existir um lugar onde eu pudesse pesquisar sobre a paternidade’ surgiu numa madrugada às 3 da manhã depois de o Pedro passar assim, noites sem dormir direito, né... e foi essa ideia que eu tive, que deveria ter sites, espaços, grupos, homens, produção intelectual que falasse sobre paternidade com homens, que falasse de cuidado com homens.

Como demonstrado no estudo de Trindade, Cortez, Dornelas e Santos, (2019), cada vez mais os pais querem ocupar o espaço de cuidado, mas sentem que os ambientes, sociais, médicos, família, não lhe proporcionam esse acolhimento, por isso a criação desses espaços de acolhimento, grupos de pais, é tão importante para que tenham seus sentimentos legitimados e formem redes de apoio para auxiliá-los nessa nova etapa de suas vidas.

Além disso, é perceptível nas falas dos participantes pretos, trans e pessoas com deficiência o sentimento de falta de representatividade dentro dos grupos de pais. É comum entre as falas o descontentamento quando vão abordar algo de suas demandas com os outros pais e a falta de representatividade dentro desses espaços afastam homens com paternidades plurais e pessoas racializadas por não se sentirem acolhidas, na concepção desses pais, os modelos de paternidade, hoje, estão engessados e não abrangem de forma homogênea as diversas realidades da população brasileira e, como aponta Jorge:

Então o [nome da rede social] surge com essa ideia, de a gente contar também das nossas experiências, contar também muito de falar de problemas muito relacionados muito próprios, da paternidade, da criação, de gestação, de coisas rotineiras como



birra, rotinas, hora de dormir, brincadeira e tudo mais, que assim eram invisíveis, aos olhos de uma maioria branca de classe média brasileira, e que precisavam ser visíveis [...] eu acho que os modelos de paternidade, isso muda bastante, são extremamente brancos, heterocêntricos, cis, de classe média alta, e num nível de discursão não chega a grande parte da população brasileira que é preta, pobre tem que sair todo dia para poder trabalhar.

Desde a abolição da escravidão, em 13 de maio de 1888, houve uma nova estruturação para manter o poder reduzido à elite branca, deixando de oferecer direitos básicos, como acesso à saúde e educação de qualidade, forçando a população preta se manter à margem da sociedade (MADEIRA; GOMES, 2018). Atualmente, percebe-se que essa elite não apenas os brancos, mas um tipo específico, cisgênero, hétero, sem deficiência, homem, por isso qualquer sujeito que não se encontre dentro desse padrão específico tende a ser afastado dos espaços. Os grupos de apoio que não abordam questões sobre racismo, LGBTQIA+fobia, machismo, capacitismo, acabam sendo o reflexo dessa sociedade que buscou tanto tempo marginalizar essas pessoas. Por isso que grupos como o de Jorge são tão importantes e até mesmo um ato de resistência de uma sociedade que ainda permanece tentando colocá-lo à margem.

### **6.3.1 Não se sentir pertencente dentro de um espaço**

Diante da revisão bibliográfica foi possível perceber que os espaços de cuidado criavam barreiras para que os homens não pudessem ocupá-las, seja por meio da ausência de espaço literal para eles, como a falta de fraldário em banheiros masculinos ou por meio de olhares de estranhamento com relação a presença disso. Por isso, buscou-se verificar quais eram as impressões e sentimentos levantados por esses homens ao ocuparem o cuidado.

Homens, ao contrário das mulheres, não cresceram com o cuidado como sendo uma obrigação ou com brincadeiras de casinhas e atividades domésticas, eles cresceram incentivados a ocupar espaços fora do lar, como as brincadeiras de bola e carrinhos, além disso, homens passam menos tempo realizando atividades domésticas se comparado às mulheres (LIRA, DOMINICO E NUNES, 2019; IPEA, 2011). Por isso, muitas vezes, ao chegarem à idade adulta há um abismo de diferença na habilidade do cuidado, mulheres têm

anos de prática e experiência, enquanto os homens ao se compararem com elas se sentem despreparados, como demonstrado pela fala do Marcos:

Mas a outra paulada que eu recebi de caralho tipo “eu sou pai e o buraco é mais embaixo” aí foi no terror do dia a dia, né, tipo, nas atividades do dia a dia, aí quando eu falo, quando você... quando você vê que você não tem preparo nenhum, né, de cuidar de um outro ser humano porque nós homens não somos educados para esse tipo de cuidado e cuidado para mim é uma tecnologia da mesma forma que você aprende a manusear máquinas, aprende a dirigir, aprende a mexer no celular, cuidado se aprende se ensina também.

Outra questão, como bem representado pela fala de Donatello, que os entrevistados apontam é a escolha diária de ser pai, culturalmente, o que a sociedade impõe e cobra dos homens é o sustento, as demandas financeiras, logo o manejo das demais necessidades fica encarregado as parceiras ou mães das crianças. Com a busca por novos referenciais eles foram encontrando novas formas de exercer a paternidade de forma mais participativa e ativa, o que os leva a perceber que é através do contato diário e do cuidado onde eles exercem verdadeiramente a paternidade.

De repente você é o melhor que consegue fazer, de repente, é ir amadurecendo uma ideia de que as coisas vão mudar. Infelizmente, essas coisas acabam sendo muito permeadas pelo que as pessoas te falam, te dizem, então... você sente que a parte financeira vai mudar, que a sua privacidade vai mudar, que... as coisas que você tinha liberdade vão mudar, né? Mas você não sabe muito bem como [...] O pai não, ele tem essa... sei lá, essa carta social, essa vantagem social de que não se espera muito dele, de fato se espera muito pouco e por isso ele pode se dar ao luxo de fazer muito pouco, né? [...] Acho que num primeiro momento teve essa questão meu primeiro filho eu tive ele muito novo [teve com 21 anos] e eu não entendi assim, simplesmente senti que teria que trabalhar mais e de repente buscar mais questões de sustento mesmo, porque era as ideias que eu tinha, na verdade, achava que ser bom pai era pagar as contas, foi por isso que mais ou menos aprendi, sei lá, com os homens da minha vida, né? E com meu próprio pai de repente... e aí com os anos eu fui percebendo que... assim, que de repente não é... assim, pode ser isso, mas não é só isso... aí mais pra frente fui me percebendo pai na medida em que eu cuidava, na medida em que eu... me fazia, me encarregava, digamos de coisas da vida deles.

Foi formado dentro da subjetividade social do contexto brasileiro a ideia de haver normas rígidas a serem cumpridas no papel de gênero para que fosse considerados “pai” e “mãe”, no caso de homens, sua paternidade estaria ligada ao sustento e quanto conseguem prover o lar, contanto que desempenhassem essa tarefa, estaria de acordo com o que a subjetividade social esperava deles (SOUZA; TORRES, 2019; CÚNICO; ARPINI, 2014a).

Além do mais, ainda há uma resistência social quanto a presença daquele pai no campo do cuidado dos filhos, como a falta de espaços para fazer atividades básicas, como a

troca de fralda e os olhares de estranhamento perante o pai que ocupa espaços que em sua maioria são femininos, como a reunião da escola, como é possível observar na fala de Jorel:

Então quando acontece o meu “voo” solo com, com Diana [filha] né, de coisa simples né, como trocar uma fralda dela em local público por exemplo, que deveria ser simples, mas que não é, né? Desde que, nenhum espaço masculino permite um afeto, um cuidado de um pai à uma filha, à um filho né... à um filho talvez, mas à uma filha com certeza não. Hoje você vê né, o Espaço família, mas antes não tinha esses Espaço família né, é uma coisa recente, então... é a partir do momento que eu vo... e nas reuniões de pais e não ter pai, só ter mãe e eu ser o patinho feio ali da história [...] todo mundo sem entender porque eu tô ali, e pá festinhas de aniversário de criança e também ser o único, basicamente ser o único homem, ali sozinho, com uma criança dando conta. Então toda essa situações, as primeiras situações como essas, elas foram situações, foram situações que foram me mostrando “opa” isso é ser pai, isso é ser pai, isso é ser pai.

Apesar do primeiro princípio fundamental da medicina se caracterizar como exercer a profissão sem discriminar ninguém, o estudo conduzido por Rabelo; Araújo (2014) demonstrou que a equipe médica não sabia lidar com a presença de homens na Estratégia Saúde da Família pois o percebiam como incapazes de cuidar, provavelmente tornando aquele ambiente aversivo aos pais que levavam seus filhos às consultas, sendo vistos como “patinho feio” como dito por Jorel. O que infelizmente acaba incentivando o afastamento de homens dentro desses serviços, o que por sua vez reforça a ideia de que não é preciso adaptar os ambientes para receber os pais, como a falta de fraldário no banheiro masculino.

Além disso, os debates sobre questão de gênero e como isso afeta a vida das pessoas é algo recente, já os debates raciais são mais recentes ainda, portanto, ainda não é muito discutido de que forma o racismo afeta a percepção social que se tem do homem preto que ocupa o espaço do cuidado, visto que pessoas pretas são muito associadas à violência, mas não em criar os filhos, formar famílias, como é trazido na fala de Jorge:

Então você tinha um debate sobre colorismo, um debate sobre cabelos, cabelos pretos afro e tudo mais, você tinha um debate sobre a aceitação racial, você tinha um debate sobre, um novo debate sobre feminismo, feminismo preto, feminismo indígena, você tinha um debate novo sobre masculinidades que estava surgindo. Isso tudo aconteceu em torno de 2016 começou, mas foi ter o seu ápice mesmo eu acho que em 2018, que coincide com o ano do podcast, que aí surgiram vários podcasts no Brasil para poder discutir essas questões, junto disso surge o [nome da rede social] também, para poder fazer essa intercessão, o que não era existente, né? Por que o que um homem preto faz que não seja esturpando mulheres brancas, não é mesmo? E matar, e agredir, e ser encarcerado, é isso que homens pretos fazem [contém ironia], então partindo deste pressuposto que é uma ideia extremamente torpe, eu não sei qualificar o quão violento, agressivo, nociva, isso é para a sociedade, para mim, que sou um homem preto esses debates todos vieram juntos e juntos deles, obviamente como tudo do ponto de vista de comunicação, você tem algumas pessoas que acabam concentrando esses debates muita dessas pessoas tiveram assim participações maravilhosas.

Além disso, a paternidade preta é algo recente no Brasil, tendo menos de 150 anos surgindo inicialmente em 1888 após a abolição da escravidão no contexto brasileiro, antes crianças nascidas dos escravos eram registradas apenas com os nomes das mães, não sendo permitido colocar o nome dos pais, tendo as mães que realizaram os longos horários de trabalho escravo enquanto cuidavam dos pequenos, sendo eles vendidos assim que ocorresse o desmame, então não havia tempo, ou às vezes, sequer era autorizado a esse pai em conviver com seu filho (RAMOS, 2021). Enquanto a paternidade branca sempre existiu, ainda que em um lugar de autoridade e ser provedor, a paternidade preta foi negada, sendo permitido apenas recentemente, tendo ainda a questão que a primeira geração vinda após a abolição veio com feridas extremamente recentes da escravidão, onde não havia espaços para o amor ser desenvolvido, e ainda havia o processo de racismo estrutural que tornava a vida da população preta mais difícil.

É importante ressaltar que independente do lugar que ocupe dentro da sociedade, os pais pretos ainda são alvos de racismos e preconceito, entre as ramificações da vivência da paternidade, a paternidade preta ainda é vista de forma estigmatizada, como se não fosse algo natural, o que pode gerar sofrimento psíquico. Para além, o sofrimento gerado pelo racismo também distingue o tipo de preocupação que esses pais terão com os seus filhos, enquanto os pais brancos se preocupam a maioria das vezes, por exemplo, se os filhos terão alguma enfermidade, os pais pretos se preocupam com a violência do racismo, estatística de vida, entre outros.

Esse isolamento social já era uma realidade, então, o que mudou e que agora ele é formal né, mas antes já acontecia. [...] Porque o lugar da paternidade ele não é associado à masculinidade preta né, afinal, o pai preto no Brasil, é uma figura recente, você estudar história, você vê que o homem preto ele é livre no Brasil a menos de cento e quarenta anos, ou seja, a figura pai preto ela é muito recente, o homem preto no Brasil não era pai, não existia a relação dele com os filhos, o escravo nem conhecia seus filhos, então, eu percebo que a sociedade ainda não enxerga esse lugar, tanto que quando eu tô com o meu filho em ambientes públicos é nítido né, o, o desconforto né, dessa figura do, do pai no homem preto, seja um restaurante, um shopping, até mesmo quando eu vou com a minha esposa né, que é nítido que dá pra ver que é um pai, uma mãe e um filho, mas ainda assim é gritante assim os olhares, né, no teatro... qualquer coisa, qualquer lugar que a gente vá em família é perceptível como que as pessoas ficam surpresas de haver uma família preta naquele ambiente, a família preta é algo recente no Brasil. [...] Mas quando a gente estuda um pouquinho da questão racial a gente percebe “caramba” se parar pra pensar cento e quarenta anos, cento e trinta e oito anos é muito pouco tempo pra institucionalmente, socialmente você ter o teu lugar reconhecido, tanto que uma, uma senhora idosa, nos seus noventa anos ainda tem dificuldade de entender que um homem preto tá ocupando o mesmo espaço que ela num restaurante, porque, quando ela era criança em nenhum ambiente tinha preto, então como é que agora ela tem que tá no mesmo restaurante que tem um cara preto ali comendo então... ela não vai

falar isso obviamente, mas é uma, é uma ruptura, é um lugar até difícil às vezes de aceitar e não só uma senhora né, se... um exemplo extremo, mas se você pega um jovem criado num bairro nobre, seja de qual cidade for, brasileira, ele muitas vezes vai ter passado a vida inteira sem ter contato com pessoa pretas e você pega escolas, escolas internacionais, colégios americanos, condomínios de luxo aqui no Rio de Janeiro mesmo e não tem pessoas pretas, nem mesmo na limpeza... como zelador e limpeza, porque eles escolhem pessoas brancas, nordestinas pra estar naquele ambiente porque não querem o preto ali, então o convívio com a pessoa ainda é novidade pra muita gente em muitos espaços, principalmente nos espaços que a gente frequenta que são espaços de privilégio, já que a gente tá numa, no que se chamaria de classe C, né, B, enfim, então é difícil pras pessoas aceitarem a nossa presença.

O discurso de Jorge e Bernardo com relação à violência e o isolamento das pessoas pretas, é possível ser visto no estudo de Madeira; Gomes (2018), sempre houve um processo dentro do Brasil de buscar manter a população preta a margem da sociedade, criar a imagem da pessoa preta como violenta para evitar que houvesse qualquer forma de ascensão por parte deles que prejudicasse o poder das pessoas brancas. É possível perceber esse movimento, por exemplo, na literatura brasileira, com os escritos famosos como José de Alencar e Monteiro Lobato, que retratavam a figura das pessoas pretas de forma negativa são apresentados em escolas e exigidos em concursos públicos, enquanto autores como Solano Trindade que traziam em seus textos o aspecto político-social do racismo, sofriam com apagamento (NASCIMENTO e SILVA, 2020).

Há uma diferença imensa entre as paternidades brancas e pretas em relação ao sentimento de não pertencimento. Pois a paternidade branca sempre foi permitida, ainda que restrita a apenas um único espaço, e quando feito algo além do esperado esse homem era exaltado dando a ele o título de “homão da porra”, como foi tão associado ao Rodrigo Hilbert, pois ele era conhecido por suas habilidades na cozinha e trabalhos manuais. Enquanto a paternidade preta é marginalizada, não vemos por exemplo figuras públicas pretas que são pais sendo exaltadas, Lázaro Ramos exerce várias funções como ator, escritor, diretor, mas não é visto nas manchetes como “homão da porra”. Ainda há uma diferença enorme entre essas paternidades e o tratamento a elas devido ao racismo tão cotidiano no Brasil, o que deve servir de incentivo para criar mais políticas públicas para tornar a situação das paternidades plurais serem mais bem atendidas.

### **6.3.2 A questão da identidade do pai e os efeitos das estruturas de discriminação social**

Infelizmente, o Brasil ainda é um país extremamente preconceituoso, como será abordado no decorrer da categoria, então, questiona-se quais as influências do preconceito para atuação de homens que fogem à norma do homem da masculinidade hegemônica de ser hétero-cisgênero-branco-sem deficiência e de que forma isso pode afetar em sua atuação como pai.

É possível afirmarmos que os espaços coletivos não são inclusivos, mesmo os locais onde deveriam ser acessíveis não estão preparados, por meio das entrevistas, percebemos que isso afeta diretamente a vivência de pais PcD (pessoa com deficiência), a falta de acessibilidade e suporte do estado contribui para uma dificuldade ainda maior para que eles possam exercer as funções paternas, o que pode prejudicar a participação desses homens na vida de seus filhos e na construção da relação entre eles, além de invisibilizar a sua paternidade, como é percebido na fala de Cláudio:

Que nós vivenciamos é por exemplo, na no pré-natal todo pré-natal que a minha esposa fez eu consegui acompanhar em apenas uma consulta em um ultrassom, porque o consultório do médico era dela, que cuidava dela [esposa], não era devidamente adaptado para eu poder ir, para eu poder ir naquele único dia para acompanhar ultrassom, a médica precisou mudar toda a configuração ali do consultório para que eu pudesse entrar. O curso também durante a gravidez, ela [esposa] fez um curso, né, oferecido pelo plano de saúde, curso para gestante, também não pude acompanhar por falta de acessibilidade do local. E no dia do parto, que foi uma cesariana, na hora que eu cheguei lá eu fui informado que eu não conseguia entrar com a carteira de roda na sala de cirurgia, né? Porque ela é muito apertada, se eu entrasse teria que sair dois enfermeiros, né? Então aí, eu acompanhei de fora e quando ela nasceu, a enfermeira trouxe ela até meu colo, então a partir daí do nascimento dela, por exemplo, a pediatra dela o consultório a gente agora sempre procura agendar as consultas médicas, né? Para ela, o pediatra é um consultório que tenha acesso para cadeirante, entendeu? Então tem toda essa essa, é um capacitismo, né? Porque é engraçado que a gente ouve assim, “ah, mas até agora nunca apareceu nenhum pai cadeirante que precisasse de uma, de uma estrutura, é especial, né?”, é poxa, mas não importa a quantidade, importa é o direito garantido que nós temos, não importa se tem um, ou mil, né? Que a estrutura deveria existir, dentro daquele conceito de acessibilidade universal que é para todo mundo, né?

Desde o surgimento da constituição é garantido a todos o direito de ir e vir, porém o direito à mobilidade e acessibilidade começou a ser discutido na PEC n.19 de 2014 sendo aprovado apenas em 2021, o que demonstra que a preocupação política de pessoas com deficiência em acessar os espaços é extremamente recente, o que é um reflexo da sociedade capacitista em que vivemos. A fala de Cláudio demonstra isso, por justamente não esperarem que alguém PcD fosse capaz ter uma vida, sair, ir ao médico, por isso não prepararam a sala para recebê-lo.

Outra paternidade invisibilizada é a paternidade trans, para além do preconceito existente na sociedade, esses pais ainda têm que lidar com a estigmatização dos papéis de gênero e, no caso, o medo dos familiares em como isso pode afetar os filhos dessas pessoas que passam pelo processo de transição.

Porque antes de conversar com ela já tinha conversado com outras pessoas, já tinha conversado com a minha mãe, já tinha conversado com alguns dos meus irmãos e todas essas pessoas trouxeram é, muitos medos. “Nossa, como é que vai ser? A Laura é uma menina, ela tá com 9 anos daqui a pouco ela tá na adolescência, ela vai precisar dessa referência feminina no seu desenvolvimento” todas essas problemáticas né. E isso acabou postergando em 8 meses o início da hormonização né, da hormônio-terapia o que é quando você começa a utilizar os hormônios pra adquirir os caracteres né, do gênero no qual você se identifica. É, com muito medo da reação dela, eu já tinha a liberação pra aplicar a testosterona, mas com medo da reação dela eu decidi antes de, de dar qualquer passo nesse sentido eu decidi que primeiro eu teria que conversar com ela né.

Pablo traz o receio de sua família com Laura não ter uma figura feminina diretamente, no caso o que seria uma relação supostamente “mãe-filha”, possa afetar o desenvolvimento da menina, o que levou Pablo a adiar seu processo de transição. Porém, não ter uma figura feminina constante, como a figura de uma “mãe”, não significa que ela não teria um exemplo do que é ser mulher, isso poderia vir de outros membros da família ou da própria mídia. E ainda mais, qual seria a qualidade dessa relação se Pablo não tivesse feito a hormônio-terapia, considerando que ele não estaria se sentindo bem consigo mesmo.

Essa ideia de que a criança precisaria crescer com uma referência masculina, vinda do pai, e uma referência feminina, vinda da mãe, vem de uma ideia do modelo de família heteronormativa composta por um homem, uma mulher e filhos, em casos de famílias LGBTQIA+ é comum que tome esse padrão de família como sendo o modelo, tentando adaptar sua família a essa norma (ANGONESE; LAGO, 2018). No caso de Pablo, a preocupação da perda da referência direta de feminilidade na vida de Laura.

Quando eu entendi que eu precisava passar por isso eu realmente abri a porteira e seguir em frente, eu não coloquei nenhum obstáculo nisso e se houvesse algum obstáculo eu teria que transpor um obstáculo né, eu não deixaria de ser feliz por nenhuma razão, por nenhum motivo e até já me perguntaram “Ah mas e se a sua filha não aceitasse?” cara, eu vejo que dificilmente pela educação que eu dei eu teria uma filha que não aceitasse, que não soubesse compreender essa situação, mas se né, se ela não aceitasse ela teria que aprender a conviver com uma pessoa que passa, que passou por essas mudanças e naturalmente ela veria que isso não mudaria em nada a vida dela, muito pelo contrário né, uma pessoa feliz, satisfeita ela reverberam isso né, ela reflete isso no seu meio.

O fato de Laura ter crescido com conhecimento de uma pluralidade de formas de existir no mundo pode ter tornado sua vivência frente a transição do pai mais fácil, como esperava Pablo. O que pode demonstrar que crescer em um meio com uma fluidez de possibilidades para existir no mundo, torna as alternativas em ser na vida muito mais leves do que se comparado a uma estrutura enrijecida de que se deve obrigatoriamente fazer algo para então ser reconhecido como tal.

Além disso, como as crianças ainda não passaram por anos de imposições de gênero, regras e normas sociais do que se espera ser e como agir, então elas não apenas tem como possibilidade viver suas emoções e se expressar melhor, como também maior facilidade em aceitar novas formas de ser e agir no mundo (hooks, 2004).

No depoimento de Bernardo, traz um questionamento comum entre os pais pretos, a invisibilização da sua existência enquanto seres humanos e o isolamento da sociedade. Pais pretos apontam uma vivência baseada no medo da violência contra seus corpos, a exclusão do convívio social, marginalização, falta de assistência e a negligência social, o isolamento já era uma realidade para ele muito antes da pandemia.

Então pude ter essa vivência com outros modelos, eu acho que foi muito mais fácil pra mim me adaptar a essa nova realidade, a gente até brinca aqui em casa que é... por causa dessa questão a gente já vivia em isolamento social, o que mudou foi só que formalizou, mas o racismo já isolava a gente de diversas maneiras antes da pandemia, então, não mudou tanta coisa assim, o fato de tá agora numa pandemia assim, pra gente pelo menos, o que mudou foi a formalidade da coisa, não poder mais ir em um cinema, a um restaurante, mas as barreiras sociais e até mesmo as oportunidades de socialização, elas já eram muito restritas né, até porque a gente tá num lugar diferenciado, que é o lugar do preto que entre aspas né, deu certo, bem sucedido, tem uma vida confortável, financeira, as pessoas têm um estranhamento muito grande com essa posição e realmente rejeitam né, o preto que, que, que destoa daquela posição da pobreza, da marginalidade, da necessidade, então, eu percebo já a muito tempo, muito.

A fala de Gabriel reforça essa questão da exclusão das pessoas pretas na sociedade, em que uma atividade cotidiana, de entrar em uma loja no shopping, pode ser altamente estressante e constrangedora para pessoas pretas pela possibilidade em vivenciar o racismo

E eu sempre oriento meu filho, quando a gente vai passear em shopping, pra ele andar próximo de mim, é... pra evitar pegar as- ficar pegando nas coisas, né, é... quando eu entro em algum lugar isso já fiz- quando entro em alguma loja, por exemplo, né, eu- eu- e assim, eu costumo a andar de bermuda e chinelo pra passear em shopping, não- não é geral- não é sempre que eu coloco aquela roupa especial pra passear, e às vezes- outro dia eu entrei num- numa loja, e eu percebi que o segurança tava me acompanhando de longe, percebi mesmo, olhando assim eu via que ele tava me acompanhando o tempo todo, e eu com a minha esposa e o meu filho, e a vovó que é- que mora com a gente. É... aí eu fui até ele e falei assim “amigo, sou um pai de família trabalhador, você pode ocupar sua atenção em outras pessoas, porque eu sou uma pessoa de bem, não precisa ficar me acompanhando aí, te agradeço por isso”. Aí ele “não senhor, porque é norma da loja a gente ficar



observando tudo”, eu falei “mas eu tô me sentindo constrangido, tô vindo aqui pra falar que eu sou uma pessoa de bem, que não vai acontecer nada de errado comigo”. Ele ficou muito desconcentrado- desconsertado, né, na hora com essa atitude, mas é uma coisa que eu faço quando eu percebo que, é- ah- alguém tá agindo dessa forma

Acaba havendo uma preocupação de Gabriel em incentivar o filho a desenvolver comportamentos para que se possa evitar determinadas situações racistas de ocorrerem. Porém, ainda que se adote comportamentos de forma a evitar que isso ocorra não há garantias de que não vá acontecer, pois não se sabe como os outros, seguranças e política da loja, vão reagir e como são treinados para agir em momentos como esse, isso pode levar a situações estressantes para as pessoas pretas que frequentam um espaço que novamente eles não têm controle. Um exemplo disso, para além da fala de Gabriel, é o acontecimento recente de uma loja de *fast-fashion* famosa, em que supostamente havia um código para que clientes pretos fossem seguidos ou até mesmo impedidos de entrar na loja, sendo que isso não ocorria apenas no Brasil como também em várias partes do mundo, demonstrando que isso seria uma política do estabelecimento para tratar os clientes pretos dessa forma (BBC, 2021).

Há o mito dentro do contexto brasileiro sobre a existência de uma democracia social, que diz que pela ausência de leis segregadoras e pela miscigenação não haveria racismo no Brasil, porém a forma como o preconceito contra pessoas pretas ocorreu após a abolição aconteceu de forma implícita. Não por meio da segregação explícita, mas deixando claro quais profissões poderiam ser ocupadas, como faxineira, copeira, porteiro, não que essas profissões não sejam dignas, mas sim que estão ligadas ao ato de servir alguém e serem muitas vezes mal pagas; não havia leis, mas a representação de beleza era ligado a estética branca e europeia, enquanto que a beleza preta era esquecida; a própria dificuldade em reconhecer-se como racista acaba inviabilizando o debate, impedindo de se lidar com o problema (RIBEIRO, 2019). O que faz que ocorra na vida de pessoas pretas uma forma de isolamento, delimitando quais lugares podem ser ocupados, até onde pode acender, como traz a fala de Bernardo, o isolamento já era uma realidade para a vida de pessoas pretas, a pandemia apenas oficializou.

Ainda é muito forte no contexto brasileiro o padrão de ser pessoa associado a homem branco, hétero, cisgênero, sem deficiência, o que inviabiliza a vivência de outras pessoas que não se enquadrem exatamente nesse aspecto, marginalizando-as e impedindo de ocupar os espaços, seja por não haver uma estrutura que de fato os comporte como o caso de Cláudio,

ou por causa da violência que pessoas LGBTQUIA+ e pretas podem sofrer, optando então muitas vezes em não ir para não terem que vivenciar essas violências.

### **6.3.3 Preconceito e falta de espaço em grupos de apoio para pais**

Para fechar a parte de análise, buscou-se compreender quais os efeitos do preconceito, tratando aqui de forma específica o racismo, para a participação de homens pretos em grupos de apoio e quais as suas condutas diante disso. Espera-se ter uma melhor compreensão sobre o assunto e de que forma os grupos de apoio podem se aprimorar para acolher a diversidade de pais existentes.

Há uma distinção nas demandas dos pais pretos e dos pais brancos, muitos pais que optaram por criar o seu próprio grupo sobre paternidade o fizeram por não se sentirem representados nos espaços disponíveis, enquanto pais brancos têm sua preocupação voltadas a elementos mais triviais e filosóficos, pais pretos concentram sua preocupação em necessidades básicas de sobrevivência, como alimentação, segurança e trazer para debate questões raciais. É possível perceber essa distinção a partir da fala de Jorge:

A primeira delas foi o ranço que eu tinha de todos os a isso foi uma coisa que a gente frequentou, os grupos de acompanhamento de gestante, aí a Mari queria ir, eu fui em dois e falei “não aguento mais, só tem gente branca, de classe média que os problemas são basicamente qual maternidade escolher”, não suporto isso mais, que eles não querem mais, [...] Mas foi por conta dessa necessidade, de ter um espaço para a gente poder falar sobre coisas que pessoas pretas fazem também por um acaso, a maior parte da população brasileira é preta, e olha que coisa, tem filhos, olha, se reproduz, eu sei que o estado trata a gente como um grande animal, mas tudo bem a gente se reproduz também, a gente tem filhos, e a gente também tem direito de repensar a educação dos nossos filhos, então é, foi uma uma um conjunto de fatores, eu gravei um paternidade preta [nome da rede social], é e aí encontrei com Fernando, Fernando se encontrou com Felipe, e assim, na primeira conversa que a gente teve foi muito sintomático essa mesma percepção, acerca um dia assim “olha, não dá”, e aí, parando para poder pensar se eu não tinha nem assim, quem que era mais mais muito importante naquela época, bom a gente tinha a Beyoncé, era isso mais pretos, gente tinha Beyoncé, tinha a Taís, Lázaro Ramos, tinha, mas eles ainda não haviam absorvido a ideia de que eles também poderiam ser comunicadores acerca de paternidade e maternidade, então foi uma coisa meio que a gente precisa falar para as pessoas sobre essas coisas, [...], depois de [nome da rede social], surgem muito outras pessoas falando sobre paternidade, maternidade preta também, não que o [nome da rede social] seja um marco temporal, porque pode ser simplesmente ignorância nossa de não saber que outras pessoas já estavam fazendo é muito assim, automático ver, é muito sintomático, assim automático não, muito sintomático, ver que outras pessoas mencionam quando são entrevistados pelo [nome da rede social], ou que conversavam com a gente nas redes falam “ah, [nome da rede social] me inspirou a criação desse blog, inspirou a criação dos pais pretos presentes”, por exemplo, esse grande pequeno se chama de coletivo, teve uma influência muito grande, muito grande do [nome da rede social] mesmo.

O sentimento de Jorge com relação aos grupos também foi compartilhado por Bernardo ao trazer:

Busquei, busquei, mas é... eu percebi que os grupos de apoio eles não olham a questão racial da maneira como eu entendo que deveria né? É uma coisa muito... é... condescendente, de uma maneira que não contempla né, uma pessoa que... que se... que tenha algum letramento racial, aí eu entendi que não dava pra ficar num grupo de masculinidade branco.

Não haver debates sobre questões raciais é ignorar a existência da vivência de maioria da população brasileira, tendo em vista ser formada por 54% de pessoas pretas, que são pais ou filhos de homens pretos. É ignorar as dificuldades que pessoas pretas enfrentam devido ao racismo e a partir do momento que não se fala sobre, também não há como lidar, na verdade, o não falar acaba por contribuir para que o racismo continue ocorrendo.

Como demonstrado na ação educativa de Barbosa, Silva e Sousa (2021), não basta apenas ter a presença de pessoas pretas no ambiente, é preciso conhecer as leis contra o racismo, mostrar dados sobre questões raciais, apresentar a riqueza da cultura afro-brasileira por meio de livros, músicas, poesias, bonecas, discutir quais ações precisam ser tomadas para acabar com o racismo. É preciso acima de tudo haver o compromisso de todos os envolvidos em deixar de conivente com o preconceito e passar a ter atitudes antirracistas.

Essa falta de debate acarreta, por exemplo, que mulheres pretas e pardas, quando comparada com mulheres brancas, são menos bem tratadas, é oferecido menos tratamento para dor, menos alimentos, na hora do parto por parte da equipe médica, não tendo outra explicação provável se não a discriminação racial (ALVES et al, 2021). A criança preta nasce vivenciando a violência de forma indireta, visto que a mãe teria passado por isso ao longo do parto.

A falta de espaço em falar sobre questões raciais e como isso os afeta em exercer sua paternidade e as preocupações em como isso afeta seus filhos, impede-os de compartilhar e terem suas vivências acolhidas nesses espaços, como o medo de Jorge com relação a vida do filho:

Sendo pai é algo muito preocupante porque às vezes a gente não tem muita noção de que as nossas atitudes, elas impactam diretamente na vida dos nossos filhos, e ser um pai preto tendo consciência racial, é algo que eu eu temo o tempo inteiro pela vida do meu filho pelo fato dele ser, ele ter uma pele mais preta, dele ser uma criança que tem probabilidade de receber racismo aqui no Brasil de continuar vivendo, mas a gente fica muito forte, muito resistente para revidar, porque o racismo, o racismo a gente não revida com argumentos racionais, revida com

agressividade, porque é agredir a minha vida, quem eu sou a minha existência é você dizer que a minha existência ela é dispensável, não tem como, mas meu filho nunca chegou a receber racismo, nem mesmo quando a gente morava na França, que é absurdo, mas nunca nunca recebeu, nunca que eu fiquei também, né, mas é uma situação extremamente delicada, importante e que por vezes, comunicando no [nome da rede social], eu tenho que reiterar o tempo inteiro sobre a minha posição, pai preto às vezes nas redes sociais, hoje em dia não tem tanto, não tem tanto de descrédito assim, mas às vezes é uma coisa que a gente tem que ficar reafirmando, é cansativo, em tempos obscuros a gente precisa falar mesmo, óbvio, tá bom, eu faço parte dessas pessoas.

Falas como as de Jorge deveriam ser ouvidas em todos os grupos de masculinidade e paternidade e discutido quais atitudes deveriam ser tomadas frente ao racismo estrutural que existe no Brasil. Não à toa, devido a falta desse espaço e a urgência em falar sobre isso os pais pretos criaram seus próprios espaços para falar sobre isso, como mostra a fala de Bernardo:

Na secretaria de saúde daqui da, da cidade do Rio de Janeiro, e, e tudo mais, eu vejo que não existe uma, uma identificação com a questão racial, eu acho que o, o Brasil mesmo né, ele tá muito aquém ainda nessa discussão de raça quando você olha pra países até mesmo europeu como a Alemanha por exemplo que é um país quase todo branco, você vê muito, uma discussão muito mais avançada, Estados Unidos que tem uma população preta muito menor que a brasileira em números absolutos, também tá num outro patamar, então eu percebo que, o trabalho de base é o que realmente na minha opinião, faz diferença, por isso eu idealizei né e comecei um coletivo, porque eu entendi que não havia nada pronto pra... onde eu pudesse buscar esse, esse apoio.

Falar sobre a força e resistência de Bernardo e Jorge em criar seus próprios grupos, sem falar da convivência dos grupos de masculinidades ao não abordarem sobre racismo, seria uma forma de romantizar a violência sofrida por eles, não deveriam ter que criar um espaço para abordarem algo tão importante como a violência sofrida por pessoas pretas.

Em Ribeiro (2019) traz qual a função das pessoas brancas na luta antirracista, lembrando que o racismo é uma invenção das pessoas brancas para inferiorizar pessoas pretas, reconhecer seus privilégios, como a sociedade acaba privilegiando seu comportamento unicamente por você ser branco; desnaturalizar o olhar condicionado em achar que, um país com a maioria da população preta, ter lugares em que não há pessoas pretas é algo aceitável; criar espaços possíveis para pessoas pretas estarem presentes.

No caso dos grupos de masculinidades e paternidades, é questionar se os textos usados como base nesses grupos têm referências de pessoas pretas, se os debates e redes de conversa abarcam a vivência preta, de que forma oportuniza a presença de pessoas pretas nesse ambiente. Como traz Ribeiro (2019), o objetivo não é culpar esses grupos na manutenção do

racismo e, sim, fazê-los tomar sua responsabilidade nessa luta contra o racismo para criar uma sociedade mais igualitária.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da construção da pesquisa foi possível compreender que a geração anterior aos entrevistados exerceram uma paternidade voltada ao aspecto do prover financeiro e ausência da conexão emocional, cabendo a eles agora, na posição de pais, repetir o ciclo ou criar novas possibilidades de ser pai, escolhendo de forma unânime a segunda opção. E a partir dessa decisão houve uma repercussão em suas vidas, alterando sua relação com os outros, consigo mesmo e ao tipo de homem que gostariam de ser a partir disso.

É necessário pontuar que, com relação às categorias referente a falta de espaços a diversidade em grupos de apoio a homens, é preciso abordar com urgência assuntos voltados para a violência que homens pretos, gays, com deficiência, trans e outros mais, sofrem, como por exemplo, a exclusão dentro dos ambientes. Que isso sirva de convite aos criadores de conteúdo, ativistas da causa e mediadores de grupos de paternidade em tratar mais sobre o assunto, somente falando sobre o problema é possível compreendê-lo e lidar de fato com ele.

Foi perceptível que a maioria dos objetivos de pesquisa foram alcançados. Entretanto, com relação às mudanças subjetivas, sendo isso o resultado do contexto somado às reflexões individuais da pessoa, sobre a masculinidade dos pais após a chegada dos filhos, não ficou tão clara essa mudança, pois alguns homens relataram haver uma mudança, mas não souberam nomeá-las. O que pode vir também de uma falta de referências na literatura sobre masculinidades que eles se sintam contemplados.

Assim como houve lacunas com relação ao objetivo em ter diferentes perfis identitários de pais para a construção desse trabalho, faltando a perspectiva de homens LGBTQIA+, mais homens com deficiência, com relação aos espaços de masculinidades e paternidades. Espera-se que possa ser mais bem abordado em pesquisas futuras.

Essa pesquisa surgiu inicialmente devido a uma falta sobre estudos de masculinidades e cuidado, há muitos artigos sobre a perspectiva materna e mães falando sobre a atuação dos pais, são pesquisas necessárias, porém é preciso estudar mais e pesquisar sobre a relação dos homens e o cuidado, para dessa forma se entender como proporcionar maior participação dos mesmos dentro do lar, seja por meio de grupos de apoio, textos informativos ou criação de leis.

Há como expectativa que essa pesquisa sirva de estímulo a novas investigações sobre o assunto, possibilite novas perspectivas com relação às masculinidades e paternidades, que as

lacunas sirvam de incentivo para pesquisas sobre elas, proporcione reflexões para os grupos de apoio a homens. Além de possibilitar novas referências para intervenções nos campos escolas e da saúde para que os homens se sintam mais à vontade em ocupar esses espaços. E por fim, incentive o fim da romantização do “superpai”, pois, como bem demonstrado ao longo da pesquisa, por trás de um “superpai” há uma mulher exausta que exerce o dobro de atividades, mas que não recebe sequer metade dos elogios.

## REFERÊNCIAS

- ABADE, Flávia; ROMANELLI, Geraldo. Paternidade e paternagem em famílias patrifocais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 2, jun, 2018 .
- ABRAHAM, Eyal; FELDMAN, Ruth. The neurobiology of human allomaternal care; implications for fathering, coparenting, and children's social development. **Physiology; Behavior**, v.193, p.25-34, set. 2018.
- ALBUQUERQUE, Fernando Pessoa de. **Sofrimento mental e gênero: os homens e o cuidado na rede de atenção psicossocial**. 2020. 348f. Dissertação (doutorado em ciências). Universidade de Medicina da Universidade de São Paulo, Programa de Saúde Coletiva, São Paulo, 2020.
- ALMEIDA, Pilar; MARTÍNEZ, Albertina Mitjans. A configuração Subjetiva da ação do aprender: um estudo de caso sobre o aluno em seu momento de ingresso no ensino superior. **Obutchénie. Revista de Didática e Psicologia Pedagógica**, Uberlândia, v.3, n.1, p.88-113, jan/abr. 2019.
- ALONSO, Angelo. **Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução**. In: ABDAL, Alexandre. Métodos de pesquisa em ciência sociais: bloco qualitativo. São Paulo: Sesc São Paulo/CEBRAP, 2016, p. 8-23.
- ALVES, Maria Teresa Seabra Soares de Britto e; et al. Desigualdade racial nas boas práticas e intervenções obstétricas no parto e nascimento em maternidades da Rede Cegonha. **Ciência; Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, n.3, p.837-846, mar, 2021.
- ANGONESE, Mônica; LAGO, Mara Coelho de Souza. Família e experiências de paternidades trans. **Revista de ciências humanas**, Florianópolis, v.52, p. 1-18, dez, 2018.
- ANUNCIÇÃO, Diana; TRAD, Leny Alves Bonfim; FERREIRA, Tiago. “Mão na cabeça!”: abordagem policial, racismo e violência estrutural entre jovens pretos de três capitais do Nordeste. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.29, n.1, p. 1-13, 2020.
- BARBOSA, Raquel Rodrigues da Silva; SILVA, Cristiane Souza da; SOUSA, Arthur Alves Pereira. Vozes que ecoam: racismo, violência e saúde da população preta. **Katál**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 353-363, maio/ago, 2021.
- BBC. Zara acusada de racismo no Ceará: 5 pontos que autoridades ainda precisam esclarecer. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59005086>> Acesso em: 18 nov.



2021.

BELLO, Luiz; **Coleta de dados da Pesquisa Nacional de Saúde começa hoje.**

<<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25262-ibge-da-inicio-a-coleta-da-pesquisa-nacional-de-saude-2019>> Acesso em: 04.05.2021.

BIROLI, Flávia. Responsabilidades, cuidado e democracia. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n.18, p. 81-117, dez, 2015.

BOLA, J.J. **Seja Homem:** a masculinidade desmascarada. São Paulo, Porto Alegre, 2020.

BRASIL. Câmara dos Deputados. PL 2399/2019. Brasília. 2019. Ementa: Fica obrigada a instalação de fraldários nos shopping centers e estabelecimentos similares em âmbito nacional, e dá outras providências.

In:<<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2198611>> Acesso em: 04.05.2021.

BRASIL. Senado Federal. Proposta de Emenda Constitucional nº 19, de 2014. Altera o caput do art. 5º da Constituição Federal para incluir o direito à acessibilidade e à mobilidade entre os direitos individuais e coletivos. In:< <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/118042>> Acesso em 27.11.2021

CAMPOS, Paula Azevedo; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Sou mãe: e agora? Vivências do puerpério. *Psicologia Usp*, São Paulo, v.32, p. 1-9, 2021.

CIA, Fabiana; D'AFFONSECA, Sabrina Mazo; BARHAM, Elizabeth Joan. A relação entre envolvimento paterno e o desempenho acadêmico dos filhos. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v.14, n.29, p.277-286, nov, 2004.

CÓDIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO. Disponível em <<http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>> Acesso em: 04.05.2021.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas, Florianópolis**, v.21, n.1: 424, 241-282, jan-abr, 2013.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Cartilha Pai Presente e Certidões.** Disponível em: <<https://www.cnj.jus.br/wp->

content/uploads/conteudo/destaques/arquivo/2015/04/b550153d316d6948b61dfbf7c07f13ea.pdf> Acesso em: 04.05.2021.

COUTO, Camille; População abaixo da linha da pobreza triplica e atinge 27 milhões de brasileiros. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/populacao-abaixo-da-linha-da-pobreza-triplica-e-atinge-27-milhoes-de-brasileiros/>> Acesso 14 nov 2021.

CUNICO, Sabrina Daiana; ARPINI, Dorian Mônica. Conjugalidade e parentalidade na perspectiva de mulheres chefes de família. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.19, n.4, p.693-703, out/dez. 2014b.

CÚNICO, Sabrina Daiana; ARPINI, Dorian Mônica. Não basta gerar, tem que participar? Um estudo sobre a ausência paterna. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v.34, n.1, p.226-241, jan-mar, 2014a.

DEL PRIORE, Mary. **Pais de ontem – transformações da paternidade no século XIX**. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (orgs.). História dos homens no Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2013 p. 153-184.

FALCETO, Olga G; FERNANDES, Carmen L; BARATOJO, Claudia; GIUGLIANI, Elsa R. J; Fatores associados ao envolvimento do pai nos cuidados do lactante. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v.42, n.6, p.1034-1040, maio, 2008.

FALCETO, Olga Garcia; FERNANDES, Carmen Luisa; KERBER, Suzi Roseli. Alerta sobre a depressão pós-parto paterna. **Brasileira Ginecologia Obstetrícia**, Ribeirão Preto, v.34, n. 7, p.293-295, maio. 2012.

FERREIRA, Ivanir. **Mulheres foram mais afetadas emocionalmente pela pandemia**. Disponível em < <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/02/14/mulheres-foram-mais-afetadas-emocionalmente-pela-pandemia.htm> > Acesso em 14.02. 2021.

FREITAS, Waglânia de Mendonça Faustino e; COELHO, Edméia de Almeida Cardoso; SILVA, Ana Tereza Medeiros Cavalcanti da. Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 137-145, jan. 2007.

GOMES, Aguinaldo José da Silva; RESENDE, Vera da Rocha. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 119-125, ago. 2004.

GOMES, Romeu. **A análise de dados em pesquisa qualitativa**. In: MINAYO, Maria

Cecília de Souza. Teoria, método e criatividade. 21ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 67-80.

GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. **Resenha: Sujeito e subjetividade**. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812004000300008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000300008)> Acesso em: 06 set. 2021

GONCALVES, Tonantzin Ribeiro et al. Experiência da paternidade aos três meses do bebê. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 26, n. 3, p. 599-608, 2013 .

GONZÁLEZ-REY, Fernando Luis. **Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

GONZÁLEZ-REY, Fernando Luis; MARTÍNEZ, Albertina Mitjás. A teoria da subjetividade no momento atual: implicações para a pesquisa e para a prática psicológica. In: MIGHTON, Willian F. **Subjetividade: Teoria, epistemologia e método**. Campinas, Alínea, 2017, p.708-1346.

GRUNNAGEL, Christian; WIESER, Doris. "Nós somos machistas": entrevistas com escritores/as brasileiros/as. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 45, p. 343-350, jun. 2015.

GUERRERO NANCUANTE, Camilo Iván et al. Paternidad activa y cuidado en la niñez: reflexiones desde las desigualdades de género y la masculinidad. **Enfermería Actual de Costa Rica**, San José, n. 38, p. 282-291, jun, 2020

HADDAD, Maria Irene Delbone; HADDAD, Rogério Delbone. Judith Butler: performatividade, constituição de gênero e teoria feminista. **Sexualidade e relações de gênero**, Ponta Grossa, p. 9-15, jan. 2019.

hooks, Bell. **The Will To Change: men, masculinity, and love**. New York, Lodon, Toronto. Sydney: ATRIA books, 2004.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Desemprego. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>> Acesso 14 nov 2021.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf)> Acesso 14 nov 2021.

IDOETA, Paula Adamo. **‘Mães estão no limite’: famílias vivem estresse inédito com crise e quarentena.** Disponível em < <https://www.bbc.com/portuguese/geral-53644826> > Acesso em: 04.05.2021.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, IPEA (2011). **Retrato das desigualdades de gênero e raça.** Disponível em:  
<<https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf>>

LANGARO, Fabíola; PRETTO, Zuleica. Experiências de parentalidade como fatores geradores de sofrimento em mulheres. **Fractal, Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 130-138, ago. 2015.

LIMA, Daniel Costa; SANTOS, Milena do Carmo Cunha dos. **Situação da Paternidade no Brasil: Tempo de Agir.** Disponível em: <<https://promundo.org.br/recursos/spb2019/>> Acesso em: 04.05.2021

LIMA, Márcia. **O uso da entrevista na pesquisa empírica.** In: ABDAL, Alexandre. Métodos de pesquisa em ciência sociais: bloco qualitativo. São Paulo: Sesc São Paulo/CEBRAP, 2016, p. 24-41.

LIRA, Aliandra Cristina Mesomo; DOMINICO, Elaine; NUNES, Maristela Aparecida. Criança e brinquedos: uma relação inquestionável? **Histedbr**, Campinas, v.19, n.1, p.1-17, mar 2019.

LYRA, Jorge; MEDRADO, Benedito. Gênero e paternidade nas pesquisas demográficas: o viés científico. **Estudos Feministas**, v. 8, n.1, p.145-158, jan, 2000.

MADEIRA, Zelma; GOMES, Daiane Daine de Oliveira. Persistentes desigualdades raciais e resistências pretas no Brasil contemporâneo. **Serviço Social; Sociedade**, São Paulo, n.133, p. 463-479, set/dez, 2018.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge; NASCIMENTO, Marcos; BEIRAS, Adriano; CORRÊA, Áurea Christina de Paula; ALVARENGA, Eric Campos; LIMA, Maria Lucia Chaves. Homens e masculinidades e o novo coronavírus: compartilhando questões de gênero na primeira fase da pandemia. **Ciência; Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.26, n.1, p.179-183, 2021.

MINISTÉRIO DE SAÚDE. **Cartilha para pais: como exercer uma paternidade ativa.** Disponível em:  
<[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha\\_pais\\_exercer\\_paternidade\\_ativa.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha_pais_exercer_paternidade_ativa.pdf)>

MOREIRA, Renata Lívya Fonsêca; FONTES, Wilma Dias de; BARBOZA, Talita Maia. Dificuldade de inserção do homem na atenção básica a saúde: a falta dos enfermeiros. Escola Anna Nery de Enfermagem, Cidade Nova, v.18, n.4, p.615-621, out-dez, 2014.

NASCIMENTO, Yago Jose Eloi do; SILVA, Luciana de Mesquita. Masculinidade preta, paternidade e afetividade na literatura infantil: O menino Nito, de Sonia Rosa. **Antares**, Caxias do Sul, v.12, n.26, maio/ago, 2020.

NUNES, Heleno Pereira; SOUSA, Lucivanda Calvancante Borges de; SILVA, Robson Aparecido da Costa. Reflexões sobre a paternidade: uma análise sócio-histórica. **REVASF**, Petrolina, v.11, n.24, jan., 2021.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. Discursos sobre a masculinidade. **Estudos feministas**, Florianópolis, v.6, n.1, jan, 1998.

ONU MULHERES. **Trabalho de cuidados oscila entre 10% e 39% do PIB de países, considera ONU Mulheres**. Disponível em <<http://www.onumulheres.org.br/noticias/trabalho-de-cuidados-oscila-entre-10-e-39-do-pib-de-paises/>> Acesso em: 04.05.2021.

PASSOS, Ana Helena Ithamar; PUCCINELLI, Bruno; ROSA, Waldemir. As narrativas hegemônicas como normativas excludentes: raça, gênero e sexualidade. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, n.8, p.7-22, jul, 2019.

Pesquisa Nacional de Saúde. Atenção primária à saúde e informações antropométricas: Brasil / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento, [Ministério da Saúde]. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101758.pdf>> Acesso em 08.05.2021.

Pesquisa Nacional de Saúde. Atenção primária à saúde e informações antropométricas: Brasil / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento, [Ministério da Saúde]. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101846>> Acesso em 31.08.2021.

PISCITELLI, Adriana. **“Gênero: a história de um conceito”**. In: ALMEIDA, Heloísa. B.; SZWAKO, José E. Diferenças, igualdade. São Paulo: Berleandis; Vertecchia, 2009.

RABELO, Ionara Vieira Moura; ARAÚJO, Maria de Fátima. **“Essa mulher não sai daqui da unidade”**: Práticas de descuido e invisibilização na estratégia saúde da família. In: ZANELLO, Valeska; ANDRADE, Ana Paula Muller de. Saúde Mental e gênero, diálogos, práticas e interdisciplinaridades. Curitiba: Appris, 2014, p.129-145.

RAMOS, Luciano. Paternidades pretas em pauta- desafios e perspectivas. Disponível em: <[https://promundo.org.br/wp-content/uploads/2021/11/Primeiro-Relatorio-sobre-as-Paternidades-Pretas-no-Brasil\\_FINAL\\_WEB.pdf](https://promundo.org.br/wp-content/uploads/2021/11/Primeiro-Relatorio-sobre-as-Paternidades-Pretas-no-Brasil_FINAL_WEB.pdf)> Acesso em: 26 nov 2021.

RÊGO, Rita Maria Viana; SOUZA, Ângela Maria Alves e; ROCHA, Tatiane Negrão Assis da; ALVES, Maria Dalva Santos. Paternidade e amamentação: mediação da enfermeira. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v.29, n.4, p.374-380, 2016.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROSA, Jéssica Moraes, et al. A construção dos papéis parentais em casais homoafetivos adotantes. *Psicologia: ciência e profissão*, Brasília, v.36, n.1, p. 120-223, jan/mar, 2016.

ROSSET, Solange Maria. Pais e filhos. In: CHAVES, Eliane Mara Alves. Pais; Filhos: uma relação delicada. 4º edição. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2014, p.21-90.

SEMESP. **Levantamento do SEMEST aponta desigualdade de gênero no mercado de trabalho**. Disponível em < <https://www.semesp.org.br/noticias/levantamento-semesp-desigualdade-genero-mercado-de-trabalho/> > Acesso em: 04.05.2021.

SGANZERLA, Ilcinae Maria; LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro; Ausência paterna e suas repercussões para o adolescente: análise da literatura. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v.16, n.2, p.295-309, ago. 2010.

SIEGEL, Daniel J.; BRYSON, Tina Payne. **Capítulo 4: Mate as borboletas! Integrando a memória para crescimento e cura**. In: RENATO, Carlos. O cérebro da criança. São Paulo: nVersos, 2015, p.105-136.

SILVA, Bárbara Tarouco da; SILVA, Mara Regina Santos da. Necessidades e preocupações dos pais em diferentes etapas do ciclo vital. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v.67, n.6, p.957-964, nov-dez, 2014.

SILVA, Catarina; PINTO, Cândida; MARTINS, Cristina. Transição para a paternidade no período pré-natal: um estudo qualitativo. *Ciência; Saúde Coletiva*, Manguinhos, v.26, n.2, p.465-474, fev, 2021.

SILVA, Sergio Gomes da. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. **Psicologia, Ciência e profissão**, Brasília, v. 26, n.1, p.118-131, maio, 2006.

SOUSA, Anderson Reis (et ali). Emoções e estratégia de *coping* de homens à pandemia da

COVID-19 no Brasil. **Texto; Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v.29, nov. 2020. In:<  
<https://www.scielo.br/j/tce/a/5hwvzrvLvXKh56cTcVDxWss/?lang=pt>> Acesso 30.9.2021

SOUSA, Luana Passos de; GUEDES, Dyeggo Rocha. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 30, n. 87, p. 123-139, ago. 2016

SOUZA, Carmen Lúcia Carvalho de; BENETTI, Silvia Pereira da Cruz. Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 42, p. 97-106, abr. 2009.

SOUZA, Elias Caires de; TORRES, José Fernando P. A Teoria da Subjetividade e seus conceitos centrais. **Obutchénie. Revista De Didática E Psicologia Pedagógica**, Uberlândia, v.3, n.1, p. 34-57, jan/abr. 2019

TRINDADE, Zeide; CORTEZ, Mirian Beccheri; DORNELAS, Kirlla; SANTOS, Mônica dos. Pais de primeira viagem: demanda por apoio e visibilidade. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.28, n.1, p.250-262, mar, 2019.

ULRICH, Claudete Beise; STROHER, Marga Janete; PAZ, Nivia Ivette Núñez de la. Mulheres em tempos de pandemia: a cotidianidade, a economia do cuidado e o grito uterino! **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 60, n. 2, p. 554-572, maio/ago. 2020

VALENTE, Márcio Bruno Barra; SORDI, Bárbara Araújo; LIMA, Maria Lúcia Chaves. Performance ou ideologia de gênero? Uma aproximação ao pensamento de Judith Butler. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n.51, p. 1-20, jan/jun, 2018.

ZANELLO, Valeska. **A saúde mental sob o viés do gênero**: uma releitura generada da epidemiologia, da semiologia e da interpretação diagnóstica. In: ZANELLO, Valeska; ANDRADE, Ana Paula Muller de. Saúde Mental e gênero, diálogos, práticas e interdisciplinaridades. Curitiba: Appris, 2014, p.41-58.

ZANELLO, Valeska. **Dispositivo da Eficácia**. In: COELHO, Augusto V. de A.; CAETANO, Marli; COELHO, Sara C. de Andrade. Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018b, p.219-267.

ZANELLO, Valeska. **Saúde Mental, cultura e processos de subjetivação**. In: COELHO, Augusto V. de A.; CAETANO, Marli; COELHO, Sara C. de Andrade. Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018a, p.19-37.

ZIMMERMANN, Tânia Regina; VICENTE, Joselia Aparecida Pires; MACHADO, Aline Alves. Análise de gênero a partir da economia do cuidado em tempos de pandemia: estudo de caso de mulheres-cuidadoras de crianças em CEMEI. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.3, p.26092-26112, mar. 2021. In:<  
<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/26358>> Acesso 20.9.2021



**Anexo A - TCLE**  
**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE**

**Monografia para a conclusão do curso de psicologia**  
**Instituição da pesquisadora: UniCEUB**  
**Pesquisador responsável professor orientador de aluna em graduação: Lucas Amaral**  
**Pesquisadora assistente aluna de graduação: Camila de Oliveira Bicalho**

Você está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

**Natureza e objetivos do estudo**

- O objetivo específico deste estudo é analisar a percepção de homens sobre a vivência de sua masculinidade e paternidade.
- Você está sendo convidado a participar exatamente por falar sobre paternidade nas redes sociais.

**Procedimentos do estudo**

- Sua participação consiste em participar de uma entrevista conduzida pela pesquisadora, deve durar em torno de uma hora.
- O procedimento consiste em gravar a entrevista para melhor análise do conteúdo.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A pesquisa será realizada no google meet.
- A pesquisa tem fundamentação científica, caso deseje, a pesquisadora irá disponibilizar os artigos utilizados para a fundamentação da pesquisa.

**Riscos e benefícios**

- Este estudo possui riscos mínimos, como levar a estereotipação, invasão de privacidade, perda do sigilo da identidade dos participantes, o diálogo tocar em questões sensíveis ou traumáticas dos envolvidos.
- Medidas preventivas serão tomadas durante a condução da entrevista e armazenamento de informações coletadas para minimizar qualquer risco ou incômodo. Dentre essas medidas, a pesquisadora irá tomar cuidado para ter respeito à diversidade dos sujeitos; respeito à privacidade; o cuidado com o manejo das informações coletadas; a garantia do sigilo da identidade dos entrevistados; a explicitação de que os participantes podem se retirar a qualquer momento da pesquisa; o cuidado no diálogo em relação a questões sensíveis ou traumáticas abordadas.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.
- Com sua participação nesta pesquisa você poderá contribuir para a formação de pesquisas e conteúdos sobre masculinidades e paternidades.

**Participação, recusa e direito de se retirar do estudo**

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

**Confidencialidade**

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- Os dados e instrumentos utilizados, gravação e anotações, ficarão guardados sob a responsabilidade de Camila de Oliveira Bicalho com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966-1511 ou pelo e-mail [cep.uniceub@uniceub.br](mailto:cep.uniceub@uniceub.br). Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, \_\_\_\_\_ RG \_\_\_\_\_, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Participante

\_\_\_\_\_  
Lucas Amaral, email [lucas.amaral@ceub.edu.br](mailto:lucas.amaral@ceub.edu.br) , telefone institucional (61) 3966-1201

\_\_\_\_\_  
Camila de Oliveira Bicalho, email [camila.bicalho@sempreceub.com](mailto:camila.bicalho@sempreceub.com), telefone (61)99427-0876

**Contato do responsável pela pesquisa:**

Instituição: UniCEUB

Email: [lucas.amaral@ceub.edu.br](mailto:lucas.amaral@ceub.edu.br)

Telefones p/contato: (61) 9938-0785

## Anexo B - Roteiro de entrevistas semi-estruturadas

1. Parte I- Aspectos sociodemográficos
2. Qual o seu nome?
3. Qual a sua idade?
4. Onde você nasceu?
5. Qual o seu estado civil?
6. Qual a sua identidade racial?
7. Qual a sua orientação sexual?
8. Local onde habita?
9. Qual o seu trabalho?
10. Parte II- Início das perguntas voltadas para a paternidade
11. Quantos filhos você tem? Quais as idades deles?
12. Você decidiu ser pai? Ou não foi planejado?
13. Quando você percebeu “eu sou pai”?
14. Como se sentiu? (só se não falar nada na anterior)
15. Parte III- Voltadas para a trajetória da paternidade
16. Como é o seu dia-a-dia?
17. Como é a divisão de tarefas na sua casa?
18. Você sente alguma angústia por desempenhar o papel de pai?
19. Você busca ou já buscou espaços de acolhimento para suas angústias como homem? E como pai? (Se a resposta anterior for positiva e não se desenvolver)
20. Você costuma conversar sobre paternidade com seus amigos? (se der tempo, pergunta)
21. Você acha que sua relação com os seus amigos mudou depois de se tornar pai? (se der tempo, pergunta)
22. Como foi a sua relação com o seu pai?
23. Quais foram suas principais referências de homem e de paternidade?
24. Você tem alguma crítica com relação a forma como a paternidade é mostrada?
25. Você percebe que os cuidados paternos são vistos como femininos? Ou obrigação da mãe?
26. Como é ocupar espaços que são vistos como “feminino” pela sociedade? (se não aparecer na anterior)
27. [Pais pretos e trans] Você sente que vive alguma forma de preconceito por ser um homem preto e pai? De ser um homem trans e pai? Como você lida com isso? Se possível, você poderia nos dizer um momento/caso em que você viveu preconceito?
28. [Pai trans] Como foi esse processo de transição? E de que forma isso é recebido pela sua filha?
29. Você se percebe como um homem diferente depois da chegada dos filhos? De que forma é diferente?
30. Como a paternidade afetou a sua forma de ver a masculinidade?
31. O que te motivou a falar sobre paternidade nas redes sociais? E quais foram as consequências disso? (só para quem tiver redes sociais ativas)

## Anexo C- Avaliação do comitê de ética

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE  
BRASÍLIA - UNICEUB



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A vivência ativa da paternidade e sua influência nos sentidos empregados pelos pais sobre masculinidade

**Pesquisador:** LUCAS ALVES AMARAL

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 50577121.5.0000.0023

**Instituição Proponente:** Centro Universitário de Brasília - UNICEUB

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER